

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
TECNOLÓGICO  
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**FRANCIELE DE ALMEIDA DE OLIVEIRA**

**NARRATIVAS EM TRÂNSITO: DECOLONIALIDADE, HISTÓRIA PÚBLICA E AS  
FAMÍLIAS SENEGALESAS MUÇULMANAS EM CAXIAS DO SUL**

**CAXIAS DO SUL**

**2022**

**FRANCIELE DE ALMEIDA DE OLIVEIRA**

**NARRATIVAS EM TRÂNSITO: DECOLONIALIDADE, HISTÓRIA PÚBLICA E AS  
FAMÍLIAS SENEGALESAS MUÇULMANAS EM CAXIAS DO SUL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Profissional em História, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em História.

Orientadora: Profa. Dra. Cristine Fortes Lia.

Coorientadora: Dra. Eliana Rela.

**CAXIAS DO SUL**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

O48n Oliveira, Franciele de Almeida de  
Narrativas em trânsito [recurso eletrônico] : decolonialidade, história pública e as famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul / Franciele de Almeida de Oliveira. – 2022.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

Orientação: Cristine Fortes Lia.

Coorientação: Eliana Relá.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. História - Estudo e ensino. 2. História pública. 3. Imigrantes - Caxias do Sul (RS). 4. Senegaleses - Caxias do Sul (RS) - Narrativas pessoais. 5. Muçulmanos. I. Lia, Cristine Fortes, orient. II. Relá, Eliana, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

# NARRATIVAS EM TRÂNSITO: DECOLONIALIDADE, HISTÓRIA PÚBLICA E AS FAMÍLIAS SENEGALESAS MUÇULMANAS EM CAXIAS DO SUL

*Franciele de Almeida de Oliveira*

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestra em História. Área de Concentração: Ensino de História. Linha de Pesquisa: Fontes e Linguagens.

Caxias do Sul, 05 de setembro de 2022.

Dra. Cristine Fortes Lia  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliana Rela  
Universidade de Caxias do Sul

Banca Examinadora:

Dra. Alessandra Buriol Farinha  
Universidade Federal do Pampa

Dra. Katani Maria Monteiro Rufatto  
Universidade de Caxias do Sul

*Dedico este trabalho aos estrangeiros em constante movimento pela vida, lutando, sobrevivendo, vivendo e construindo dias melhores. Sejam os estrangeiros de territórios, sejam os de si mesmo.*

## **AGRADECIMENTOS**

O seu momento de chegada aqui, leitor e leitora, marca o meu de saída do texto. Se aproprie dele, conheça algumas trajetórias, faça anotações e saiba que a muitas mãos ele foi feito. Traz a história de vida de quatro pessoas, uma comunidade de muitas gentes em movimento, do Senegal ao mundo. Injusto seria não começar os agradecendo pela gentileza de compartilhar seus relatos, projetos, trabalharmos juntos e pelo carinho de sempre. Em especial, a Fatou Sokhna, Fatou Diallo, Mariama Babji, chef Mamadou, Demba Sokhna e Cher Cheick.

Sem as pessoas que nos apoiam e caminham juntas conosco também não conseguimos fazer nada. Agradeço aos meus pais por me mostrarem a beleza do movimento migratório e serem sempre presentes. Aos familiares, amigos e colegas da pós-graduação pela escuta, paciência e bons momentos, em especial ao amigo de longa data, Arthur Maziero. Aos professores pelo olhar atento e disposição para compartilhar sempre o melhor conosco.

Faça uma boa viagem!

*Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui, diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.*

**Ailton Krenak**

## RESUMO

Este estudo está vinculado à linha de pesquisa Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História do Programa de Pós-Graduação Profissional em História da Universidade de Caxias do Sul. A imigração senegalesa trouxe para Caxias do Sul (RS) a cultura africana e o islã senegalês, elementos novos na cidade. Com base nisso, esta pesquisa tem como objetivo identificar as relações estabelecidas pelas famílias senegalesas muçulmanas com a cidade de Caxias do Sul, a fim de compreender o processo de reunificação familiar da imigração e explicitar a relação entre a base familiar e o aspecto religioso, em especial das mulheres senegalesas, o que evidencia, a partir de 2016, um novo momento do processo migratório. Motivadas pela reunificação familiar, as senegalesas ocupam papéis específicos dentro da comunidade, sendo mulheres, mães e muçulmanas. Por serem sujeitos africanos, negros e muçulmanos, há uma série de barreiras e preconceitos que far-se-ão presentes no deslocamento e no acolhimento na cidade migrada. Em decorrência disso, utiliza-se como perspectiva teórica a decolonialidade, uma vez que, desde o século XV, instaurou-se um modelo de classificação social dos indivíduos a partir de diferentes marcadores racistas e etnicistas. Visualmente acessíveis, esses marcadores determinam o lugar subalterno que diferentes povos ocupam, tendo sua humanidade e propriedade intelectual relativizadas. Além disso, partindo da demanda de parte da comunidade senegalesa, de serem ouvidos sobre a trajetória que os pertence e da escrita de sua história na cidade, tem-se como metodologia a História Oral. Assim sendo, foram utilizadas entrevistas, em sua maioria de mulheres, visando ao protagonismo das narrativas femininas. Ainda, foram analisadas fotografias feitas pela pesquisadora durante o percurso da pesquisa, com base na fotografia como testemunho através do tempo e que possibilita a presentificação desta pela visualidade. A partir desta dissertação, relacionando-a ao ensino de história, comunica-se e expõe-se os resultados da pesquisa para diferentes públicos, por meio de um projeto de exposição que prevê produção fotográfica, confecção de um catálogo, intervenção e ocupação urbana. A exposição traz um olhar mais humanizado sobre as imigrações do século XXI, principalmente sobre as famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul, contribuindo para uma sociedade mais justa, equitativa, antirracista e democrática.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Islã. Imigração senegalesa. Família. História pública.



## ABSTRACT

This study is linked to the research line Fontes e Acervos in Pesquisa e Docência em História in the professional post-graduation program in History at the Universidade de Caxias do Sul. The Senegalese immigration brought to Caxias do Sul (RS) the African culture and the Senegalese Islam religion, new elements to the city. Based on this, this research analyzes the established relationship between the Senegalese Muslim families and Caxias do Sul, in order to comprehend the process of family reunification of immigration and to make explicit the relationship between the family base and the religious aspect, specially of Senegalese women, which evidences, as of 2016, a new moment of the migratory process. Motivated by the family reunification, Senegalese women occupy specific roles within the society, being women, mothers and Muslims. Because they are African, black and Muslim people, there are a series of barriers and prejudices that will be present in the displacement and reception in the migrated city. As a result, decoloniality is used as a theoretical perspective, since the 15th century, a model of social classification of individuals is established based on different racist and ethnicist markers. Visually accessible, these markers determine the subordinate place that different people occupy, having their humanity and intellectual property relativized. Furthermore, based on part of the Senegalese community's demand for being heard about the trajectory that belongs to them and the process of making their history in the city, Oral History is used as methodology. Therefore, interviews were used, mostly of women, aiming at the protagonism of female narratives. And also photographs taken by the researcher during the course of the research were analyzed, based on photography as a testimony through time and that allows the presentification of this through visuality. Relating this dissertation to the teaching of the History subject, the research's results are communicated and exposed to different audiences, through an exhibition project that foresees photographic work, production of a catalog, urban intervention and occupation. The exhibition brings a more humanized look about the immigrations of the 21st century, especially about the Muslim Senegalese families in Caxias do Sul, contributing to a more just, equitable, anti-racist and democratic society.

**Keywords:** History Teaching. Islam. Senegalese Immigration. Family. Public History.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Babacar Queye	33
Figura 2 – Binetou Gueye	34
Figura 3 – Dia da apresentação do meu TCC	36
Figura 4 – Demba Sokhna, no Magal de Touba 2020, em Caxias do Sul	46
Figura 5 – 3ª edição do África Fashion e Diversidade: desfile de moda	49
Figura 6 – 3ª edição do África Fashion e Diversidade: guerreiros	50
Figura 7 – Ensaio do Festival África Fashion e Diversidade, no Teatro Pedro Parenti	51
Figura 8 – Localização de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul	54
Figura 9 – Campanha para vereador de Cher Cheikh, em Caxias do Sul	57
Figura 10 – Campanha para vereador de Cher Cheikh, em Caxias do Sul	58
Figura 11 – As senegalesas: Fatou Diallo, Mariama Babji e Fatou Sokhna	67
Figura 12 – Magal de Touba 2021, em Caxias do Sul	81
Figura 13 – Praça Dante Alighieri	106
Figura 14 – Praça do Trem	107
Figura 15 – <i>Moodboard e Concept book</i> (parte 1 – histórico)	109
Figura 16 – Fotos: Ver o outro	112
Figura 17 – Análise (famílias)	113
Figura 18 – Ilustração de Mathurin em exposição	115
Figura 19 – Colagem de lambe-lambe	116
Figura 20 – Execução (lambe-lambe)	117
Figura 21 – Execução (ver o outro e a exposição)	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – OBMigra: ocupações formais e rendimento mensal 2019	72
Quadro 2 – Distribuição absoluta dos imigrantes senegaleses cadastrados	84
Quadro 3 – Entrevistas realizadas entre 2018 e 2020, no projeto Fontes II, por Franciele Oliveira	85
Quadro 4 – Imigração senegalesa em Caxias do Sul: levantamento por sexo	95

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 DEMANDA SOCIAL, UM LUGAR PARA APRENDER</b>	<b>28</b>
2.1 CAMINHOS PERCORRIDOS	28
2.2 A HISTÓRIA PÚBLICA ENTRA EM CENA	35
2.3 VESTIR TEMPO E HISTÓRIA: PAPO COLETIVO E ÁFRICA <i>FASHION</i> E DIVERSIDADE	42
<b>3 FAMÍLIAS DA TERANGA EM CAXIAS DO SUL</b>	<b>54</b>
3.1 A COMUNIDADE MUÇULMANA EM CAXIAS DO SUL	54
<b>3.1.1 As senegalesas: a trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha</b>	<b>66</b>
<b>3.1.2 O caso dos senegaleses: uma revisão de literatura</b>	<b>76</b>
<b>3.1.3 História oral: narrativas em trânsito</b>	<b>83</b>
3.1.3.1 Mamadou Abdoul Sène	89
3.2 FAMÍLIAS DA TERANGA	93
<b>3.2.1 Ver o outro: história na rua, a exposição</b>	<b>103</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>125</b>
ENTREVISTAS	129
<b>ANEXO A – TABELA 05: EDITAL SEDAC Nº 13/2021</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DE OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO C – INFORMAÇÕES DO PROJETO CULTURAL</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO D – PLANEJAMENTO DE EXECUÇÃO DO PROJETO</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO E - CATÁLOGO VIRTUAL</b>	<b>144</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Viver demanda movimento. Mover, verbo transitivo direto, é o que dá sentido a esta História. Caxias do Sul, localizada na encosta superior do planalto do Rio Grande do Sul, recebeu, a partir de 2010, cerca de 2.389 imigrantes (2011-2016) vindos do Senegal em busca de trabalho, segundo dados do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) (AESC, c2019). A maioria desses imigrantes envia parte da renda obtida para o seu país de origem. Em 2015, as remessas enviadas por senegaleses residentes em outros países corresponderam a 17% do PIB do país (TEDESCO, 2017). Segundo o Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola (Fida/ONU, 2020)<sup>1</sup>, a maior parte do valor recebido pelos imigrantes permanece no país residente, mas a remessa de dinheiro enviada pode corresponder a 50% da renda da família que permaneceu no país de origem. Os movimentos feitos por esta comunidade diz respeito à sua família, e é sobre essas trajetórias que irei tratar aqui.

Movimento pressupõe mudança. Mudar de local de residência, para as famílias senegalesas ou parte delas, é uma das estratégias de manutenção do grupo. O sucesso de um filho imigrante é motivo de valorização da mãe, pois significa que ela cumpriu seu papel como genitora com êxito. Muitas vezes sendo as mães que reúnem dinheiro e auxiliam seu filho na saída do país de origem (TEDESCO, 2017). A imigração dota o indivíduo de um *status* e, nesse processo, há uma série de negociações e reinvenções do migrante em relação à sua estrutura familiar (CARMO, 2020). Os processos imigratórios, geralmente, são analisados na perspectiva econômica e referenciados como um processo masculino (OSMAN, 2009), no entanto, também migram mulheres, crianças e famílias.

As famílias senegalesas são muçulmanas, característica considerada “exótica” em Caxias do Sul (COSTA; LIA, 2018), uma vez que a religião de predomínio da cidade é outra, o cristianismo. Porém, o Islã é presente, nessa região, desde a década de 1980, com a imigração palestina<sup>2</sup>, mas suas manifestações

---

<sup>1</sup> Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020

<sup>2</sup> Durante o século XX, os palestinos passaram por perdas territoriais significativas com a criação do Estado de Israel em 1948 e a guerra árabe-israelense, iniciando o processo de imigração de refugiados. A cidade de Caxias do Sul recebeu imigrantes palestinos muçulmanos a partir dos anos 1980, não se sabe o número exato de imigrantes, mas são conhecidos na cidade atualmente como

religiosas ficaram restritas a espaços privados (COSTA; LIA, 2018). Já com a imigração senegalesa, o Islã passa a ocupar espaços públicos e vem ganhando destaque na mídia local.

A diferença religiosa com a comunidade tradicional católica da região demarcou um espaço reivindicado e legitimado pela própria comunidade senegalesa. Ser muçulmano passou a ter um caráter de diferenciação positiva no âmbito moral em relação a outros grupos migratórios e uma forma de não assimilação à cultural local cristã (CARMO, 2020). Para essas famílias que vêm de diferentes regiões do Senegal, há, em comum, o ser estrangeiro, senegalês, negro e muçulmano em Caxias do Sul. A religião como elemento de integração e pertencimento grupal (DEMANT, 2015) fortalece dentro desse contexto a *umma*<sup>3</sup> muçulmana senegalesa, mesmo que dentro da própria comunidade existam diferentes Islãs (mourides, tidianes, laienes e religiosos do ramo mouride baye fall) (CARMO, 2020).

A imigração senegalesa traz para o debate acadêmico as novas tendências mundiais de imigração Sul-Sul. Segundo o relatório de 2018 do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) (ANTÔNIO; OLIVEIRA; MACEDO, 2018)<sup>4</sup>, os 6 países com mais registros de entradas a longo termo no Brasil são todos do hemisfério Sul e, em sua maioria, latinos. Destes, 37,02% são mulheres, apresentando uma tendência à fixação feminina se comparada à taxa de 25,27% de registros femininos para migrantes temporárias. Além disso, os vistos temporários são, em grande parte, concedidos a migrantes dos países do Norte. A nacionalidade com mais autorizações concedidas para trabalho, no Brasil, em 2017, foi a senegalesa, tendo 2.285 liberações. Apesar disso, os senegaleses não estão entre os 10 países com trabalhadores imigrantes regularizados no país. Ainda, no primeiro semestre de 2018, eles também aparecem com saldo negativo de contratações no mercado brasileiro de trabalho formal.

---

“turcos” e possuem empreendimentos no centro da cidade, comercializando principalmente roupas e atuando no terceiro setor.

<sup>3</sup> *Umma* refere-se à formação de comunidades ligadas pelo Islã, mesmo que o grupo apresente diferenças, são unidos pela fé em Allah.

<sup>4</sup> ANTÔNIO, Leonardo Cavalcanti; OLIVEIRA, Tadeu de; MACEDO, Marília de (org.). **Relatório anual 2018: migrações e mercado de trabalho no Brasil**. Brasília, DF: Obmigra, 2018. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados\\_anuais/RELATORIO\\_ANUAL\\_2018.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados_anuais/RELATORIO_ANUAL_2018.pdf). Acesso em: 23 jul. 2022.

O movimento migratório Sul-Sul coloca em xeque a problemática das relações político-econômicas com o Norte, mas também as questões históricas. Com as proibições e as políticas que dificultam a entrada de migrantes pelos países do Norte e a emergência de países como o Brasil, esse redirecionamento modificou a própria noção de fronteira e das categorias migratórias (BAENINGER, 2018). Os países do Norte ainda gozam de prestígio pela subserviência e exploração do Sul-Global desde o século XV. Assentado numa relação de poder desigual que se baseia na diferenciação racial e/ou étnica dos corpos a nível global (QUIJANO, 2007), a colonialidade impacta diretamente nas noções e vivências dos grupos migratórios, que mesmo com a emergência de países do Sul, ainda tem como destino majoritário ideal o Norte.

No que concerne às pessoas participantes deste estudo, além de serem africanas e negras, também são muçulmanas, multiplicando o peso das discriminações e estereótipos sobre o grupo. Hoje, a comunidade muçulmana sofre com a depreciação da religião pelo Ocidente, consolidada com o 11 de setembro de 2001<sup>5</sup> (ARMSTRONG, 2001), sendo sempre associada ao terrorismo.

Até aqui, foi realizada uma sucinta contextualização acerca da imigração em Caxias do Sul, localizada na Serra, no Sul do Brasil. Cidade essa que iniciou como colônia do império brasileiro, recebendo imigrantes europeus no final do século XIX, em sua maioria da região Norte do atual país Itália. Caxias buscou constituir-se, historicamente, como um recanto europeu na Serra (COSTA; LIA, 2018), preservando e exaltando os valores da fé católica e do trabalho da imigração italiana. A imigração senegalesa chega à cidade promovendo uma nova paisagem, trazendo novos sons, cores, conhecimentos, esperanças, homens, mulheres e crianças em seu movimento migratório Sul-Sul.

Considerando tudo isso, este estudo identificar as relações estabelecidas pelas famílias senegalesas muçulmanas com a cidade de Caxias do Sul, compreendendo o processo de reunificação familiar da imigração e explicitando a relação entre a base familiar e o aspecto religioso. Esta pesquisa vai para o social a

---

<sup>5</sup> Em 11 de setembro 2001, Al-Qaeda coloca em prática um novo tipo terrorismo, o terror global utilizado por grupos independentes para fins próprios. Durante o século XX, o terrorismo tinha um caráter político e era usado como um último recurso pelos Estados contra civis. Se até então ocorria apenas em Estados problemáticos, no século XXI desenvolveu um caráter globalizado. A partir do 11 de setembro, o número de atentados aumenta e o medo estimula novos ataques. Associada ao episódio, a comunidade muçulmana passa a ser sinônimo de terrorista (LIA, 2019), como resultado do que se constituiu no imaginário social veiculado pela mídia internacional.

partir do ensino de história, comunicando e expondo seus resultados para diferentes públicos, por meio de um projeto de exposição fotográfica ancorado nos pressupostos da História Pública. A exposição busca sensibilizar e possibilitar um contato imagético com o outro e consigo, por intermédio da experiência estética, um olhar mais humanizado, contribuindo para uma sociedade mais justa, equitativa, antirracista e democrática.

Este estudo é continuidade de um projeto<sup>6</sup> que, desde 2018, pesquisa o Islã senegalês na região da Serra Gaúcha, realizado na Universidade de Caxias do Sul, junto ao Programa de Pós-Graduação em História e ao Instituto Religare. Iniciado a partir de uma demanda por parte dos próprios imigrantes, os quais desejavam ser ouvidos quanto à trajetória que os pertence e, especialmente, participar da escrita de sua História na cidade (LIA; OLIVEIRA, 2018). Essa demanda foi percebida nos eventos acadêmicos, em que integrantes da comunidade questionaram a ausência deles em mesas temáticas sobre a própria imigração. A intenção com a pesquisa não é dar voz, e sim ouvi-los e aprender com esses sujeitos, a partir de suas trajetórias e suas percepções da realidade social e histórica. Além disso, a comunidade vem ganhando seu espaço através das atuações públicas na política, na cultura e na sociedade caxiense.

Inicialmente, o foco do projeto era o estudo da relação entre trabalho e religiosidade, no entanto, o mesmo ganhou novos significados quando se passou a ouvir as mulheres, as quais, até então, raramente estavam presente nos estudos e em outros espaços de visibilidade pública. É com as mulheres que a família se fez presente nas narrativas, indo para além do trabalho; com isso, apareceram, também, as crianças, as saudades e outras dimensões afetivas e sensíveis da imigração. De 2018 a 2020, foram realizadas 23 entrevistas na cidade de Caxias do Sul, somadas com observação participante. E, também em 2018, foram feitas 18 entrevistas com roteiro estruturado com imigrantes senegaleses e 6 entrevistas com lojistas, gerentes e gestores de produção da cidade. Das 18 entrevistas, apenas uma foi realizada com uma mulher, Binetou Gueye<sup>7</sup>, e foi quando a temática sobre a família

---

<sup>6</sup> Em 2018 e 2019, atuei como bolsista de pesquisa BIC-UCS no projeto Fontes II, realizando as entrevistas e o trabalho de campo junto à comunidade muçulmana.

<sup>7</sup> GUEYE, Binetou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2018.



apareceu pela primeira vez<sup>8</sup> para além das questões laborais e do envio de dinheiro para familiares que permanecem no Senegal.

A entrevista de Binetou<sup>9</sup> foi o ponto de partida para o estudo realizado em 2019<sup>10</sup> sobre as mulheres senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul, pois, em comparação com as demais entrevistas de 2018 – todas realizadas com homens – chamou atenção por apontar diferentes questões da imigração e ser a única mulher naquele momento atuando com comércio de rua. Direcionando o olhar para as mulheres, percebeu-se que de modo geral, as senegalesas têm menos espaço nas produções acadêmicas, em função de virem em menor número em relação aos homens. Em 2019, pelo direcionamento que propus a partir da lacuna nas produções, o projeto da UCS seguiu para as senegalesas. Para Herédia e Gonçalves (2017, p. 9), “o número de mulheres é pouco expressivo, mas já representa que a migração não é apenas masculina. A saída da mulher da sociedade de origem é bem mais difícil do que a do homem, principalmente quando analisada pelo aspecto cultural”.

As senegalesas, além de virem em menor número, são mais difíceis de contatar por questões culturais e linguísticas. Como os senegaleses, em geral, vêm antes, nesse caso, os maridos e familiares das senegalesas, e nesta cultura, o homem é responsável pelo sustento (HERÉDIA; GONÇALVES, 2017), as mulheres, muitas vezes, não dominam o português e ficam mais restritas a espaços privados. As lideranças e figuras mais representativas da comunidade senegalesa, na cidade caxiense, são homens, e somente pela indicação deles é que foi possível chegar até as mulheres. A partir de 2016, a imigração de mulheres imigrantes senegalesas, em Caxias do Sul, aumentou, evidenciando um novo momento do processo migratório da comunidade no município, marcado também pela reunificação da família nuclear. Para Sahko, Diop, Mboup e Diadiou (2015), entre 1975 e 2008, a imigração feminina do Senegal cresceu, contribuindo para a renda das famílias africanas.

---

<sup>8</sup> Durante a entrevista, ela comentou que deram carne de porco para seu filho em uma das escolas infantis da cidade, algo proibido dentro do Islã. Além disso, ela precisou se ausentar da sua banca de vendas para ir à sua casa resolver questões familiares.

<sup>9</sup> GUEYE, Binetou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2018.

<sup>10</sup> Em 2019, produziu-se o audiovisual e a monografia intitulados *As senegalesas: a trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha*, os quais inspiraram a realização dos projetos Papo Coletivo e Movi: Saberes e Fazeres Migrantes.

A família é um fenômeno além de biológico, é cultural, social e histórico. É uma instituição privada que perpassa pela esfera pública (SILVA; SILVA, 2019) e é responsável pela formação e socialização do indivíduo. Em se tratando de uma comunidade muçulmana, a família é um valor sagrado do Islã. O Islã é ensinado para as crianças senegalesas pela família desde muito cedo, sendo um elemento de integração e pertencimento grupal (DEMANT, 2015). É possível perceber que as mulheres senegalesas se autodeterminam por meio da constituição da família e da maternidade. As famílias senegalesas também trouxeram para a cidade diferentes configurações familiares, visto que em alguns lugares da África as categorias familiares são situacionais e não necessariamente por vínculos biológicos (OYÈWÚMI, 2017). Primos são considerados irmãos, assim como pais e mães podem ser reconhecidos como tais mesmo não havendo laço consanguíneo. Pensar a família é essencial para compreender as características históricas e religiosas da comunidade, assim como a inserção social e relações dos senegaleses com a cidade de Caxias do Sul.

Quanto a isso e a esta dissertação, para ouvir a história da comunidade senegalesa, utilizou-se como metodologia a história oral. Atualmente, no Brasil, a fonte oral é o meio mais utilizado nas pesquisas sobre imigração (MAGALHÃES, 2017). Aliada à pesquisa bibliográfica, ela possibilita espaço para a escuta da narrativa de sujeitos historicamente excluídos por causa de sua classe, cor ou etnia, dando vida às macroestruturas aparentemente tão distantes (ALBERTI, 2019).

Para Meihy e Holanda (2007), o que difere a História Oral das entrevistas convencionais é a especificação dos critérios da condução das entrevistas, por isso, para esta pesquisa foi trabalhado o gênero da história oral de vida. Nesse gênero, as narrativas individuais são o mais importante, independentemente da comprovação em outros documentos, possibilitando um olhar mais subjetivo para a experiência dos sujeitos (SILVA, 2002). A certeza, os silêncios, as omissões e as distorções são partes essenciais na análise das fontes, visto que elas são parte da narrativa da história de vida construída pelo narrador em determinado contexto, decorrentes das seleções e arranjos da memória de cada sujeito (MEIHY; HOLANDA, 2007). A análise tem como base a narrativa oral da trajetória histórica individual do sujeito de si mesmo. Uma trajetória que aqui é compartilhada pela vivência de ser imigrante-africana-muçulmana em Caxias do Sul, uma comunidade de experiência vivida (SILVA, 2002).

Para esta pesquisa, foram selecionadas 4 entrevistas por seu conteúdo qualitativo e mais relacionadas ao tema, 3 delas com mulheres, visando ao protagonismo das narrativas femininas, e uma com um senegalês residente no Brasil há 40 anos. Ainda, foram utilizados os dados coletados das demais entrevistas para contextualização. Três são parte do estudo realizado em 2019 com as senegalesas, somando mais de duas horas de entrevista utilizando como metodologia a história oral de vida. O roteiro prévio utilizado foi organizado em eixos temáticos que vão desde a infância das senegalesas, ao processo migratório, às questões religiosas e aos planos para o futuro.

Quando se utiliza história oral de vida, opta-se por um roteiro mais “livre” (MEIHY; SEARIGHT, 2020). Porém, enquanto bolsista de pesquisa BIC-UCS, atuando com a comunidade senegalesa pelo projeto Fontes II, fazendo uso da história oral, fui percebendo a dificuldade de alguns depoentes com a língua portuguesa e a falta de entendimento de algumas palavras e conceitos. O roteiro, em alguns momentos, foi sendo dispensado conforme a entrevista transcorria. A quarta entrevista utilizada foi realizada via Google Meet, em 2021, com Mamadou, utilizando o mesmo roteiro. Residente em Porto Alegre, ele faz parte de outro momento imigratório na década de 80, agregando elementos na pesquisa sobre os contextos da imigração e das famílias senegalesas. A entrevista com mais de uma hora de duração possibilita uma outra percepção do deslocamento senegalês no século XXI para o Brasil. Mesmo não residindo em Caxias do Sul, Mamadou visita a cidade e sua relação com o projeto é na perspectiva de um imigrante que não veio motivado por uma situação laboral de crise econômica, mas sim por opção e auxiliou diferentes migrantes, inclusive os de Caxias, na recepção, entrada no mercado de trabalho e qualificação. Além disso, é característico dos senegaleses uma constante mudança de local e as cidades podem ser pensadas historicamente também por estes trânsitos de pessoas.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa, cabe dizer que, durante a escrita dela, muitos desafios ocorreram, como o da pandemia da covid-19, ocorrida, no Brasil, a partir de 2020, a qual requereu isolamento devido à propagação do coronavírus, bem como a dificuldade em entrar em contato com as entrevistadas, a execução das entrevistas e as dificuldades econômicas e tecnológicas. Além disso, é preciso considerar as questões econômicas e trabalhistas afetadas durante esse período. A nível nacional, segundo dados do IBGE, nos últimos meses de 2020

foram batidos os recordes de desemprego no Brasil, fechando o ano com a pior média de desemprego dos últimos 30 anos<sup>11</sup>. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) (BRASIL, 2021) covid19, os mais afetados pelo desemprego em 2020 foram as mulheres, os negros e os jovens. No caso da imigração senegalesa, as atividades laborais em Caxias do Sul, entre 2010 e 2014, eram acompanhadas de precariedade, baixos salários e informalidade (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015). Na referida pesquisa realizada sobre as mulheres senegalesas muçulmanas em 2019, foi comum a afirmação de que a imigração para o Brasil frustrou as expectativas dos senegaleses, principalmente com relação aos salários e custo de vida (OLIVEIRA, 2019). Possivelmente, o quadro econômico da comunidade na cidade tenha se agravado com a pandemia. Para Demba Sokhna (2021)<sup>12</sup>, imigrante senegalês residente em Caxias do Sul há 8 anos:

Se o próprio pessoal daqui tão com dificuldade em algumas coisas, imagina nós que viemos para oportunidade né. Então a gente nota que houve muita queda na venda, na compra das coisas também.... No trabalho sabe, todo mundo tá trabalhando no máximo, mais ou menos trinta por cento do que a gente trabalhava antes né. [...] a gente sente também que a pandemia teve um impacto muito grande no nosso trabalho, no nosso dia a dia. Porque todo mundo sabe que assim ó, a população migratória manda dinheiro pra seus parentes né<sup>13</sup>.

Além da fonte oral, foram utilizadas, para esta pesquisa, anotações que eu fiz como observadora-participante e os dados sistematizados pelo Centro de Atendimento ao Migrante em Caxias do Sul (CAM)<sup>14</sup>, presentes nas obras de

<sup>11</sup> GARCIA, Diego; CUCOLO, Eduardo. Desemprego na Covid supera o pior da mais longa recessão: desocupação de 13,5% em 2020 bate o recorde estabelecido na crise de 2014-2016. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 fev. 2021. Mercado, n. p. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/desemprego-na-covid-supera-o-pior-da-mais-longa-recessao.shtml>. Acesso em: 23 maio 2021.

<sup>12</sup> SOKHNA, Demba. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, ago. 2021. Transcrição literal: “Se o próprio pessoal daqui tão com dificuldade em algumas coisas, imagina nois que viemo pra oportunidade né. Então a gente nota que ã deu muita queda né na venda, na compra das coisas também.... No trabalho sabe, todo mundo tá trabalhando no máximo, mais ou menos trinta por cento do que a gente trabalhava antes né. [...] a gente sente também que a pandemia teve um impacto muito grande no nosso trabalho, no nosso dia a dia. Porque todo mundo sabe que assim ó, a população migratória manda dinheiro pra pra pra seus parentes né”.

<sup>13</sup> Nesta pesquisa, utilizou-se a transcrição literal para preservar, na medida do possível, as marcas da individualidade e características da fala comunidade e apropriação da língua portuguesa. Porém, como isso também dificulta a leitura do código escrito, as mesmas entrevistas estarão com algumas correções ortográficas no texto e a transcrição literal no rodapé.

<sup>14</sup> Os dados do CAM estão disponíveis nas obras: *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil*, financiado pela FAPERGS, de autoria de Herédia e Pandolfi (2015); e em *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*, organizado pelo Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC) da Universidade de Passo Fundo, sob autoria de Herédia e Gonçalves (2017).

Herédia e Pandolfi (2015) e de Herédia e Gonçalves (2017). A observação participante é uma metodologia que permite ao pesquisador vivenciar pessoalmente eventos relacionados ao seu objeto de análise, por meio de incursões e do estabelecimento de um relacionamento multilateral e longo com a comunidade<sup>15</sup> (PROENÇA, 2007).

Assim sendo, pela observação participante, foi possível analisar e perceber algumas das informações contidas nas narrativas a partir de uma abordagem qualitativa. Em 2019, aproximando-se da comunidade, participei de eventos e festividades que foram essenciais para conhecer melhor tanto a comunidade, quanto às mulheres participantes deste estudo. Cabe destacar que não foram só observações de campo, mas também muita escuta, diálogo, aprendizados e amizades. A imigração é um processo complexo e difícil muitas vezes, mas essas pessoas têm consigo sua generosidade e acolhida.

Dentre as anotações realizadas na observação participante, estão fotografias feitas por mim em diferentes momentos, além das enviadas pelas entrevistadas. Ao longo dos capítulos, elas são analisadas e compõem parte da narrativa por meio da experiência visual. A fotografia – pela sua especificidade de apreensão visual de um determinado momento – atua como uma reserva de memória e produtora de sentido. A produção de sentido constitui-se entre o emissor e o receptor da mensagem fotográfica, assim como do contexto histórico da sua produção.

Consoante isso, para Mauad (2014, p. 109), “as imagens possuem uma biografia, que ensejam trajetórias nem sempre lineares, o que implica afirmar que não existe uma história por detrás das imagens, mas imagens que fazem história”. Enquanto objeto de problematização do passado, a fotografia nos permite acessar um instante cheio de tessituras da realidade social através das perguntas levando em consideração sua natureza material e trajetórias (MAUAD, 2016). Por meio da observação participante, observou-se que as ferramentas audiovisuais eram acessadas pela comunidade senegalesa, incorporando, assim, à História pública a pesquisa como devolutiva à comunidade, a partir de produtos culturais e da divulgação das suas narrativas para além das produções científicas. Nesse processo, atuei como pesquisadora e, também, colega de trabalho em algumas

---

<sup>15</sup> Neste estudo, não uso como metodologia a etnografia.

iniciativas, como na 3ª edição do Festival *África Fashion* e Diversidade, sobre o qual se aborda mais no segundo capítulo.

Dito isso, esta pesquisa está concentrada dentro da área do Ensino de História e, por se tratar de um mestrado profissional, demanda, além do texto dissertativo, a produção de um “produto” que comunique a pesquisa. É justamente por essa característica que escolhi esse programa de pós-graduação, pautada numa ideia de História atenta para as demandas sociais, disposta e engajada a dialogar e ouvir as comunidades e os diversos sujeitos sociais. Dar vida a História, como afirma Rovai (2018), torná-la útil para aqueles das quais essas narrativas tratam, promover debates e fomentar políticas públicas, circulando os saberes e as produções que estão fora dos muros da academia em espaços não formais de educação também.

Ainda, segundo Rovai, a História Pública (2018, p. 186)

é um campo da História que compreende posicionamento político - e não se confunda este termo com partidarismo ou doutrinação -, responsabilidade e compromisso em relação à produção, divulgação e circulação sobre os acontecimentos históricos, entendidos não mais na sua dimensão exclusiva da macro-história e nem do privilégio de poucos, mas em experiências cotidianas que são valorizadas e significam as vidas de “pequenos e grandes”.

Demanda ética, política e responsabilidade para com a divulgação, produção e circulação da História e, principalmente, um olhar atento para a alteridade. Ao longo do caminho, foi incorporada à pesquisa a perspectiva decolonial como quadro teórico, visto que são mulheres e homens negros, muçulmanos, africanos e sul-periféricos, e todas essas categorias vão impactar, diretamente, no movimento migratório, no seu acolhimento na cidade e como serão vistos.

Ou seja, a decolonialidade, nesse sentido, pode ser pensada como um movimento intelectual latino-americano que busca a desconstrução da produção de conhecimento e a libertação de povos subalternizados e racializados dos padrões e perspectivas impostas pela episteme eurocêntrica, constituída na modernidade. Uma ruptura com a colonialidade na produção de conhecimentos, buscando nas histórias e saberes locais uma fonte potente para pensar e atuar no mundo sem relativizar a humanidade dos povos. Com base na decolonialidade, foram priorizados autores africanos e latino-americanos para compor o quadro teórico e de discussões do texto. É preciso ler os nossos e aqueles que, muitas vezes, ficam à margem dentro

da academia por não comporem o cânone que é, em sua maioria, formado por homens, brancos, europeus ou norte-americanos.

Após a Segunda Guerra Mundial e os processos de independência das colônias africanas e asiáticas no século XX, um grupo de intelectuais pós-colonialistas propuseram uma abordagem crítica e reflexiva sobre a temporalidade e a crise epistemológica. A Europa já não era mais o centro do mundo e era preciso estudar o impacto de séculos de colonização e intervenção nos países do Sul-Global. Dentro do contexto do movimento do pós-colonialismo, surge, em 1980, o Grupo de Estudos da Subalternidade do Sul da Ásia (*Subaltern Studies Group (SSG) ou Subaltern Studies Colletive*), liderado pelo historiador Ranajit Guha. O grupo, por meio de diversas publicações, se propôs a estudar as comunidades subalternas silenciadas e o discurso colonialista na Índia. Guha foi um dos pioneiros a pensar a condição dos sujeitos a partir do problema colonial (COSTA; GROSGUÉL, 2016).

Em 1992 foi formado o Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos (GLES), composto por estudiosos latino-americanos em crítica e resposta ao pós-colonialismo. A crítica ao pós-colonialismo reside, justamente, na sua composição por teóricos de universidades europeias e estadunidenses, tendo como base interpretações universalizantes sobre a experiência colonial, obliterando as histórias locais e a possibilidade de epistemes não europeias e norte-americanas. O GLES, inspirado no trabalho de Guha e de outros pensadores, faz um esforço no sentido de romper com a tradição euro-americano de pensamento. Mas o grupo rompeu anos mais tarde por utilizar teóricos europeus, como Gramsci e Foucault. Já em 1998, organiza-se o Grupo Modernidade/Colonialidade, situado em um movimento epistemológico, ético e político de resistência às novas formas que a colonialidade assumiu com os eventos do século XX.

No que diz respeito ao projeto decolonial, ele “busca superar um aparato cognitivo patriarcal, racista e eurocêntrico em prol das possibilidades que emergem dos povos, outrora ou ainda subjugados” (GOMES, 2018, p. 16)<sup>16</sup>. Diferentemente do pós-colonialismo, a decolonialidade entende que as fronteiras e os espaços não são

---

<sup>16</sup> Para mais informações, sugere-se ler: GOMES, Geisiane Anatólia. **Decolonialismo e crítica à história única**: possibilidades para a historiografia sobre os povos originários do Brasil. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018. Disponível em: [https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10489/1/DISSERTA%3%87%3%83O\\_Decoloni%3%adticaHist%3%b3ria.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10489/1/DISSERTA%3%87%3%83O_Decoloni%3%adticaHist%3%b3ria.pdf). Acesso em: 23 maio 2021.

apenas demarcadores das diferenças e das relações de poder, e sim se vê a potencialidade dos conhecimentos nas formas de ser, viver e saberes produzidos nesses territórios subalternos e pelos seus sujeitos (COSTA; GROSFOGUEL, 2016). Ainda, segundo Costa e Grosfoguel (2016, não paginado), o projeto decolonial consiste “numa prática de oposição e intervenção, que surgiu no momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais que se iniciou em 1492”.

A herança colonial e seu padrão específico de poder impactam as sociedades até hoje (QUIJANO, 2007). Através do colonialismo – que aqui é compreendido como uma estrutura de dominação e de exploração com autoridade política em outra jurisdição territorial (QUIJANO, 2007) – os europeus invadiram e exploraram diferentes grupos e sociedades nas geoculturas definidas pelos mesmos: América, África e Ásia. Sob a proteção de Deus, grupos foram exterminados e escravizados. Para Césaire (1978, p. 17), a colonização coisifica o humano e desperta o colonizador “para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral”. A partir da dominação colonial e da exploração ultramar, constituiu-se a colonialidade, lançando as bases do capitalismo moderno. A colonialidade engendrou-se dentro do colonialismo e possibilitou a constituição do “padrão mundial do poder capitalista” (QUIJANO, 2007, p. 73).

Consoante isso, nas palavras de Quijano (2007, p. 73), a colonialidade

sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos da existência social quotidiana e da escala societal.

Os centros de dominação intelectual e moral tornam-se padrões sociais e mundiais, no entanto, seu centro hegemônico permanece na Europa Ocidental ou no Ocidente. Intelectualmente, durante o século XVII, constituía-se a forma de produzir conhecimento, a qual sustentaria as bases da modernidade, o racionalismo. O conhecimento que “dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo” (QUIJANO, 2007, p. 74): a quantificação, a objetivação e o controle da relação dos indivíduos com a natureza. Controlando a forma de saber, produzir e a relação com os bens naturais, dominam-se as formas e os meios de produção, expropriando o indivíduo destes e tirando as bases de sua sobrevivência.



Naturalizada como a única forma de conhecimento válida, o racionalismo, mesmo que em crise na atualidade, mantém o pensamento e o padrão eurocêntrico como “o nível mais avançado no caminho linear, unidirecional e contínuo da espécie” (QUIJANO, 2007, p. 75). Apesar de haver um movimento de crítica à hegemonia eurocêntrica em suas mais diversas facetas, vivemos uma transição do colonialismo moderno para a colonialidade global, em que os processos de dominação foram alterados, porém, as estruturas centro-periferia permanecem (GÓMES; GROSFUGUEL, 2007). Desse modo, “el capitalismo global contemporáneo resignifica, en un formato posmoderno, las exclusiones provocadas por las jerarquías epistémicas, espirituales, raciales/étnicas y de género/sexualidade desplegadas por la modernidad”, segundo Gómes e Grosfoguel (2007, p. 14).

Pela colonialidade, foi cristalizada a concepção de humanidade com base na diferenciação (QUIJANO, 2007). As diferenças fenotípicas, de cor de pele, cabelo, cor dos olhos, tamanho do crânio e outras, foram os marcadores das identidades raciais e de subjugação dos indivíduos. Segundo Quijano (2007, p. 104), no “capitalismo mundial, são a questão do trabalho, da raça e do gênero, as três instâncias centrais a respeito das quais se ordenam as relações de exploração/dominação/conflito.” A colonialidade assenta suas bases na classificação social dos indivíduos a partir de diferentes marcadores racistas e etnicistas, visualmente acessíveis. A diferença no pensamento ocidental é entendida como degeneração, seja moral, seja física, e a razão da sua subordinação social (OYĒWÚMI, 1997). Para Oyĕwù mí (2002, p. 27), ‘*el destino es biológico*’ no Ocidente, o determinismo e as explicações biológicas são as teorias prevalentes constituindo uma sociedade ligada ao corpo.

O corpo está visível, à vista, e é nessa visualidade que a diferença é determinada. Segundo Oyĕwù mí (2002): “Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, pode-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas”. A importância do corpo na sociedade Ocidental está intimamente ligada à visão, uma vez que, para Oyĕwù mí (2002), a “diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao ‘ver’. O olhar é um convite para diferenciar.” O próprio termo “cosmovisão” – utilizado para explicar o modo de percepção do mundo, concepções ou visão de mundo de uma sociedade ou grupo – é um exemplo disso. Para Oyĕwù mí (1997, p. 4): “Mulheres, povos primitivos, judeus, africanos,

pobres e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com o rótulo de ‘diferente’ [...] foram consideradas como corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas”.

O Ocidente, homogeneizando as experiências humanas, definiu em suas teorias eurocêntricas o humano (OYÈWÚMI, 2017). A hegemonia europeia é aqui compreendida como “a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeias.” (SAID, 2007, p. 19). O centro do conhecimento concentrou-se nesses espaços pelo poder da colonialidade e pela classificação social (QUIJANO, 2007). Na academia não seria diferente: esse processo é perceptível quando os grandes historiadores, as poucas mulheres e os grandes teóricos são, em sua maioria, europeus e estadunidenses. Oyèwùmí (1997), propõe a atualização do termo eurocêntrico para *Westocentric*, *ocidentecentrico*<sup>17</sup> ou *euro-americano*<sup>18</sup>, para incluir os Estados Unidos (EUA) da América. Esse termo será utilizado nesta dissertação por dar conta da realidade atual do poder hegemônico que a Europa Ocidental e os EUA mantêm em escala global na política, economia e nas relações subjetivas.

Na África, ainda há um predomínio de teóricos ocidentais nos estudos e na academia, assim como no Brasil e na América Latina como um todo. Essa dependência teórica e conceitual é, também, fruto da colonialidade, sendo ciências como a História construções ocidentais. As perguntas, os conceitos já formulados e os apontamentos teóricos, quer na África, quer na América Latina, partem dessa experiência do passado colonial. Há um esforço a partir do século XX de estudiosos de crítica à colonialidade e de olhares para a produção de conhecimento local/regional. Entretanto, para Oyèwùmí (1997), a África ainda está imobilizada em um abraço com o Ocidente, e o desafio é como e quanto irá se libertar.

No final do século XIX e início do XX, durante o desenvolvimento do capitalismo monopolista, o continente africano é inteiramente e diretamente dominado pelos europeus. Com a aparente missão civilizadora de acabar com a escravidão, as potências europeias partilharam a África na Conferência de Berlim. Mas o que de fato estava em disputa eram os mercados consumidores, a extração de matéria-prima e a mão de obra barata para alimentar a nova fase do sistema econômico. Durante esse período pós-segunda revolução industrial, a tecnologia

---

<sup>17</sup> Tradução livre feita por mim.

<sup>18</sup> Termo também utilizado na tradução da tese de doutorado da autora.

possibilitou o acesso ao interior do continente pelas estradas de ferro e o desenvolvimento de armamento sofisticado (MACEDO, 2019). Mesmo com o desenvolvimento da indústria farmacêutica, os europeus tinham os insetos transmissores de doença (malária, febre-amarela e a doença do sono) como um dos seus maiores inimigos para acessar o interior do continente (MACEDO, 2019).

Para acessar o interior da África, houve um movimento, a partir do século XVIII, de mapeamento e de cartografia do continente. Em 1788, é fundada, na Inglaterra, a *African Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa*, mais tarde chamada (e ainda existente) de *Royal Geographical Society of London*. Quanto a isso, segundo Cunha e Carvalho (2015, p. 320), a associação tinha como objetivo “a publicação de descobrimentos e textos geográficos, auxílio nas explorações e formação de exploradores. Além disso, a constituição de uma biblioteca geográfica e uma cartográfica”. As publicações serviram para alimentar e instigar a curiosidade de muitos exploradores e instituições que patrocinavam as incursões. As ciências, também valorizadas e utilizadas pelos Estados Europeus, tinham nessas publicações a legitimação simbólica do conhecimento europeu sob os nativos vistos ora como selvagens, ora como inocentes. As expedições “consolidariam o poderio dos Estados colonizadores” (CUNHA; CARVALHO, 2015, p. 322).

Francis Galton (1822-1911), conhecido como pai da eugenia, antes de iniciar suas publicações sobre o tema, a partir de 1865, viajou como explorador para a África do Sul. Apesar da sua constante preocupação com ataques de leões, Galton faz sua incursão de exploração em comunidades como a dos Namaquas, Damaras e Ovampo. Identificou algumas comunidades como nojentas e sujas, dizendo “*were so filthy and disgusting in every way, and made themselves very troublesome.*” (GALTON *apud* CUNHA; CARVALHO, 2015, p. 329)<sup>19</sup>.

Já outras aparecem como mais “civilizadas” se comparadas aos trabalhadores ingleses (CUNHA; CARVALHO, 2015). De acordo com Cunha e Carvalho (2015, p. 330), as “comparações entre seus valores da sociedade inglesa com o novo território tornaram-se recorrentes. Talvez, uma forma de compreender aqueles o ‘Outro’ estaria em tentar definir semelhanças e diferenças com a sua

---

<sup>19</sup> CUNHA, F. L. da; CARVALHO, L. D. de. Relatos de explorador inglês: uma perspectiva da viagem de Francis Galton pelo sudoeste da África (1850-1852). *Sæculum: Revista de História*, [S. l.], n. 33, p. 319–337, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/27729>. Acesso em: 23 maio 2021.

própria sociedade”. Para Oyěwùmí (1997, p. 59), “en Occidente lo Outro se describe mejor como otro cuerpo – apartado y distante”. Um outro corpo com identidades raciais/étnicas: índios, negros, amarelos, brancos e mestiços. Galton também registra suas percepções a respeito da semelhança de algumas comunidades com as características do anatômicas do rosto criminoso/delinquente presente na Inglaterra:

The greater part of the Hottentots about me had that peculiar set of features which is so characteristic of bad characters in England, and so general among prisoners that it is usually, I believe, known by the name of the ‘felon face’; I mean that they have prominent cheek bones, bullet shaped head, cowering but restless eyes, and heavy sensual lips, and added to this a shackling dress and manner (GALTON *apud* CUNHA; CARVALHO, 2015, p. 331).

O corpo aparece como visualização de uma conduta social do indivíduo. Galton, após 1865, iniciaria seus estudos antropométricos, criando sua teoria da hereditariedade e da eugenia. Quanto a isso, para Diop (1974), a colonização, em sua missão “civilizadora” de elevar o nível moral africano e de abertura para a exploração capitalista, precisou inferiorizar o sujeito preto, “o fardo do homem branco”, a partir de sua anatomia.

Ainda, conforme Diop (1974, p. 61):

"Negro" tornou-se sinônimo de ser primitivo, "inferior", dotado de uma mentalidade pré-lógica. Como o ser humano está sempre ansioso para justificar sua conduta, eles foram ainda mais longe. O desejo de legitimar a colonização e o tráfico de escravos - em outras palavras, a condição social do Negro no mundo moderno - engendrou toda uma literatura para descrever os então-chamados traços inferiores do Negro. A mente de várias gerações de Europeus seria, assim, gradualmente doutrinação, a opinião Ocidental seria cristalizada e, instintivamente, aceita como verdade revelada a equação: Negro = humanidade inferior.

Diop foi um importante intelectual africano que defendeu a ideia de um Egito pré-colonização preto. Para o historiador e antropólogo, a imagem construída pela colonialidade do africano é de um sujeito escravizado que sempre foi sujeitado pelos brancos. Toda a história da pré-colonização foi apagada, como se antes disso não houvesse diferentes civilizações e comunidades no continente.

Consoante isso:

Já durante a Idade Média, a memória de um Egito Negro, que tinha civilizado do mundo havia sido obscurecida pela ignorância da antiga tradição escondida em bibliotecas ou enterrada sob ruínas. Ela se tornaria ainda mais obscura durante estes quatro séculos de escravidão (DIOP, 1974, p. 60).

Sob esse viés, Oyěwùmí afirma que a História e a tradição africana antes da colonização é a menos reconhecida. Para a autora, isso se deve à forma como a própria história é experienciada no continente: “primera, la historia como una experiencia vivida; segunda, la historia como el registro de la experiencia vivida codificada en las tradiciones orales; y la tercera, la historia escrita. La última categoria está muy ligada a las agendas europeas para África” (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 51).

O processo de desestabilização e assimilação das civilizações africanas, a partir do século XV até a atualidade, contribuíram para que a história do continente fosse apagada ou reconhecida sob a ótica do colonizador. O conhecimento histórico não é produzido por alguém distante ou isento de experiências e orientações de mundo. O registro do passado passa pelo tempo em que está sendo escrito, e a História, assim como as tradições africanas, foram também ressignificadas a servir os interesses ideológicos dos colonizadores.

Quanto a esta dissertação, com base nas discussões de Oyěwùmí sobre a história, a visualidade e o corpo no Ocidente e da História Pública, o produto proposto é uma exposição fotográfica em espaços públicos com intervenção urbana. Sua construção tem curadoria compartilhada com as senegalesas que participaram da pesquisa, sendo as fotos feitas em ambiente preparado para as famílias senegalesas. São trabalhadas, na edição e expografia, o movimento da imigração, visto que primeiro vêm os homens, depois as mulheres e as crianças. Compõe o projeto algumas frases das entrevistas e um catálogo virtual. As frases serão coladas em lambe lambe pela área central da cidade. A exposição circulará por dois espaços públicos de grande circulação em Caxias do Sul entre outubro e dezembro de 2022: a Praça Dante Alighieri e a Praça do Trem.

No que concerne a esses ambientes, a Praça Dante Alighieri, inaugurada em 1914, é a praça mais antiga da cidade, com seu território definido e reformas iniciadas no final do século XIX. É, hoje, o ponto central de referência da cidade, circulando por ali trabalhadores, visitantes e moradores da região. Em seu interior, é constituída por um chafariz e pelos monumentos de Júlio de Castilhos, Gigia

Bandeira, estátua da Liberdade, Duque de Caxias, Beatrice Portinari e Dante Alighieri. Ainda, é na praça Dante que acontecem grandes eventos da cidade, como a Feira do Livro de Caxias do Sul, a Festa da Uva e muitas outras.

Já a Praça do Trem, inaugurada em 2015, é parte do projeto de revitalização do centro histórico da antiga Estação Férrea, que é patrimônio da cidade. São 7.481m<sup>2</sup> de praça com espaço para caminhada, parque infantil, bancos, localizada ao lado do segundo maior *shopping* da cidade, o Bourbon Shopping São Pelegrino. O projeto de revitalização foi aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae), sendo uma das últimas praças construídas na cidade.

O objetivo é trazer para os espaços públicos da cidade uma narrativa sensibilizadora das imigrações contemporâneas e de sujeitos que por serem negros, africanos e muçulmanos tem seus lugares na cidade segregados pelo racismo, xenofobia e islamofobia. A escolha do espaço público visa à democratização de acesso da exposição para diversos públicos que nem sempre frequentam galerias de arte e, principalmente, os imigrantes, que terão sua história representada de forma positiva e valorizada nos locais centrais da cidade. A imagem educa pelo olhar (MAUAD, 2015), e hoje consumimos cada vez mais imagens via mídias sociais. Ver é um convite para diferenciar (OYÈWÚMI, 1997), mas, também, para compreender e ver o outro. A experiência estética possibilita o contato com a pluralidade das diversas formas de ser cotidianas. De acordo com Hermann (2006, p. 9): “A experiência estética pode nos familiarizar com o estranho de nós mesmos, com nossas contradições mais fortes, pois a inclusão de elementos excluídos de nossa identidade nos prepara para o manejo ético do outro externo a mim”.

A construção da exposição faz parte da produção de sentido das representações da trajetória dessas famílias, estabelecendo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e a comunidade da qual se refere. Não somente o diálogo, mas trabalhando com a comunidade de origem na “elaboração de sua própria história” (KOBELINSKI, 2020, p. 66), integrando pesquisadora e comunidade, compartilhando e reconhecendo as autorias responsáveis pela construção desta História Pública Local (LOPES, 2013, p. 42). A utilização de acervos materiais e produção fotográfica/artística vinculam o sujeito à história e “são, sem dúvida, chaves interpretativas importantes para identificarmos a pluralidade da formação de nossa sociedade” (KOBELINSKI, 2020, p. 85). Ainda, para Hermann (2006, p. 1), a

“produção artística e a estética incluem-se num movimento de interpretação da vida e reinventam o conceito de alteridade”.

Este estudo está dividido em três capítulos: na introdução, primeira parte, foram pontuadas as discussões – que são aprofundadas nos demais capítulos – e situa o leitor sobre o referencial teórico utilizado. No segundo capítulo, contextualizo os meus movimentos como pesquisadora e da pesquisa junto à comunidade desde 2018. No primeiro subcapítulo, trago os caminhos percorridos pela pesquisa, narrando a minha experiência. Também, trago um fragmento do estudo desenvolvido em 2019 junto às senegalesas, conduzindo as pistas que a pesquisa vem seguindo. Ainda nesse capítulo, falo do envolvimento com a História Pública e discuto o conceito de tempo histórico a partir das ações desenvolvidas na pesquisa, estabelecendo relações com produção cultural.

No terceiro capítulo, contextualizo as diferentes comunidades muçulmanas na cidade. Faço uma revisão da literatura sobre o caso dos senegaleses na região, apresentando as produções acadêmicas e não acadêmicas realizadas. Após, apresento e descrevo as trajetórias das famílias, fazendo uma análise a partir dos objetivos estabelecidos, de modo a dialogar imigração, História Oral e as narrativas da imigração senegalesa em Caxias do Sul. Problematizo o conceito de família amparada na discussão de Oyěwùmí, da decolonialidade e das narrativas das entrevistadas. Busco, com isso, destacar a relação e a importância da religiosidade nos processos da imigração, manutenção e acolhida do grupo na cidade, além de estabelecer um diálogo do projeto com o ensino de história e o produto a ser desenvolvido por meio da história pública, apresentando o projeto da exposição e sua estruturação enquanto produto cultural.

Por fim, trago as considerações finais desta pesquisa e das narrativas em trânsito que costuram a trama desta história. Mulheres e crianças vieram para o Brasil, assim como filhos e filhas de senegaleses nasceram no país, famílias migraram e outras estão sendo constituídas na cidade. Muitos imigrantes voltam a migrar, mas há os que permaneceram e vem constituindo laços com a região da Serra Gaúcha.

## 2 DEMANDA SOCIAL, UM LUGAR PARA APRENDER

As narrativas são como raízes de árvores, uma vez que, para Rovai (2020, p. 187), “são múltiplas, vivas, mesmo quando subterrâneas e submetidas a uma narrativa única e aparentemente consensual, na verdade resultado de encontros e desencontros que não se dão a conhecer”. Considerando isso, neste capítulo, apresento as narrativas constituídas da trajetória da pesquisa e minha como pesquisadora junto à comunidade senegalesa em Caxias do Sul, abordando a relação com a História Pública e problematizando o conceito do tempo histórico por meio da vestimenta e das ações com a produção cultural.

### 2.1 CAMINHOS PERCORRIDOS

A narrativa aqui é em primeira pessoa, visto que se trata da inserção e dos caminhos trilhados neste estudo por mim como pesquisadora. Esse caminho é pensado na perspectiva de uma história construída com o público, no caso, com a comunidade senegalesa (SANTHIAGO, 2016). Cabe dizer que aqui sempre me atento para o papel de pesquisadora como uma mediadora entre a universidade e os diversos grupos que possuem representações de si, contradições, identidades, vivências múltiplas e sujeitos que dentro de uma comunidade atuam de forma não homogênea, seguindo o que diz Rovai (2020). Entender o lugar de pesquisadora nesse processo é fundamental para reconhecer os lugares que foram percorridos para análise do grupo, as escolhas e as seleções feitas no processo, visto que esta é apenas uma versão e um recorte de história(s).

Meu primeiro contato com os senegaleses foi como cidadã caxiense curiosa sobre os novos imigrantes que estavam ocupando o entorno da Praça Dante Alighieri com seu comércio. Os imigrantes deram movimento com sons, cores e trajes que contrastavam com a paisagem pacata anterior à chegada deles. Achei isso maravilhoso. Em 2014, no Ensino Médio, realizei uma pesquisa-documentário em parceria com duas colegas<sup>20</sup> sobre imigração, e a primeira entrevista foi realizada com uma das figuras senegalesas mais conhecidas na cidade, o Bili<sup>21</sup>, pessoa que

---

<sup>20</sup> Mariana Fagundes e Caroline Prado.

<sup>21</sup> Aboulat Ndiaye migrou em 2022 para os Estados Unidos da América, em seu *Facebook* Bili, como é conhecido por todos em Caxias do Sul, afirmou: "Sou migrante de novo. E essa experiência me diz que a nossa verdadeira pátria, terra, não é só o lugar onde nascemos, mas sobretudo as



se envolveu em questões relacionadas ao direito dos imigrantes e na busca pela visibilidade dos senegaleses. Também entrevistamos um imigrante haitiano, uma alemã, a professora de história Eliane Cardoso e um colega da escola<sup>22</sup>. A pesquisa foi motivada justamente pela mudança no cenário da cidade com os novos migrantes e as discussões emergentes. Na época, um dos colegas, natural de Caxias do Sul, o qual participou trouxe a ideia de que os imigrantes estavam roubando os empregos dos “cidadãos caxienses”, que eram mão de obra desqualificada e que a imigração era ruim; esse comentário representava/representa o pensamento de uma parcela da população caxiense que ignora que a cidade foi fundada por imigrantes em busca de uma vida melhor e de trabalho, assim como todos aqueles recém-chegados, utilizando tais argumentos para disfarçar seus preconceitos e sua ignorância.

Após essa experiência em ambiente escolar e para contextualização, no mesmo ano, durante a Semana Nacional dos Direitos Humanos de Caxias do Sul, aconteceu a II Marcha dos Imigrantes, a qual reuniu cerca de 200 pessoas, participando imigrantes internacionais e migrantes regionais. A Marcha teve sua concentração na Praça Dante Alighieri e seguiu até o Monumento ao Imigrante, na BR-116<sup>23</sup>. Em 2015 alguns senegaleses participaram da tradicional romaria de Caravaggio (PIONEIRO, 2015)<sup>24</sup>. De acordo com isso, Bili afirma que: “Nós, muçulmanos, também queremos pedir a paz, como os católicos daqui”. Em 2016, Cheikh Tidiane, um senegalês, foi morto a tiros em Caxias do Sul, deixando a mulher

---

peças que vamos aprendendo a amar ao longo de nossa vida.” Residente no Brasil desde 2019, Bili foi uma importante figura que se articulou com o poder público para discutir a questão da imigração e trazer maior visibilidade para a comunidade senegalesa. Em 2019 foi homenageado com a Medalha Zumbi dos Palmares pela Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. A distinção é entregue anualmente a três pessoas físicas ou jurídicas que tenham se destacado “na defesa dos direitos humanos e da cidadania, no combate à discriminação e ao preconceito, entre outras formas de inclusão social (CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2022). Disponível em: CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Aprovados os indicados para receber a “Medalha Zumbi dos Palmares”. Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <http://camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/19598>. Acesso em: 24 jul. 2022.

<sup>22</sup> Demais nomes não serão identificados pois o termo de autorização na época previa apenas a divulgação na escola.

<sup>23</sup> Um dos mais conhecidos espaços de memória na cidade é o Monumento Nacional ao Imigrante, localizado na BR-116. Segundo a Prefeitura de Caxias do Sul (2021), “o Monumento reverência não só aos imigrantes italianos, mas a todos os imigrantes que vieram para o Brasil e ajudaram a construir uma nação plural e miscigenada”. Porém em sua estrutura, o monumento leva a data de 1875, representativa da chegada dos imigrantes italianos em Caxias do Sul e no Estado.

<sup>24</sup> PIONEIRO, Jornal. Senegaleses que chegaram em Caxias nesta terça caminham até Caravaggio. Gaúcha Zh. Caxias do Sul, maio 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2015/05/senegaleses-que-chegaram-em-caxias-nesta-terca-caminham-ate-caravaggio-4768624.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

e um filho no Senegal<sup>25</sup>; em decorrência disso, foi realizado pela comunidade senegalesa um ato pela Paz. Em 2017, um imigrante senegalês foi agredido fisicamente enquanto estava vendendo na avenida Júlio de Castilhos<sup>26</sup>. Outra agressão verbal e física foi registrada na cidade, novamente enquanto a vítima estava trabalhando<sup>27</sup>. Outro senegalês foi vítima de racismo em um ônibus da cidade por três jovens<sup>28</sup>, e outro agredido fisicamente por um taxista, sendo necessário atendimento médico. No mesmo ano, em um evento acadêmico sobre imigração na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Demba Sokhna levanta-se da audiência e questiona a ausência de imigrantes na mesa de debate falando sobre a imigração e o que eles vivenciam.

Voltando à minha trajetória com os imigrantes, em 2018, na graduação, iniciei como bolsista de pesquisa sob orientação da professora Dra. Cristine Fortes Lia, pesquisando o Islã senegalês atentando para a demanda de Demba Sokhna: ouvi-los e estudar a comunidade a partir de suas palavras. O objetivo era analisar a relação do Islã senegalês, migrante da África Central, com a comunidade “tradicional da região”, identificando a recepção e a compreensão dele. O foco, nessa etapa, foi o trabalho e a religiosidade e como o Islã estava ou não sendo praticado nos espaços laborais e como os imigrantes e os gestores residentes em Caxias do Sul percebiam essa relação.

Em 2018, realizei 18 entrevistas utilizando a história oral temática, sendo 12 destas com imigrantes senegaleses e 6 com gestores de empresas locais. Nessa etapa, fui às ruas centrais da cidade, tendo como referência a avenida Júlio de Castilhos, e abordei os participantes. Muitos acharam que eu era jornalista, porém, ao longo da conversa, fui explicando sobre o intuito da pesquisa e fazendo os

<sup>25</sup> MEMORIA LEOUVE. Ministério Público denuncia suspeito de matar senegalês em Caxias. **Leouve**. Bento Gonçalves, abr. 2016. Disponível em: <https://leouve.com.br/memoria-leouve/ministerio-publico-denuncia-suspeito-de-matar-senegales-em-caxias>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>26</sup> PIONEIRO. Vítima de racismo, senegalês é agredido no centro de Caxias do Sul. **Gaúcha ZH**. Caxias do Sul, jul. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2017/07/vitima-de-racismo-senegales-e-agredido-no-centro-de-caxias-do-sul-9841695.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>27</sup> PIONEIRO. Suposta agressão a senegalês reabre debate sobre tratamento dado a imigrantes, em Caxias. **Gaúcha ZH**. Caxias do Sul, jul. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2017/12/suposta-agressao-a-senegales-reabre-debate-sobre-tratamento-dado-a-imigrantes-em-caxias-10050272.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>28</sup> PIRES, ESTÊVÃO. Polícia apura suposta agressão racista contra africano na Serra do RS. **G1**. Porto Alegre, mar. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/policia-apura-suposta-agressao-racista-contr-a-africano-na-serra-do-rs.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

questionamentos do roteiro. Os imigrantes, em sua maioria, eram vendedores, mas havia artista, artesão, empresário marceneiro, marinho e soldador.

Em relação aos gestores, dos 6, apenas 1 era natural de Caxias do Sul, todos eram migrantes e as opiniões foram no sentido de que há mão de obra na cidade e de como a situação do comércio irregular é um problema. A condição ilegal da venda de produtos pelos imigrantes suscita debate na sociedade caxiense, segundo um dos entrevistados, que disse: “Enquanto pagamos impostos e demais tarifas para mantermos nosso comércio aberto os imigrantes vendem produtos sem procedência e não possuem custo nenhum, apenas estendem sua toalha no chão e vendem suas ‘coisinhas’<sup>29</sup>. A falta de emprego formal ou a dupla jornada de trabalho levam os imigrantes a essas situações, já que além de se sustentarem aqui, mandam mensalmente dinheiro para suas famílias. Quanto a isso, atualmente, no primeiro semestre de 2022, a prefeitura de Caxias do Sul estuda possibilidades de realocar os imigrantes do comércio ambulante para locais regularizados com estruturas fixas<sup>30</sup>.

Nessa etapa da pesquisa, os senegaleses foram acolhedores com a entrevista e manifestaram a vontade de serem mais compreendidos enquanto muçulmanos. Falaram sobre a importância de ter liberdade religiosa no Brasil e evidenciaram a falta de entendimento a respeito do Islã pela sociedade local. Por exemplo, os imigrantes seguem os preceitos alimentares do Islã, adaptando sua alimentação com os hábitos locais. No que concerne a isso, a alimentação no Islã tem diferenças, desde o abate de animais, até a preparação e consumo dos alimentos, chamada de *Halal (lícito)*<sup>31</sup>.

Ainda, alguns alimentos no Islã são proibidos, são *Haraam (ilícito)*, entre eles estão suínos e bebidas alcoólicas<sup>32</sup>. Nas entrevistas, foi comentado o caso de

---

<sup>29</sup> Entrevista realizada em 10 de setembro de 2018, no formato presencial. Nome não divulgado em função do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, optando por permanecer anônimo.

<sup>30</sup> MEMORIA LEOUVE. Prefeitura de Caxias do Sul planeja construir estruturas fixas para ambulantes estrangeiros. **Leouve**. Bento Gonçalves, set. 2021. Disponível em: <https://leouve.com.br/negocios/prefeitura-de-caxias-do-sul-planeja-construir-estruturas-fixas-para-ambulantes-estrangeiros>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>31</sup> No Brasil, a Federação das Associações Muçulmanas do Brasil (FAMBRAS) é a pioneira na implementação da alimentação *Halal*. Fundada em 1979, por Hajj Hussein Mohamed El Zoghbi, atua na certificação dos alimentos e na implementação dos processos. Também é uma organização filantrópica e, além disso, atua na divulgação dos preceitos do Islã no Brasil, com projetos nas escolas, bolsas de estudo, palestras, distribuição gratuita de livros, entre outros.

<sup>32</sup> Segundo o Alcorão Sagrado, na 5ª surata, versículo 3º: “Está-vos vedado: a carniça, o sangue, a carne de suíno e tudo o que tenha sido sacrificado com a invocação de outro nome que não seja Deus”.

uma escola de educação infantil que deu carne de porco para uma criança, mesmo sendo comentado com a instituição sobre a restrição alimentar. Na indústria, um dos entrevistados que almoça no refeitório da empresa contou que nos dias em que é feito carne de porco, as cozinheiras já fazem separado para ele ovo ou carne de galinha.

Em relação à prática das orações<sup>33</sup>, que deve ser realizada cinco vezes ao dia, os senegaleses percebem desconhecimento por parte da população local. Em função de algumas orações coincidirem com o horário de trabalho, elas são postergadas até o momento em que podem ser realizadas. No caso das indústrias, foi relatada a inviabilidade de fazer as orações pela falta de espaço. Para quem atua com comércio ambulante, é possível ir até um local adequado e realizá-las<sup>34</sup>, visto que precisam de poucos minutos. Às sextas-feiras<sup>35</sup>, é comum, entre os homens, a prática de ir à casa de oração na avenida Júlio de Castilhos, local onde fazem uma oração juntos. A casa, chamada de mesquita, é de toda a comunidade muçulmana, acolhendo os palestinos, senegaleses, revertidos e turcos da cidade.

Dentro dessa cultura, eles possuem uma vestimenta própria, chamada de várias formas, como *Grand boubou*, *Djalabé*, *Khaftan*, entre outras. Na figura 1, é possível observar a vestimenta de um dos entrevistados:

---

<sup>33</sup> Nos 5 pilares do Islã, está a *Salat*, a realização de cinco orações diárias obrigatórias para todos os muçulmanos que oram posicionados em direção a Meca, cidade sagrada da religião.

<sup>34</sup> Quando fui realizar a entrevista com o Bili, vi senegaleses rezando dentro da loja. Alguns que moram próximo ao centro deslocam-se até suas próprias casa também.

<sup>35</sup> A oração da sexta-feira, *Salat al-Jummah*, é obrigatória para os homens adultos muçulmanos. A sexta-feira é um dos dias mais importantes da semana, pois seria o dia em que Adão foi criado e entrou nos Jardins Celestiais, mas também o dia que foi expulso e faleceu. “Ó vós que credes! Quando fordes convocados, para a oração da Sexta-feira, recorrei à recordação de Deus e abandonai os vossos negócios; isso será preferível, se quereis saber.” (Alcorão 62:9)

Figura 1 – Babacar Queye



Fonte: acervo da autora (2018).

Babacar Queye relatou usar a túnica toda sexta-feira durante o trabalho para, após, reunir-se com os demais senegaleses na mesquita e fazer a oração com eles. Foi comentado que as pessoas lhe perguntam o porquê do uso daquela roupa. Já outro entrevistado disse não usar em público ou no trabalho como Babacar, pois tem vergonha e percebe o comentário dos não muçulmanos. Uma questão recorrente é a definição da fé no Islã, por meio das qualidades de seus fiéis, como a honestidade e o respeito, contribuindo para desconstruir os boatos sem fundamento, a partir de uma imagem positiva dos muçulmanos. Outro aspecto revelado pelos depoentes é a imagem de que o Brasil é um país de religiões africanas. No entanto, os senegaleses muçulmanos não reconhecem as manifestações de matriz africana brasileira e não encontram lugar para suas práticas de fé. Para todos, o respeito religioso é o mais importante.

Quanto às mulheres, chamou-me a atenção o fato que das 12 entrevistas realizadas, apenas uma foi com uma mulher, a única que até então eu havia visto vendendo no centro da cidade, conforme a figura 2:

Figura 2 – Binetou Gueye



Foto: acervo da autora (2018).

Foi essa entrevista que chamou a atenção para as mulheres, as crianças e a família para a narrativa, possibilitando o recorte temático do meu trabalho de conclusão do curso (TCC) da graduação e, agora, desta dissertação. Nesse dia, Binetou estava trabalhando na Praça Dante Alighieri vendendo peças de artesanato e acessórios. A entrevista foi realizada enquanto ela trabalhava, no entanto, precisou ausentar-se um momento para ir à sua casa resolver questões familiares. Nesse intervalo, sua banca ficou de responsabilidade de um amigo, que também estava vendendo nas proximidades. Binetou não usava *hijab*<sup>36</sup> e estava trabalhando para ajudar nas despesas familiares. Ela tem um filho, o qual, na época, estudava em uma escola municipal. Sobre ser muçulmana no Brasil, ela comentou que nunca sofreu preconceito religioso e que, independentemente do lugar, seguem a mesma

---

<sup>36</sup> Se associa à mulher muçulmana o uso do *hijab*, mas seu uso não é obrigatório e há muitas muçulmanas que não o utilizam.

lei islâmica. Além disso, afirmou que as pessoas em Caxias do Sul não entendem muito o que é o Islã.

Em decorrência disso, em 2019, a pesquisa seguiu em direção às mulheres senegalesas que, até então, não haviam tido um trabalho dedicado a elas nas pesquisas realizadas sobre o caso dos senegaleses na cidade. Produziu-se o audiovisual e a monografia intitulados *As senegalesas: A trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha*, premiados no 2º Prêmio Associação Internacional de Estudos de Afetos e Religiões (AMAR) na categoria monografia (1º lugar) e no Edital 226/2020 de Caxias do Sul (Lei Aldir Blanc). Além disso, a pesquisa inspirou a realização dos projetos Papo Coletivo e Movi, Saberes e Fazeres Migrantes, sobre os quais abordo nos próximos capítulos.

Feita esta explanação, no próximo subcapítulo, falo sobre a História Pública e sua importância no corpo da pesquisa. Como campo teórico, a História Pública está atenta às demandas sociais de diferentes comunidades, como metodologia, privilegia a atuação conjunta com aqueles dos quais ainda há muito para se ouvir e ver.

## 2.2 A HISTÓRIA PÚBLICA ENTRA EM CENA

Como parte do estudo sobre as senegalesas e do projeto Fontes II (UCS), já mencionados na introdução desta pesquisa, foi produzido o audiovisual disponível no YouTube, intitulado *As senegalesas*<sup>37</sup>. O vídeo é uma ferramenta didática e um produto cultural que tem como objetivo possibilitar a visibilidade e o reconhecimento das mulheres senegalesas em Caxias do Sul, contribuindo para a valorização das dessas mulheres e para o registro histórico dessa comunidade étnica na cidade. A principal motivação foi a de constituir um produto cultural para as senegalesas e a comunidade, preocupada com a devolutiva de todo o processo de pesquisa sobre elas. No TCC mencionado no subcapítulo anterior, registrou-se que: “Talvez elas [as senegalesas] não leiam meu TCC, mas o vídeo elas viram e gostaram bastante.” Não apenas assistiram ao vídeo, como foram assistir à minha apresentação de TCC na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em dezembro de 2019 (ver figura 4).

---

<sup>37</sup> AS SENEGALESAS: A trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha. Realização de Franciele de Almeida de Oliveira. Coordenação de Cristine Fortes Lia. Música: Sunu - Diansa. Caxias do Sul: -, 2019. (13 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KI3KHn2dVYc>. Acesso em: 23 maio 2021.

Figura 3 – Dia da apresentação do meu TCC



Foto: acervo da autora (2019)

Além do meu afeto pelo momento desse registro, ele é muito simbólico. A comunidade integra-se à academia e acompanha as produções de si, um movimento importante dentro da construção de projetos de História Pública. Quanto a esta, veio nomear o conjunto de experiências já realizadas por pesquisadores, possibilitando reflexões teórica e epistêmica sobre o campo (SCHMIDT, 2018). No Brasil, o campo teve seu marco inicial em 2011, com o curso de “Introdução à História Pública”, realizado na Universidade de São Paulo (USP).

Desde então, criou-se o Simpósio Internacional de História Pública e a Rede Brasileira de História Pública. Nos Estados Unidos, um dos primeiros lugares a nomear e discutir esse campo, a História Pública passou a ser debatida na década de 1970, com a crise e a falta de empregos. A partir daí, vem a ideia de que os historiadores ultrapassem os muros da academia, atuando em espaços públicos e privados, ampliando as possibilidades do mercado de atuação profissional em espaços de memória, arquivos, projetos comunitários, instituições privadas, produção de entretenimento, entre outros.

Em muitas experiências, como afirma Schmidt (2018, p. 18), “a palavra, portanto, veio depois da coisa”; o entendimento desta pesquisa como de História Pública veio com a construção do audiovisual. Não só como mera publicização de



um produto, mas a divulgação dos saberes e trajetórias das senegalesas para diferentes públicos, atendendo, principalmente, a demanda de participarem das pesquisas. Foram muitas visitas a Demba e Fatou Sokhna para trocas de ideias, assim como com outros imigrantes, e as etapas do vídeo foram compartilhadas para as senegalesas. Até o momento de escrita desta dissertação, o vídeo já ultrapassou 700 visualizações no YouTube e já circulou em aulas do curso de graduação de História da UCS, eventos acadêmicos, mesas de debates e em ambientes escolares. A cena do casamento é sempre a mais comentada, geralmente o questionamento é se ela foi realizada no Brasil, havendo estranhamento em relação à estrutura não católica.

Voltando à História Pública, ela vem derrubando fronteiras e trazendo para a história múltiplas vozes (ROVAI, 2020), produzindo um conhecimento sensível e empático. Para Rovai (2020, p. 1), o campo vem para

chamar à reflexão todos aqueles e aquelas que pretendam desencastelar-se de seu espaço de produção de conhecimento e ensino e que se abram ao diálogo com o público, além de arriscar-se ao uso mais persistente das novas tecnologias de comunicação.

Essa área busca estar atenta às demandas e dialogar com o público na construção, acesso e circulação de saberes, sem perder o rigor científico e sem exotização. Não significa a mera tradução do conhecimento para outros setores da sociedade, mas estar atento às demandas dos grupos sociais, ouvir e construir, juntos, um lugar para aprender e refletir, transcriando e articulando estratégias para comunicar o conhecimento científico em outras linguagens que façam sentido aos seus contextos.

Consoante isso, Rovai (2020, p. 191) afirma que:

Coloca-se ao historiador público o desafio de entender a dinâmica de reivindicação pela identidade de comunidades, que querem se deixar conhecer e reconhecer, mas que também pretendem escolher as formas para isso. Produzir com elas certa esperança em torno da necessidade de salvar algo que está em perigo de desaparecimento, de esquecimento, em meio a disputas de versões históricas. Trabalhar com a tensão entre as comunidades e uma história hegemônica e nacional, trazendo novas discussões sobre produtores, consumidores, audiências e autoria em projetos comunitários; e claro, um aspecto fundamental, sobre as relações entre a História Pública e as políticas públicas.

Para o pesquisador de História Pública, é fundamental o posicionamento político (ROVAI, 2020), o compromisso ético e profissional com a produção, circulação e consumo das produções. Engajado para que essas produções circulem de maneira a promover não só o acesso e a divulgação, como também a ampliação de debates e reflexões, formulação de políticas públicas e a garantia de direitos. Para Segato (2020), o movimento de diálogo com a comunidade não busca conhecer o sujeito, busca que nós nos conheçamos no outro, “para que seu olhar nos alcance” (SEGATO, 2006, p. 128). Articular a demanda do outro como método e discurso teórico e como escolha teórico-política. Quanto a isso, de acordo com Segato (2020, p. 18), a “escolha teórica está determinada pelos interesses próprios dos objetivos históricos perseguidos por quem pesquisa e será sempre, por isso mesmo, uma escolha teórico-política que precede a própria pesquisa”.

Com a emergência da circulação e difusão da informação em grande velocidade em diferentes canais de comunicação, os usos do passado também se tornaram mais dinâmicos (ROVAI, 2020). Os historiadores nesse movimento de grande circularidade e imediatismo não serão os únicos produtores de conhecimento histórico. Entram em cena com maior visibilidade, pois sempre existiram grupos fora da academia, como os movimentos sociais e grupos historicamente marginalizados e setores conservadores, pela disputa da representação de si, do passado e do presente. Vão ser muitos os produtos históricos, como o cinema, a literatura, as novelas, as redes sociais e as mídias, as quais movimentam e provocam os historiadores sobre a qualidade, produção e consumo da história. Ademais, articular-se com profissionais de outras áreas, atentar para a comunicação e outras linguagens se faz necessário para ampliar as possibilidades dentro dos projetos e das audiências.

A riqueza da experiência com o audiovisual não foi sua produção e finalização, mas o processo de troca que culminou em outros projetos, artigos e iniciativas. Em dezembro de 2020, durante a pandemia, lancei o projeto Movi, Saberes e Fazeres Migrantes<sup>38</sup>, com o recurso da Lei Aldir Blanc (nº14.017/2020), contemplado na seleção municipal em projetos inéditos da chamada 186/2020.

---

<sup>38</sup> Esses projetos possuem uma página nas redes sociais, podendo ser acessados por estes links: <https://www.facebook.com/movisaberesefazeresmigrantes> e <https://www.instagram.com/movisaberesefazeresmigrantes/>.

Movi é um projeto que visa ao diálogo de diferentes comunidades, coletivos e grupos migrantes com foco em suas trajetórias, histórias e contribuições para a região, com enfoque nos movimentos migratórios que constituíram e fazem parte da história da cidade. Em sua primeira edição, o projeto abordou a imigração senegalesa em Caxias do Sul e a diáspora africana, a partir de palestras e oficinas dos saberes e fazeres dos imigrantes residentes na cidade. Através de oficinas gratuitas *online* e presenciais, a iniciativa buscou a divulgação do conhecimento da comunidade imigrante que, há 10 anos, vem se fixando e transformando o cenário caxiense. Entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021, foram realizadas três oficinas dos saberes históricos africanos e fazeres práticos. Duas oficinas foram ministradas de forma *online*, a saber: "África, imigração e diáspora" e "Literatura e História Africana", realizadas via *Google Meet* em sala aberta para trocas e perguntas dos participantes; bem como uma oficina presencial, "Tranças e turbantes", com os irmãos Sokhna, Fatou e Demba.

Em "África, imigração e diáspora", Demba Sokhna<sup>39</sup> abordou as visões históricas sobre a África, os processos migratórios e a diáspora no continente, discutindo, também, o processo de descolonização. Essa oficina teve 44 inscritos e 165 visualizações do conteúdo disponibilizado no YouTube<sup>40</sup>. Em sua fala, Demba trouxe vários pontos do debate decolonial, como o olhar para a África sob a perspectiva europeia de um continente que só é falado por meio da escravidão.

Quando tratado na antiguidade, apenas o Egito aparece como civilização, não abordando as demais do período. O próprio Egito é, muitas vezes, pensado como fora da África e sofreu com um embranquecimento da sua história. Cheikh Anta Diop, ao defender, nos anos 1950, a ideia de um Egito Negro, teve sua tese de doutorado rejeitada na França. A tese defendida por Diop propõe que o continente africano possui uma identidade comum, tendo como objeto de análise a linguística e as migrações.

Depois da antiguidade, para Sokhna, a África volta a ser retratada com um continente pobre e sob dominação europeia; eis que os próprios africanos desconhecem sua história em função do genocídio intelectual que a comunidade

---

<sup>39</sup> Formado em Ciências Humanas pela Universidade Cheikh Anta Diop domina 6 idiomas, é presidente do Movimento Negro Imigrante no Brasil (MNIB) e conferencista.

<sup>40</sup> ÁFRICA, imigração e diáspora com Demba Sokhna. Produção do projeto Movi. Caxias do Sul: CERAVI, 2020. 1 fita de vídeo (1:46:36), VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8B8IGSeVaw4>. Acesso em: 24 jul. 2022.

negra sofreu durante a colonização. Os filmes e os produtos culturais divulgaram, durante muito tempo, uma África pobre ou comumente associada à savana, ignorando as organizações políticas e históricas das diversas sociedades, assim como o conhecimento destas. Sokhna destacou, também, a alienação cultural afrodescendente brasileira em relação ao seu passado, em função da “histórica única” divulgada dos seus antepassados, como portadores de uma não história e escravização. Como africano no Brasil, percebe como institucionalmente o negro é colocado nos lugares mais baixos da sociedade. Para ele, há uma conotação ruim de ser negro, muito abafada pelo uso de outros termos para autodeclarar-se, como “mulato”, “moreno”, evitando o termo negro.

Trabalhando no ramo estético, Demba percebe que faz diferença na vida de outras pessoas pela valorização da estética afro, auxiliando na estima das pessoas negras em relação ao seu cabelo. A loja/salão de Demba e Fatou Sokhna funciona hoje como um ponto cultural, são pesquisadores e imigrantes que vão buscá-los como referências, com isso, o salão tornou-se um ambiente de troca e intercâmbio de diversas culturas. Em 2020, foi lançado o curta-metragem “Demba África”<sup>41</sup>, idealizado e que tem parte do desenrolar da narrativa no salão dos irmãos Sokhna. O curta, dirigido por Marcelo da Rosa Costa, aborda memórias coletivas da imigração de forma ficcionalizada, publicizando narrativas da imigração em um produto cultural belíssimo.

Na palestra “Literatura e História Africana”<sup>42</sup>, o debate teve como base as questões trazidas anteriormente na palestra “África, imigração e diáspora”, abordou as visões históricas sobre o continente africano da produção literária. Essa palestra teve 44 inscritos e 75 visualizações<sup>43</sup> no YouTube; os palestrantes foram a Dra. Cristine Fortes Lia e Demba Sokhna. Nas falas, os dois pesquisadores analisaram como as ciências, incluindo a historiografia, vão nutrir-se, na modernidade, das teorias do racionalismo e do determinismo social. A própria História é uma ciência que surgiu na Grécia Antiga e ainda hoje tem como seus grandes pensadores os europeus, consolidando as teorias racistas e colonialistas nos estudos realizados

---

<sup>41</sup> DEMBA ÁFRICA | CURTA METRAGEM. Produção NAV Ponto de Cultura Núcleo Audiovisual. Caxias do Sul, 2020. 1 vídeo (19:06) VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gr1sFIXS4Dc>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>42</sup> PALESTRA: LITERATURA e História Africana com Cristine Fortes Lia e Demba Sokhna. Produção de Movi, Saberes e Fazeres Migrantes. Caxias do Sul, 2021. 1 vídeo (1:51:10), VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IVqn-oLT2Pg>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>43</sup> Até o momento da escrita desta dissertação.

sobre a África, que, até o início do XX, foram realizadas pelos colonizadores. Após a década de 1950, os movimentos de independência e o pan-africanismo cresceram, impulsionando pesquisadores africanos a escreverem sobre o próprio continente e seus países, como é o caso de Cheikh Anta Diop e de Fanon.

No que concerne ao Brasil, este é tido como um país que nega a influência africana e é estruturado pelo racismo. Para Lia (2020), somente a partir dos anos 2000 é que a historiografia no país pensará a África dentro das pesquisas, mas, mesmo assim, muito voltada à África Central, ligada à escravização, diminuindo esse continente a isso. Quanto ao ensino, leis surgem tornando obrigatória a inclusão da história africana e afro-brasileira nas escolas, sob as leis 10.639/03 e 11.645/2008. Entretanto, passada mais de uma década e meia, constata-se uma lenta difusão das temáticas na Educação Básica (SANTOS; PINTO; CHINIRÉA, 2008). Isso ocorre pela falta de formação dos professores e pela difusão de uma história única da África, conceito trabalhado pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie.

Sob esse viés, Santos, Pinto e Chiniréa (2008, não paginado) dizem que

nota-se que o desconhecimento teórico e epistemológico sobre a dinâmica das relações étnico-raciais, bem como acerca de conteúdos específicos sobre fatos, histórias, conceitos, descobertas e avanços tecnológicos dados a partir de uma matriz afro-brasileira constitui um quadro que impede que a implementação da lei avance para além de marcos e discussões pontuais.

Analisando a produção literária para jovens e crianças por meio de sete catálogos editoriais de 2015/2016 (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, FTD, Paulinas, Salamandra e Scipione), Debus (2009) afirma que dos 2.416 títulos publicados, apenas 7% do total de publicações tinham a temática africana e afro-brasileira. Mesmo que as publicações literárias tenham um número reduzido, elas cumprem um papel importante na busca por romper com o racismo brasileiro e constituir um repertório cultural que respeite as diferenças.

Quanto a isso, conforme Debus (2009, p. 11): “Reconhecer a plenitude da arte, da religião e das lendas africanas e afro-brasileiras é identificar e se identificar não apenas com a cor da pele, mas com narrativas que se comprometem com a história da África”. A apropriação literária contribui nesse sentido para refletir sobre a própria identidade brasileira e afro, a desconstrução de preconceitos históricos e a consciência da diversidade cultural.

As produções culturais – como o Movi, Saberes e Migrantes, bem como outros materiais sobre a comunidade – trazem para a academia outras audiências e saberes da ordem da experimentação e da negociação, um movimento característico da História Pública (LUCCHESI; SILVEIRA, 2021). Essa ordem não é menos potente que o conhecimento acadêmico, todavia, muitas vezes, é invalidado pelas estruturas colonialistas, que procuram apenas nos europeus e norte-americanos suas referências, não reconhecendo intelectuais negros, como Cheick Anta Diop, mulheres, latinas, entre outros.

Além disso, a Educação brasileira mantém um modelo que não estimula e abre espaço para outras reflexões, no caso da África: onde esse continente aparece no currículo para além das leis 10.639/03 e 11.645/2008 e do mês de novembro em alusão à Consciência Negra? A História Pública, nesse sentido, com a produção e publicização atendem demandas de produtos que deem conta da inserção desses saberes múltiplos nos debates acadêmicos, sendo um importante instrumento para a educação antirracista e debates na esfera das políticas públicas.

### 2.3 VESTIR TEMPO E HISTÓRIA: PAPO COLETIVO E ÁFRICA *FASHION* E DIVERSIDADE

A temporalidade é comum ao ser humano, mas a sua concepção acerca do tempo é construída pelas sociedades locais. A noção e a organização de tempo que nos foi “vestida” também está relacionada com a colonialidade. As formas históricas e plurais de se relacionar com o tempo foram universalizadas pelos discursos e construções resistentes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016). A própria História enquanto ciência constituída na Grécia Antiga ainda hoje utiliza as marcações de tempo da Modernidade. A noção do tempo linear e progressivo remete à ideia de evolução e de progresso em relação ao antigo, da barbárie à civilização.

No ensino básico e até mesmo nas grades curriculares do ensino superior, mantém-se a tradicional organização em linha do tempo da História: Hominização, Antiguidade Clássica e Oriental, Idade Média, Modernidade e Contemporânea. Durante a graduação, é nos orientado seguir essa organização, pois seria o ideal para a compreensão da história, orientação essa seguida, inclusive, nas práticas de estágio obrigatório. Entretanto, por trás disso está uma estrutura de pensamento

sólida sobre o tempo e suas representações, considerado o ideal para se obter o conhecimento.

O tempo histórico não é natural e nem individual, ele é uma “construção social, cultural e narrativa feita pelos homens” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 216). Para Reis (2012, p. 29), o “tempo é o que se fala dele e a melhor forma de abordá-lo é fazendo a ‘história do tempo’”. Fala-se dele de três modos na literatura Ocidental: passado, presente e futuro. O passado como constituição do que se é no presente, do que não é mais e do que há de mais sólido, o corpo do tempo; o futuro é a promessa, o tempo da possibilidade e da incerteza, é nele que se constrói mundos; já o presente medeia os dois tempos anteriores, anuncia o agir, bem como conversa e precisa, ao mesmo tempo, o que se foi e o que pode ser para existir (REIS, 2012).

Nessa perspectiva, o presente é a evolução do passado. A temporalidade evolucionista vê o passado com um olhar moralizante, já que aquilo que ficou para trás é considerado atrasado. O moderno, o hoje, é o ápice e o melhor, uma das características da colonialidade do tempo (REIS, 2012). Quanto a isso, segundo Reis (2012, p. 21):

No caso específico da História, construímos uma linha que vai de um estado de natureza a um estado político que se consolida com o Estado Nacional Moderno, dando forma a uma noção de progresso que constitui, no fim das contas, um modo eurocêntrico de contar, medir e representar o tempo.

A linearidade não dá conta da experiência humana: são muitos os processos que ocorrem em um único acontecimento transversalmente à História Política. O ensino de história enquanto campo de produção conceitual tem um papel fundamental na atualização e na crítica desses saberes. Por intermédio dele, o passado faz-se presente, dialogando com experiências e espaços diversos. Já a História enquanto campo de produção conceitual produz compreensões das representações sobre o passado (REIS, 2012). Tais conceitos são comunicados em diferentes ambientes, como nas universidades, nas escolas, em entrevistas, na escrita literária, nos produtos culturais e de entretenimento. O que muda é o lugar da enunciação da comunicação desse conhecimento, sua forma. Cada lugar de comunicação “cumprir a função que os conceitos históricos entrem em um processo

de negociação e diálogo para poderem servir a interesses específicos” (REIS, 2012, p. 22).

A história enquanto registro desses diversos tempos tem a função de nos vestir e possibilitar a saída do nosso tempo a outros. Ela nos mostra que “aquilo que somos é apenas uma forma de ser entre muitas, o conhecimento de como chegamos a ser o que somos e de que essa forma ou essas formas não são as únicas possíveis” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 31). Quando comunicada, entra em contato com os saberes, histórias e visões de mundo de diferentes sujeitos, cada um interpretando e ressignificando aquele conhecimento a partir da sua realidade e experiência. Um conceito constituído dentro do campo historiográfico ganha múltiplas interpretações quando comunicado, e é nesse diálogo que o campo se enriquece.

Bem, no que concerne às vestimentas e relacionando-as à história, estas carregam a nossa história, a cultura e a identidade através do tempo, assim como a história. São as duas marcadas pelo humano, mas o transcendem e sobrevivem a temporalidade do ser, transitando pelos corpos (STALLYBRASS, 2008)<sup>44</sup>. As roupas carregam as marcas do tempo da nossa vida, das rupturas e da natureza e continuam a existir (STALLYBRASS, 2008). O tempo da história passa pelo tempo da subjetividade de cada ser e, também, do tempo natural, mas não o é (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016).

A vestimenta é trajetória, pertença e história, conforme afirma Cher Cheikh (PAPO, 2020)<sup>45</sup>: “Enquanto você tá usando essa roupa né, você... você se sente outra pessoa né, é uma coisa que representa nós e tem certas coisas que você não vai fazer, se você quisesse fazer usando essa roupa, é tipo meio sagrado”<sup>46</sup>. Ela é simbólica e carrega, no caso dos imigrantes senegaleses, um lugar-comum de

---

<sup>44</sup> A obra referenciada é *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*, do inglês Peter Stallybrass, pesquisador do colonialismo e da história do estado-nação. O livro foi uma das leituras obrigatórias da disciplina “Interdisciplinaridade e Ensino de História”, ministrada pela Prof. Dra. Eliana Xerri, no programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). A leitura foi de tamanho impacto que motivou a realização do projeto Papo Coletivo. Mesmo sendo um autor inglês, ele foi utilizado na pesquisa, visto que foi a obra acima identificada que movimentou para a realização das *lives*. STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. São Paulo: Autêntica, 2012, 100 p.

<sup>45</sup> PAPO Coletivo: as novas imigrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local. Produção de Coletivo Aldeia. Caxias do Sul, 2020 (1:11:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Vjz5gzZesg&t=5s>. Acesso em: 24 jun. 20221.

<sup>46</sup> Transcrição literal: “Enquanto você tá usando essa roupa né, você... você se sente outra pessoa né, é uma coisa que representa nós e tem certas coisas que você não vai fazer, se você quisesse fazer usando essa roupa, é tipo meio sagrado.”



encontro com sua cultura e família, sua história. Na sequência, foram abordados dois projetos que trabalham a vestimenta e a história, o Papo Coletivo e o África *Fashion* e Diversidade. Um produzido por acadêmicos, o Papo, e o outro pela comunidade senegalesa e imigrante no Brasil, o África *Fashion* e Diversidade. Duas propostas que trabalham a História, os tempos, a decolonialidade, os sujeitos e suas representações pela indumentária.

Além disso, são fundamentais no processo de amadurecimento da construção do produto final desta dissertação e compõem o projeto de História Pública aqui desenvolvido. O trecho de entrevista acima citado é parte do Papo Coletivo, projeto do Coletivo Aldeia<sup>47</sup> para promover debates *online* (*lives*) entre coletivados, personas e convidados sobre as influências estéticas e os costumes dos novos imigrantes e etnias na Serra Gaúcha, idealizado por mim e por Francisco Santos, com o apoio do Programa de Pós-Graduação e do curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e do Instituto Religare. O Papo Coletivo teve como objetivo levar ao público e aos seus expositores conexões para fomentar o entendimento do nosso ambiente artístico e cultural através de análises históricas dos manifestos e contribuições de outros povos.

Foram realizadas quatro edições<sup>48</sup> do Papo, de forma *online*, com mais de 500 visualizações, tratando das temáticas das imigrações em Caxias do Sul, da

---

<sup>47</sup> O Coletivo Aldeia é a união de Criadores e Produtores de Moda, Design e Arte na Serra Gaúcha, com o objetivo desenvolver uma rede orgânica entre produtores, artistas, designers, artesãos e atores sociais na região da Serra Gaúcha, conectando afins e desenvolvendo consciências pela inovação nas áreas da moda, arte, design, ofertando produtos e serviços de forma justa e consciente, além de promover feiras e debates desde 2015. Na sua última edição de 2021, o Movi, Saberes e Fazeres Migrantes atuou como mediador e produtor da oficina de culinária com mulheres refugiadas turcas muçulmanas. A atividade era aberta ao público e totalmente gratuita, tendo cerca de 50 participantes. As turcas fizeram uma breve apresentação de início, com mediação minha, tendo sido propiciado espaço para perguntas e trocas. A maioria dos presentes mostrou-se surpreso quanto à situação de refúgio dessas mulheres e interesse a respeito do Islã, visto que a maioria das mulheres usava *hijab*. Durante a degustação e explicação dos pratos, houve um momento de maior interação entre os brasileiros e as turcas.

<sup>48</sup> EDIÇÃO 1: as novas imigrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local. Convidados: Demba Sokhna e Cher Cheikh. Mediadores: Francisco Santos e Franciele Oliveira. Data e horário: 20 de agosto, às 20h. Disponível em: <https://youtu.be/2Vjz5gzZesg>.

EDIÇÃO 2: Tema: Moda, Arte e Ativismo: Questões Indígenas. Convidados: Day Molina. Mediadores: Francisco Santos e Franciele Oliveira (mestrandos do PPGHis) e Caroline Testolin. Data e horário: 1º de outubro, às 19h30. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPpVYUCw78I>.

EDIÇÃO 3: Tema: Além do véu: moda, islã e mulheres. Convidados: Alessandra Mela, Melek Orzopak e Soha Chabrawi. Mediadores: Francisco Santos e Franciele Oliveira. Data e horário: 4 de novembro, às 19h30. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6MaPs1ZEPKk&t=9s>.

EDIÇÃO 4: Tema: a indumentária e a comida tradicional nas religiões de matriz africana. Convidados: Babalorixá Ipácio de Bará Agelú e Mãe Tânia de Obá. Mediadores: Francisco Santos, Franciele Oliveira e Matheus Troglio. Data e horário: 10 de dezembro, às 19h30. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ApRKnX5AjZs&feature=youtu.be>.

questão indígena e decolonial, das mulheres muçulmanas e das religiões de matriz africanas por meio da indumentária. A primeira edição do Papo<sup>49</sup> teve como tema “As novas imigrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local”, e os convidados foram Demba Sokhna e Cher Cheikh. No bate-papo, foram abordadas questões voltadas à vestimenta, história, religiosidade, bem como a relação migrante e Caxias do Sul. Quanto à vestimenta, ela marca um lugar de existência, e, para Sokhna (PAPO, 2020), “materializa nossa cultura”. Ainda, no bate-papo chamou a atenção como as histórias de vida se materializam de muitas maneiras, nesse caso, no vestir. O processo de deslocamento não é simples e no caso dessa imigração é dificultado por uma série de fatores, como a origem, a cor e a religiosidade. Os e as senegalesas em Caxias do Sul usam as roupas tradicionais da sua cultura, principalmente em momentos festivos religiosos, já que essas vestimentas são vistas com curiosidade e estranhamento por parte dos brasileiros.

A figura 4 mostra uma vestimenta típica dos muçulmanos senegaleses, chamada de Grand Boubou.

---

<sup>49</sup> A *live* foi parte da programação dos 60 anos do curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Figura 4 – Demba Sokhna, no Magal de Touba 2020, em Caxias do Sul



Fonte: Facebook de Demba Kappo Nabibambiste (2020)<sup>50</sup>.

O momento da utilização da indumentária da figura 4 é durante o Magal de Touba, festa religiosa em homenagem a Cheikh Amadou Bamba, fundador da confraria islâmica mouride<sup>51</sup> de tradição sufista<sup>52</sup>. Não são apenas roupas, são parte de quem eles foram, são e deixarão para a cidade de Caxias do Sul. Porque assim

---

<sup>50</sup> KAPPO, Demba. Caxias do Sul, 06 out. 2020. Facebook: Demba Kappo. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3524859530907319&set=pb.100001499208352.-2207520000.&type=3>. Acesso em: 24 jul. 2022.

<sup>51</sup> As confrarias cumprem um papel importante de elo religioso e difusão do Islã no Senegal e outros países africanos. A Mouride foi fundada por Cheikh Ahmadou Bamba (1850-1927), líder espiritual exilado (1895-1902) durante a colonização francesa. Para Gonçalves (2020, p. 36): “O sistema de confrarias, que privilegia aspectos como os da lealdade e da solidariedade intracomunitárias, serviu de modelo para a criação de outras confrarias fundadas por senegaleses, como a mouridia”.

<sup>52</sup> A tradição sufi representa a corrente mística do Islã, em que, para eles, há apenas uma unidade no caminho para a verdade e todos levam a apenas um único Deus. A corrente islâmica foi criada por Umm Salama, uma das esposas do profeta Muhammad (SARDAR, 2010). Diferente dos xiitas e sunitas, o sufismo acredita que é possível ter contato com Deus ainda em vida e não apenas na morte, são vários os místicos sufis, entre eles: Hasan al-Basri (728), Rabia al-Basri, reconhecida como a primeira mística), al-Hallj (922), ibn Arabi (1240) e Jalal-al-Din Rumi (1273).

como a história, as vestimentas transcendem a existência humana. As roupas são formas de vestir-se de tempo e de história. Consoante Sokhna (PAPO, 2020)<sup>53</sup>:

São momentos assim que a gente aproveita pra usar essa roupa pra de certa forma [...] matar aquela saudade mostrando que assim, a gente tá longe fisicamente, mas a nossa meta física ela continua carregando a nossa cultura e nosso corpo vestimentar. Então essas roupas tradicionais muçulmanas vem carregando, vem sendo carregadas durante todo esse tempo aí na colonização árabe-muçulmana que existiu dentro da África, mil anos antes da chegadas dos portugueses, dos irlandeses e espanhóis na África para colonizar<sup>54</sup>.

Esse vestir-se relaciona-se com a constituição do Senegal, que descende do antigo Império Wolof e da difusão do Islã na África. Iniciado no século VII, o crescimento do Islã ocorreu de forma mais significativa por intermédio do comércio, da imigração e da influência de místicos sufis (DEMANT, 2015). A primeira região conquistada foi a África do Norte, pelos árabes (VII-VIII), seguida da conversão de berberes. Os berberes foram responsáveis por ligar o comércio transaariano da África Ocidental aos reinos árabes. O ouro era o principal produto comercializado até o século XVI com a chegada dos europeus. Até o XVIII, o Islã já havia chegado a toda a África do Norte, parte da África Ocidental e Oriental. Nos séculos XVIII e XIX, as conversões para a religião intensificaram-se, devido aos laços entre o comércio e a queda dos Estados africanos. Em países como o Senegal, o Islã constituiu um fator de resistência à colonização francesa nos séculos XIX e XX. Para Demant (2015, p. 144):

A islamização e o enfraquecimento dos tradicionais laços familiares e sociais, tão importantes no contexto da cultura africana, geraram um ambiente de confusão que beneficiava o Islã, religião que combinava o universalismo de sua mensagem com uma latente oposição ao Ocidente imperialista.

A religiosidade islâmica constitui um importante espaço da cultura senegalesa e de diferenciação em relação a outros grupos imigrantes em Caxias do

<sup>53</sup> PAPO Coletivo: as novas imigrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local. Produção de Coletivo Aldeia. Caxias do Sul, 2020. (1:11:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Vjz5gzZesg&t=5s>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>54</sup> Transcrição literal: “São momentos assim que a gente aproveita pra usar essa roupa pra de certa forma [...] matar aquela saudade mostrando que assim, a gente tá longe fisicamente, mas a nossa meta física ela continua carregando a nossa cultura e nosso corpo vestimentar. Então essas roupa tradicional muçulmano vem carregando, vem sendo carregado durante todo esse tempo aí na colonização arabo arabo-muçulmana que existiu dentro da África, mil ano antes das chegadas dos portugueses, dos irlandês, espanhol na África pra colonizar”.

Sul (GONÇALVES, 2020). O corpo vestimentar, ainda, marca esse lugar de representatividade, relacionando-se a momentos religiosos importantes (orações dos homens de sexta-feira, Ramadã e Magal de Touba) ou festivos (casamentos, festivais, entre outros). Para Sokhna (PAPO, 2020)<sup>55</sup>, usar tais vestimentas “mata a saudade” do local de origem e, também, marca um lugar material da existência da sua cultura. Nas entrevistas, foram mencionadas a adaptação das vestimentas dos imigrantes à cultura local, na tentativa de ter mais facilidade de acesso a empregos e à sociedade.

A vestimenta ocupa um lugar tão significativo na história da comunidade, que, por meio de Demba Sokhna, foi criado o festival de moda e cultura afro intitulado *África Fashion e Diversidade*. Esse festival busca apresentar um novo olhar para a história e a cultura africana no Brasil e no Rio Grande do Sul, por meio da indumentária, sem periodicidade definida em Caxias do Sul, conforme figuras 5 e 6:

Figura 5 – 3ª edição do *África Fashion e Diversidade*: desfile de moda



Fonte: acervo da autora (2021).

---

<sup>55</sup> PAPO Coletivo: as novas imigrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local. Produção de Coletivo Aldeia. Caxias do Sul, 2020. (1:11:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Vjz5gzZesg&t=5s>. Acesso em: 24 jul. 2021.

Figura 6 – 3ª edição do África *Fashion* e Diversidade: guerreiros

Fonte: acervo da autora (2021).

A 1ª edição do Festival foi realizada em 2017, na Galeria Atrium, tendo um público de, aproximadamente, 200 pessoas. Idealizada por Sokhna e Neisa dos Santos Alves, ambos engajados com as questões da negritude, da cultura e valorização afro. A 2ª edição aconteceu em 2018, no Teatro Parenti, com público estimado de 450 pessoas. No festival, trabalhou-se o desfile de moda africana, debates culturais, dança e música senegalesa e ganesa. Os tecidos das peças do desfile são trazidos do Senegal, por intermédio de imigrantes em deslocamento, e as peças são produzidas em Caxias do Sul. Os modelos são brasileiros(as) e senegaleses, residentes na cidade. Na 3ª edição, o evento foi contemplado no edital “Diversidade e Formação cultural” da Fundação Marcopolo, com recursos da Lei Aldir Blanc. A estimativa de público foi de 1.500 pessoas e com mais de 30 profissionais envolvidos nos dois dias de atividades, que contaram com festival e *live*.

A figura 7 mostra um ensaio para o festival.

Figura 7 – Ensaio do Festival *África Fashion e Diversidade*, no Teatro Pedro Parenti



Fonte: acervo da autora (2021).

O festival foi realizado presencialmente, no Teatro Pedro Parenti, em Caxias do Sul, com entrada gratuita, e também foi transmitido ao vivo, tendo desfile de moda, slam poético e apresentação do grupo musical Sabbar África. Presencialmente, os lugares foram reservados em função das restrições de público em decorrência da pandemia da covid-19. A *live* ocorreu após a realização do festival, tendo como temática “O poder da arte na reconciliação racial”, com os convidados Irlanda Gomes, Felipe Silva Alves, Mestre Diógenes Brasil e Eliege Moura. Eu participei da 3ª edição do *África Fashion e Diversidade*, como designer, no registro fotográfico do evento e auxiliando na produção do roteiro do documentário<sup>56</sup> sobre o evento. Como pesquisadora, o evento também foi um momento de observação participante.

O *África Fashion* é diferente das ações promovidas por brasileiros e pesquisadores, pois é um movimento que parte da comunidade para o público externo, uma vez que é a comunidade produzindo representações de si, de manifestos e ocupando os espaços públicos, falando sobre sua história e representando sua cultura. A iniciativa pode ser pensada como uma atitude

<sup>56</sup> *ÁFRICA Fashion e Diversidade: África Fashion e Diversidade | Documentário* (2021). (18:32). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e39z01L6W9k&t=62s>. Acesso em: 24 jul. 2022.

historiadora (MAUAD, 2018), a articulação entre o passado e seus usos no presente, posicionando-se para o futuro.

Para Mauad (2018, p. 228), a atitude historiadora é “a tomada de posse do passado como material para dar sentido ao presente e situar-se no fluxo no tempo futuro”. Por meio da vestimenta, a comunidade imigrante – em conjunto com os afrodescendentes – busca um lugar-comum em processos históricos comuns de sujeitos que vivem em uma sociedade estruturalmente racista e colonialista. Atrela, assim, a valorização da estética negra e africana como um uso do passado no presente, bem como atua em uma prospecção de um futuro crítico em relação à cultura e à estética negra na região de Caxias do Sul e no Estado do Rio Grande do Sul.

Todas as peças da 3ª edição foram confeccionadas, desde a modelagem, por Saibatou Sakho<sup>57</sup>, imigrante senegalês. Em sua maioria, os tecidos eram importados da África, com exceção da chita, numa proposição de unir Brasil e África. O festival não apenas busca ressignificar a memória afro na região, mas usa o passado em comum para comunicar-se e estabelecer relações com outros grupos, como os haitianos.

Durante a 3ª edição do Festival, Mossanto Charles, imigrante haitiano, trouxe a poesia Mãe África<sup>58</sup>:

Mãe África/Minha mãe África/A rainha do mundo/A deusa da guerra/Mãe África/África minha África/A África que canta minha avó/A beira do teu rio distante/Eu nunca te conheci, mas o meu olhar é pleno do teu sangue, teu belo sangue negro/Através do campo difundido, o sangue do teu suor, o suor do teu trabalho, o trabalho da escravidão/Escravidão de tuas crianças/Então África, diga-me/Portanto essa dor, que se curva, que se deita sob o peso da humilhação/Essa sua dor hesitante, as listras vermelhas que dizem sim aos chicotes/No caminho dos meus dias, gravemente uma voz me respondeu: Filhos impetuosos. Essa árvore, robusta e jovem/A minha África/A tua África/Que renasce pacientemente/Obstinadamente/E, cujos frutos, têm pouco a pouco, o amargo sabor da liberdade/Eu te amo mãe África.

A poesia destaca a memória recente e muito presente do processo de escravização dos povos africanos na América, a política racista e violenta desse período. Busca, nesse lugar de origem comum, a sua ancestralidade na Mãe África,

<sup>57</sup> Fundador da marca Life Urban, residente em Caxias do Sul desde 2015.

<sup>58</sup> ÁFRICA Fashion e Diversidade: África Fashion e Diversidade | Documentário (2021). (18:32). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e39z01L6W9k&t=62s>. Acesso em: 24 jul. 2022. Trecho do documentário: 00:38 até 2:27



que renasce, pacientemente, após séculos de invasão e usurpação de suas narrativas. Um dos mecanismos da colonialidade é, justamente, o controle do discurso e de sua produção: o saber. Hoje, os países Sul-Globais buscam retomar seu lugar na produção do discurso e não mais estar apenas no lugar de incivilizados, em papéis secundários ou sempre associados à escravização (ARAÚJO; SANTOS, 2020).

Vestir-se de tempo e de história é, também, retomar e ouvir os diferentes sujeitos que compõem o conhecimento histórico, seja ele acadêmico ou não. A indumentária operou nos projetos como mediadora entre a construção das memórias históricas e o tempo. E por meio da História Pública, mobilizou atores de diferentes lugares a ampliar o alcance das suas inquietações e narrativas do espaço comum das diversas sociedades, os usos do passado. Mobilizando saberes e pessoas para a construção de um conhecimento histórico vivo, provido de experiências (MAUAD, 2018), que provoque, mobilize e escancare as fissuras da nossa realidade para que possamos reconhecê-las e vê-las, bem como mudar essas estruturas a partir da própria sociedade.

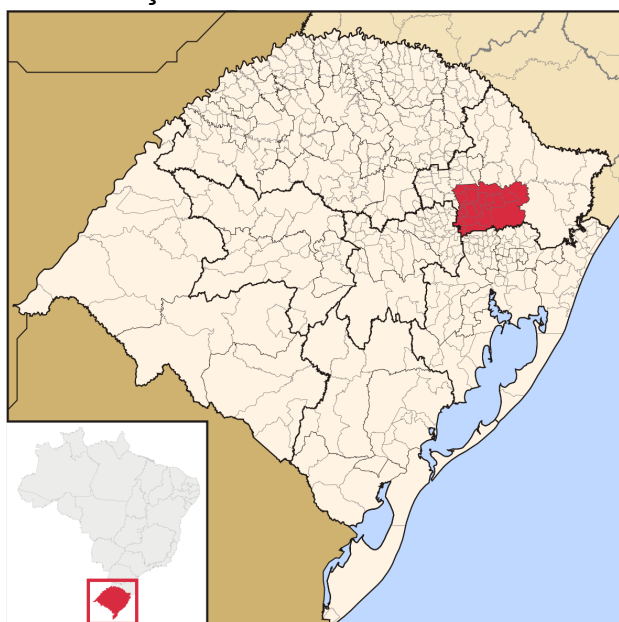
### 3 FAMÍLIAS DA TERANGA EM CAXIAS DO SUL

Neste capítulo, trato sobre a história de Caxias, a comunidade muçulmana da região, a imigração das mulheres senegalesas, revisando de forma breve algumas das produções sobre o movimento migratório senegalês. Em seguida, desenvolvo a abordagem metodológica utilizada e abordo as questões relacionadas às famílias senegalesas muçulmanas imigrantes. Aqui são apresentadas todas as histórias de vida que compõem o estudo. Por fim, apresento o produto desta dissertação.

#### 3.1 A COMUNIDADE MUÇULMANA EM CAXIAS DO SUL

Historicamente, Caxias do Sul foi constituída como município há um século e meio, por imigrantes europeus, principalmente italianos. Mas antes da chegada expressiva de italianos e outros povos, a região era habitada por povos indígenas e tropeiros, sendo conhecida como Campos dos Bugres. Conforme pode ser visto na figura 8, a cidade localiza-se na região Nordeste do Rio Grande do Sul, conhecida como Serra Gaúcha.

Figura 8 – Localização de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu ([2022])<sup>59</sup>.

<sup>59</sup> ABREU, Raphael Lorenzeto de. Localização de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul. Wikipédia, a enciclopédia livre. [2022]. Disponível em:

No final do século XIX e todo o XX, com o processo de adaptação e desenvolvimento do capitalismo no Brasil, diversos grupos migraram para o país. Na Serra Gaúcha, a mão de obra imigrante foi responsável pela ampliação da população e constituição do atual parque industrial da região (HERÉDIA; MOCCELIN, 2011). O primeiro fluxo (1875 a 1930) é marcado pela imigração histórica de europeus através da política imperial da mão de obra livre e concessão de terras, assim como do embranquecimento da população brasileira. Por virem de diferentes regiões, não havia uma identificação identitária dessa comunidade e, num primeiro momento, esses migrantes foram direcionados para o trabalho agrícola.

Nessa primeira etapa, constituiu-se os núcleos de policultura e as manufaturas, com a mão de obra especializada vinda da Europa (HERÉDIA; MOCCELIN, 2011). Entre os anos 1930 e 1970, as migrações foram de regiões rurais próximas a Caxias do Sul, período marcado pelo desenvolvimento industrial regional. A partir da década de 1950, há, também, deslocamentos das regiões do Campos de Cima da Serra, para a região próxima da Serra Gaúcha, onde se constitui uma população de origem luso-brasileira (HERÉDIA; MOCCELIN, 2011). Dos anos 1970 até 2000, a industrialização passa pela modernização e pelos processos da globalização, havendo um crescimento do setor de serviços (HERÉDIA; MOCCELIN, 2011). Hoje, a região é o principal polo metalmeccânico do Rio Grande do Sul (RS).

Durante esse período, fixaram-se na região imigrantes de outras comunidades, como japonesa, libanesa, palestina e síria (OLIVEIRA, 2019). Grupos esses que não são reconhecidos na história caxiense, conforme afirmam Lia e Costa (2018, p. 186), pois “estes, raramente correspondiam à ideia de imigrante ideal, seja pela etnicidade, cultura religiosa ou forma de trabalho”.

A partir de 1970, também houve um processo de recuperação da memória histórica da imigração italiana e a constituição da noção de italianidade na cidade de Caxias do Sul (GIRON, 2017)<sup>60</sup>. Essa noção exalta valores como o trabalho, a fé e a história italiana na promoção do grupo étnico como o imigrante ideal. Esse resgate na memória histórica da cidade trouxe consigo um sentimento de identificação e de

---

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias\\_do\\_Sul#/media/Ficheiro:Locator\\_map\\_of\\_Caxias\\_do\\_Sul\\_in\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_do_Sul#/media/Ficheiro:Locator_map_of_Caxias_do_Sul_in_Rio_Grande_do_Sul.svg). Acesso em: 24 jun. 2022.

<sup>60</sup> Para mais informações, sugiro a leitura de: GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2017. 280 p.

pertencimento grupal (MOCELLIN, 2008), mas que não era presente nos primeiros imigrantes. Quanto a isso, segundo Mocellin (2008, p. 94):

A década de 1970, momento a partir do qual se iniciou uma produção significativa sobre o tema da imigração italiana, caracterizou-se pelos estudos de cunho científico em oposição àqueles, até então, realizados por escritores, historiadores e cronistas, que tinham o propósito de exaltar a contribuição da etnia italiana no Estado, e se encontravam publicado em enciclopédias e álbuns comemorativos.

Foram três agentes responsáveis pela constituição da italianidade na região: a Igreja, os empresários e os intelectuais. Os espaços de memória<sup>61</sup> de Caxias do Sul reforçam esse mito e são, em grande parte, dedicados à imigração italiana ou a figuras como Dante Alighieri, nome da praça central da cidade, em homenagem ao escritor italiano. Um dos mais conhecidos espaços de memória na cidade é o Monumento Nacional ao Imigrante, localizado na BR-116. Segundo a Prefeitura de Caxias do Sul (2021, não paginado), “o Monumento reverência não só aos imigrantes italianos, mas a todos os imigrantes que vieram para o Brasil e ajudaram a construir uma nação plural e miscigenada”.

Porém, em sua estrutura o monumento leva a data de 1875, representativa da chegada dos imigrantes italianos em Caxias do Sul e no Estado. Cabe destacar que esse monumento foi idealizado por pessoas ligadas a movimentos da direita ultra conservadora que perseguiram minorias sociais, como mulheres e negros. Silvio Toigo, ligado ao Partido Nacional Fascista, teve participação na construção, assim como Luiz Alexandre Compagnoni, ligado ao Movimento Integralista, sendo um dos idealizadores e participando do projeto. Consoante isso, Porto<sup>62</sup> (2021, p. 41) alega que:

Outra pauta bastante recorrente que trazia Luiz Alexandre Compagnoni como personagem importante, diz respeito à idealização, projeto e construção do Monumento Nacional ao Imigrante. Não raro as pautas em defesa da agricultura e agricultores, construção do Monumento e também

<sup>61</sup> Museu Ambiente Casa de Pedra: construída em 1913 pelo italiano Giuseppe Lucchese, preserva a memória local das casas italianas do final do século XIX. Museu da Uva e do Vinho: símbolo da vitivinicultura e da identidade cultural dos imigrantes italianos. Museu Municipal: instalado em 1974, na véspera do Centenário da Imigração Europeia, o museu municipal preserva a memória histórica das imigrações em Caxias do Sul. Memorial Atelier Zambelli: espaço destinado à valorização dos saberes artísticos da família italiana Zambelli.

<sup>62</sup> Para mais informações, sugiro a leitura de: PORTO, Erick Silva. **Quer acender uma vela a Deus e outra ao Diabo**: as (não) mudanças discursivas do integralista Luís Alexandre Compagnoni - Jornal Pioneiro 1948-1950. 2021. 61 f. TCC (Graduação) – Curso de Licenciatura em História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

em exaltação aos imigrantes vindos do continente europeu acabam sendo referenciadas de uma mesma forma e, em função disso, são relacionadas entre si.

Nas eleições de 2020, Cher Cheikh, natural do Senegal e muçulmano, lançou sua candidatura a vereador de Caxias do Sul pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Mesmo sendo sua primeira candidatura, alcançou uma quantidade expressiva de votos, garantindo a suplência. Durante a campanha, um dos locais visitados foi o Monumento Nacional ao Imigrante, onde, em 2014, aconteceu a II Marcha dos Imigrantes<sup>63</sup>. Na cidade, ele é um espaço representativo para a imigração, mesmo que faça referência a um grupo específico que contrasta significativamente com os deslocamentos recentes para a cidade. As figuras 9 e 10 são alguns dos registros dessa passagem.

Figura 9 – Campanha para vereador de Cher Cheikh, em Caxias do Sul



Fonte: acervo da autora (2020).

---

<sup>63</sup> Auxiliei na campanha, fazendo os registros fotográficos e divulgando o candidato.

Figura 10 – Campanha para vereador de Cher Cheikh, em Caxias do Sul



Fonte: acervo da autora (2020).

O monumento e os demais espaços de memória-histórica da cidade são representativos de um ideal imigrante, branco, europeu e cristão. Nesse sentido, conforme Mocellin (2008, p. 190): “Tais ideias e simbologias se apresentaram, em alguns casos, sob a forma de representações dominantes de uma sociedade, tal como a representação do trabalho como forma de distinção étnica, ou a que associava o imigrante a um herói civilizador”. A memória oficial de Caxias do Sul tem em seu discurso a formação cultural da região tendo a imigração italiana como princípio, apagando a história e a presença indígena da região. Além disso, dentro dessa perspectiva, há pouco espaço para a cultura luso e afro-brasileira e pouco espaço para a contribuição dos migrantes internos. A associação da cidade a um recanto europeu é mais um dos reflexos da colonialidade, que, passados séculos, ainda valoriza a estética e a cultura branca e europeia.

Na década de 1980, chegaram à cidade imigrantes muçulmanos, em sua maioria palestinos (COSTA; LIA, 2018) e, desde 2012, vem recebendo senegaleses. Além disso, recentemente, imigraram para a cidade, turcos, fugindo da perseguição do atual governo de Erdogan. No último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, a população estimada era de 435.564 habitantes, sendo a maioria identificada como branca e católica, de empregados com ensino fundamental incompleto e havendo maior número de mulheres (BRASIL, 2010). Nesse censo, apenas 77 pessoas declararam-se muçulmanas, menos de 1%.

A nível nacional, de 2000 a 2010, a comunidade muçulmana cresceu cerca de 29,1%. Mesmo assim, as 35167 pessoas declaradas fiéis ao Islã não correspondem a 1% do total. E não é só na cidade: no Brasil, a comunidade muçulmana também permanece “invisível” (DEMANT, 2015). De acordo com Demant (2015, p. 188), “como aconteceu em outros países latino-americanos, os imigrantes nem sempre mantiveram sólidas comunidades, Mesquitas até existem, mas o Islã não floresceu”. O Islã<sup>64</sup> é, hoje, a religião que mais cresce no mundo: são 1,6 bilhões de muçulmanos, segundo dados da Pew Research Center (PRC, c2016)<sup>65</sup>. As estimativas da PRC para 2050 são que os fiéis ao Islã cheguem, numericamente, aos seguidores do cristianismo.

No Brasil, a presença muçulmana relaciona-se diretamente com a colonização e os processos decorrentes da hegemonia euro-americana no pós-guerra do século XX. Na época escravista, muçulmanos africanos foram traficados por europeus para o Brasil, como no caso da Revolta dos Malês, em que africanos fizeram-se presente e articularam o levante em 1835. Entre as exigências da revolta, estava a liberdade religiosa de professar o Islã e a não imposição do catolicismo. Outro momento da presença muçulmana é a imigração árabe, em sua maioria de libaneses, sírios e palestinos, nas décadas de 1970 a 1990 (COSTA; LIA, 2018). Eram imigrantes que haviam fugido dos conflitos no Oriente Médio (COSTA; LIA, 2018), decorrente da sistemática intervenção das potências ocidentais, especialmente dos EUA na Guerra Fria (PAIVA, 2018).

Em Caxias do Sul, o Islã ganhou visibilidade com a vinda de imigrantes senegaleses (OLIVEIRA, 2019), que passaram a ocupar locais públicos para as orações quinzenais. Também estão nas páginas de jornais locais com as

---

<sup>64</sup> O Islã seria a última revelação de Deus para os homens, registrada no Alcorão. A comunidade muçulmana é diversa quanto à interpretação do Alcorão, mas unificada pelo dogma e pela *shahada*: Não há outro Deus e Muhammad é seu Profeta. Segundo Demant (2015, p. 16): “O Islã, como o cristianismo, é uma fé expansionista e monopolista da verdade”. Desde 610, quando Muhammad recebeu a primeira mensagem do alcorão, o Islam passou de uma comunidade de parentes e amigos do profeta para um Império entre os séculos XI e XIX; atualmente, possui bilhões de fiéis espalhados por todos os continentes.

<sup>65</sup> PEW RESEARCH CENTER. Muslim Population by Country. c2016. Disponível em: <http://www.globalreligiousfutures.org/religions/muslims>. Acesso em: 25 jul. 2022.

comemorações religiosas, como o Ramadã<sup>66</sup> e o Grand Magal de Touba<sup>67</sup>. Os imigrantes turcos, mesmo que visibilizados pelo restaurante Capadócia<sup>68</sup>, permanecem praticando o Islã em espaços privados, assim como a comunidade palestina residente (COSTA; LIA, 2018). Em estudos já realizados na cidade com a comunidade senegalesa no projeto Fontes II da Universidade de Caxias do Sul, é frequente o relato sobre a associação do Islã a grupos terroristas. Segundo Abdoulahat Mdiaye, mais conhecido como Bili:

Hoje em dia as pessoas vêm a imagem do muçulmano como querem, tipo homem bomba que matam as pessoas, tipo assim os turistas e tal. Então a gente tem esse medo na verdade, mas eu digo assim, religião muçulmana é bem tranquila, é bem de paz, sabe. Eu acredito que essas pessoas que estão lutando, essas pessoas que tão se matando, fazendo uma coisa errada. Nada ver com o muçulmano, eu acredito que eles tão fazendo por conta própria deles, eles tão fazendo isso tipo uma briga entre petróleo, a terra, com os EUA e se vingando. Mas eu acredito que nada ver com muçulmano tipo assim, sabe, porque ba é bem tranquilo e de paz, tipo assim sabe. Então se acredita que tem preconceito, tipo tem algum país como nós, todos nossos nome vem de Sene... / muçulmano, então eu acredito que tem preconceito que todos têm, a meu nome, a qual é o teu nome? A é Abdou, a muçulmano, e tal vocês que mata e tal. Ou pergunta, que religião vocês frequentam? A eu sou muçulmano, ba muçulmano aqueles homem de bomba né? Tipo assim entende. Então é uma coisa assim com certeza dá medo, as pessoas ficam com medo por causa dessas coisas aí, por causa das TV tão mostrando, as mídia e tal. Mas é um religião bem tranquila e de paz sabe<sup>69</sup>.

<sup>66</sup> VIEIRA, Siliane. Conheça mais sobre a fé dos senegaleses que vivem em Caxias. **Pioneiro**, Gaúcha Zh. Caxias do Sul, jul. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2019/07/conheca-mais-sobre-a-fe-dos-senegaleses-que-vivem-em-caxias-10968785.html#:~:text=Conhe%C3%A7a%20mais%20sobre%20a%20f%C3%A9%20dos%20senegaleses%20que%20vivem%20em%20Caxias,-Religiosidade%20%C3%A9%20um&text=Entre%20as%20diversas%20cren%C3%A7as%20e,mais%20precisamente%20na%20%C3%81frica%20Occidental>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>67</sup> PIONEIRO. Senegaleses em Caxias do Sul recebem aval para criar organização religiosa. **Pioneiro**, Gaúcha Zh. Caxias do Sul, dez. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2015/12/senegaleses-em-caxias-do-sul-recebem-aval-para-criar-organizacao-religiosa-4919152.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SCHAFER, Milena. Senegalês que fundou associação na cidade é o primeiro imigrante a receber o Prêmio Caxias. **Pioneiro**, Gaúcha Zh. Caxias do Sul, nov. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2019/11/senegales-que-fundou-associacao-na-cidade-e-o-primeiro-imigrante-a-receber-o-premio-caxias-11889224.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

VIEIRA, Siliane. Comunidade senegalesa organiza celebração Gand Magal de Touba em Caxias. **Pioneiro**, Gaúcha Zh. Caxias do Sul, out. 2019. Disponível em: [https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/siliane-vieira/noticia/2019/10/comunidade-senegalesa-organiza-celebracao-gand-magal-de-touba-em-caxias-11883456.html#:~:text=Nesta%20quinta%20\(17\)%20%C3%A9%20Caxias,para%20o%20ex%C3%ADlio%20em%201895](https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/siliane-vieira/noticia/2019/10/comunidade-senegalesa-organiza-celebracao-gand-magal-de-touba-em-caxias-11883456.html#:~:text=Nesta%20quinta%20(17)%20%C3%A9%20Caxias,para%20o%20ex%C3%ADlio%20em%201895). Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>68</sup> BUENO, Ronaldo. Conheça o primeiro restaurante de culinária turca de Caxias do Sul. **Pioneiro**, Gaúcha Zh. Caxias do Sul, out. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2019/09/conheca-o-primeiro-restaurant-e-de-culinaria-turca-de-caxias-do-sul-11375146.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>69</sup> MDIAYE, Abdoulahat. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, maio 2018. Transcrição literal: "Hoje em dia as pessoas vejam imagem de muçulmano como querem, tipo homem bomba que mata as pessoas, tipo assim os turistas e tal. Então a gente tem esses medo na verdade,



A associação do Islã à violência ou ao terrorismo é comum e recorrente. O 11 de setembro de 2001, dia em que as Torres Gêmeas estadunidenses foram bombardeadas, foi tão emblemático que marcou a fase do terror global na contemporaneidade e um novo momento nas relações entre Ocidente e Oriente, marcado por uma islamofobia endêmica do Ocidente (ARMSTRONG, 2002). Em parte, isso é resultado da divulgação dessas representações pela mídia internacional (DEMANT, 2015). Mas as relações de tensão entre muçulmanos e o Ocidente são antigas e profundas, assim como o antissemitismo<sup>70</sup>. O terrorismo, comumente associado aos homens-bombas, tem sua origem no século XIX, com grupos anarquistas. Essa forma de “luta” foi levada ao Oriente Médio somente no século XX, por sionistas de direita. A própria ideia e prática do homem-bomba só foi utilizada no final do século XX, pelos Tigres Tâmeis (DEMANT, 2015). Os grupos terroristas e fundamentalistas correspondem a uma minoria do mundo muçulmano, mas que possuem grande visibilidade.

Os fundamentalistas rejeitam radicalmente a modernidade, no entanto, nem todos os grupos defendem a violência e a luta armada (DEMANT, 2015). Segundo Costa (2018, p. 20), a ideia do fundamentalismo “está ligada às três religiões e se

---

mas eu digo assim, religião muçulmana é bem tranquila, é bem de paz, sabe. Eu acredito que essas pessoas que tão lutando, essas pessoas que tão se matando, fazendo uma coisarada. Nada ver com muçulmano, eu acredito que eles tão fazendo por conta própria deles, tipo eles tão fazendo isso tipo fazendo briga entre petróleo, a terra, com os EUA a si, se vingando. Mas eu acredito que nada ver com muçulmano tipo assim, sabe, porque ba é bem tranquilo, e de paz, tipo assim sabe. Então se acredita que tem preconceito, tipo tem algum país como nós todos nossos nome vem de Sene... / muçulmano, então eu acredito que tem preconceito que todos têm, a meu nome, a qual é o teu nome? A é Abdou, a muçulmano, e tal vocês que mata e tal. Ou pergunta, que religião vocês frequenta? A eu sou muçulmano, ba muçulmano aqueles homem de bomba né? Tipo assim entende. Então é uma coisa assim com certeza dá medo, as pessoas ficam com medo por causa desses coisa aí, por casa que as TV tão mostrando, as mídia e tal tal tal, sabe. Mas é um religião bem tranquila e de paz sabe.”

<sup>70</sup> Durante o século VIII, na Espanha, foi escrita uma biografia do profeta Muhammad em um mosteiro de Leyre. A biografia apocalíptica de “Mahound” dizia que o profeta havia falecido em 666 da era cristã, condenava-o como impostor, e o Islam como uma religião violenta (ARMSTRONG, 2002). O texto inspirou os monges Eulógio e Álvaro a comandar o movimento dos “mártires de Córdoba”, no século XI, que resultou na morte de cinquenta monges. Os monges foram até Córdoba, na época dominada pelo Império Muçulmano, insultar o profeta e seus fiéis. Durante o período de dominação muçulmana na Península Ibérica, não havia restrições quanto à pregação cristã. Muçulmanos, judeus e cristãos tinham sua liberdade de culto garantida, por serem as religiões do Livro, mas ofensas ao profeta não eram toleradas. As lendas cristãs sobre o profeta e o mito de Mahound persistiram no imaginário popular e continuaram a ser reproduzidas, tornando Muhammad e seus fiéis como inimigos do Ocidente (ARMSTRONG, 2002). Duzentos anos após o incidente, a primeira Cruzada é realizada. Para Armstrong (2002, p. 32), o sucesso na conquista de Jerusalém, em 1099, “tomou a forma de uma guerra generalizada contra o islã”. Do século XII ao XVIII na Europa Ocidental, os muçulmanos foram segregados, perseguidos e mortos, assim como os judeus. No século XIX, auge da colonização na Ásia e África, os mitos racistas passam a ser explicados cientificamente e não é necessário lembrar dos resultados catastróficos dessas teorias para o século XX.

desenvolveu no Islã em oposição à influência ocidental a partir do imperialismo. Em sua origem não era violento, mas adquiriu essa característica ao ser usado como política de Estado”. As maiores vítimas da violência são as próprias sociedades muçulmanas: o crescimento do fundamentalismo e as retaliações pelas potências ocidentais já mataram pelo menos 10 mil pessoas no Oriente Médio (BAUMAN, 2007).

Cabe também fazermos a distinção de alguns conceitos importantes para compreensão do mundo muçulmano. O Islamismo e islamita são termos utilizados para definir o movimento ideológico que luta pelo poder político com base na religião. Esses dois termos são comumente utilizados de forma errada como sinônimo de Islã no português (DEMANT, 2015). Em pesquisa rápida no Google, todos os *sites* da primeira página de busca colocam como sinônimo “Islamismo” a “Islã”, entre eles: Brasil Escola, Wikipédia, Mundo Educação, Toda Matéria, Stoodi, Info Escola, Significados e Educa Mais Brasil. O que evidencia a grande confusão, desconhecimento e mau uso dos conceitos nos *sites* de busca rápida, utilizados também por alunos do ensino básico e médio. Islâmico é o praticante do Islã e refere-se especificamente à religião (DEMANT, 2015). Já muçulmano é um fenômeno sociológico dos fiéis que seguem as práticas, dogmas e obrigações morais da religião. Por exemplo, o Senegal é um país de maioria muçulmana, mas não um Estado Islâmico, e sim laico. Os árabes também são associados aos muçulmanos, devido à própria origem do Islã no Oriente Médio e a grande porcentagem de árabes muçulmanos<sup>71</sup>. Porém, correspondem a um grupo étnico de idioma arábico que engloba judeus, muçulmanos e cristãos. O Oriente Médio refere-se a uma região geográfica, denominada assim pelas potências europeias durante a colonização. São hoje 22 países<sup>72</sup> que formam a Liga Árabe, criada em 1945, órgão que protege e organiza as relações internacionais dos países falantes de árabe. Exemplificando, é possível ser um argelino árabe cristão ou um egípcio árabe muçulmano.

---

<sup>71</sup> Hoje, os quatro grandes blocos do mundo muçulmano que englobam 95% dos fiéis são: médio-oriental, indiano, malaio e africano. Grande parte vive em situação de pobreza, resultado da colonização e da emergência do Ocidente às sociedades muçulmanas (DEMANT, 2015). Atualmente, a África é o continente que mais converte fiéis ao Islam, seguido da Europa e da América. A expansão e a conversão ao Islã em todos os continentes variaram conforme o contato e as especificidades locais das comunidades.

<sup>72</sup> Países de língua árabe: Egito, Argélia, Líbia, Sudão, Mauritânia, Marrocos, Tunísia, Djibuti, Iêmen, Omã, Arábia Saudita, Somália, Jordânia, Palestina, Líbano, Síria, Iraque, Kuwait, Bahrein, Catar, Emirados árabes e Palestina.

Em relação às práticas<sup>73</sup> do Islã em espaços públicos em Caxias do Sul, não foi registrado nenhum comportamento hostil na cidade para com a comunidade senegalesa, “desde que estas permaneçam restritas para os seus praticantes e não interfiram na rotina da cidade. O que gera uma contradição, já que o Islã é uma religião que precisa ocupar os espaços públicos” (LIA; OLIVEIRA, 2018, p. 56). Com relação às mulheres muçulmanas, o uso do *hijab* as torna mais “visíveis” enquanto seguidoras do Islã. No ocidente, há uma imagem estereotipada da mulher muçulmana, “percebendo-se apenas os aspectos mais negativos e mais espetaculares, amplamente cobertos pela mídia e divulgados sem nenhum discernimento” (HAJJAMI, 2008, p. 1). Em geral, as mulheres senegalesas não são percebidas como muçulmanas na cidade de Caxias do Sul, principalmente porque no Ocidente associa-se essa religião ao uso do *hijab*.

De acordo com o relato da senegalesa Mariama Babji:

Então as pessoas tão sabendo essa informação como vários trabalharam nas empresas e tudo, as pessoas tão sabendo disso. Mas propriamente dizer a pessoa te olhar e te dizer tu é muçulmana, não. Porque uma mulher muçulmana a identidade é assim, só que a pessoa poderia olhar e dizer que eu sou muçulmana é usando o *hijab*. Todos os lugares que as pessoas sabem que essa aqui é uma muçulmana, agora eu vestindo assim tem que ser uma pessoa que conhece né [...].<sup>74</sup>

Apesar de o *hijab* ser uma vestimenta associada as mulheres muçulmanas, as imigrantes senegalesas residentes em Caxias do Sul não o usam e, para se

<sup>73</sup> Aqui refere-se a prática da *salat*, a reza que todos os muçulmanos fazem cinco vezes por dia em direção a Meca, cidade sagrada onde nasceu o profeta Muhammad. A *salat* é uma veneração a Deus e um dos cinco pilares obrigatórios da religião. Ainda que a *salat* seja possível em qualquer lugar, ela faz-se preferivelmente na coletividade de muçulmanos. Uma vez por semana, na sexta-feira, a comunidade reúne-se na mesquita para a oração comunal.

<sup>74</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: Hoje em dia as pessoas vejam imagem de muçulmano como querem, tipo homem bomba que mata as pessoas, tipo assim os turistas e tal. Então a gente tem esses medo na verdade, mas eu digo assim, religião muçulmana é bem tranquila, é bem de paz, sabe. Eu acredito que essas pessoas que tão lutando, essas pessoas que tão se matando, fazendo uma coisarada. Nada ver com muçulmano, eu acredito que eles tão fazendo por conta própria deles, tipo eles tão fazendo isso tipo fazendo briga entre petróleo, a terra, com os EUA a si, se vingando. Mas eu acredito que nada ver com muçulmano tipo assim, sabe, porque ba é bem tranquilo, e de paz, tipo assim sabe. Então se acredita que tem preconceito, tipo tem algum país como nós todos nossos nome vem de Sene... / muçulmano, então eu acredito que tem preconceito que todos têm, a meu nome, a qual é o teu nome? A é Abdou, a muçulmano, e tal vocês que mata e tal. Ou pergunta, que religião vocês frequenta? A eu sou muçulmano, ba muçulmano aqueles homem de bomba né? Tipo assim entende. Então é uma coisa assim com certeza dá medo, as pessoas ficam com medo por causa desses coisa aí, por casa que as TV tão mostrando, as mídia e tal tal tal, sabe. Mas é um religião bem tranquila e de paz sabe.

integrarem à sociedade local, usam roupas características da região (OLIVEIRA, 2019). Já a comunidade de origem palestina procura manter a tradição do uso.

Quanto à questão cultural, foi noticiado o casamento árabe de Kitham Qadan e de Mohmad Qadan, ocorrido em Caxias do Sul. A matéria foi publicada no Jornal Pioneiro de 2012 (SARTORI, 2012)<sup>75</sup>. A noiva foi criada na Palestina e sequer falava português quando realizada a cerimônia. Imad Bakri, irmão da noiva, relata, referindo-se a Caxias do Sul: “Aqui tudo parece ao contrário, mas elas são criadas conforme a tradição”. De acordo com a matéria: “Para Imad Bakri, irmão de Kitham, é difícil manter as tradições palestinas em Caxias, e conta que as meninas de família palestina são levadas à terra de origem para estudar e aprender os costumes, ainda antes da adolescência” (SARTORI, 2012). Como se pode notar, fica difícil manter as tradições do que se difere dos costumes caxienses.

A comunidade imigrante palestina – assim como a senegalesa – tampouco faz parte do que a cidade espera, isto é, da idealização de imigrantes como os europeus vindo no passado, pensando-a como um recanto europeu (COSTA; LIA, 2018). Segundo Lia e Costa (2018, p. 186), os imigrantes palestinos “raramente correspondiam à ideia de imigrante ideal, seja pela etnicidade, cultura religiosa ou forma de trabalho”. A comunidade senegalesa ainda soma preconceitos por serem africanos e negros. Segundo Mariama Babji:

Porque é uma coisa que, o racismo é uma coisa que infelizmente ta acontecendo até agora, e as vezes tu passa na rua, os homens te olham e assim ó, tipo, eu vivi um caso, era um domingo, que eu vendia, tinha na época uns cartãozinho assim que os senegaleses faziam as ligações. Agora não tem mais, eu não to vendendo mais, ai nos domingos eu saia 11 horas, 10 horas ali, eu fui na praça caminhando só que no domingo praticamente não tem ninguém, ai um cara chegou perto e disse assim ó pra mim, se eu tava fazendo programa, ai eu não respondi, eu segui o meu caminho ele veio atrás de mim começou a falar, eu disse assim ó, eu to trabalhando pra começar e se for uma questão de prostituição eu nunca ia chegar aqui no Brasil, porque de onde eu saí tem homens.<sup>76</sup>

<sup>75</sup> SARTORI, Tríssia Ordovaz. Casamento árabe é realizado com três dias de festa, em Caxias. **Pioneiro**, Gaúcha Zh. Caxias do Sul, maio 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2012/05/casamento-arabe-e-realizado-com-tres-dias-de-festa-em-caxias-3748341.html#:~:text=Uma%20festa%20que%20dura%20tr%C3%AAs,ambos%20caxienses%20filhos%20de%20palestinos>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>76</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “Porque é uma coisa que, o racismo é uma coisa que infelizmente ta acontecendo até agora, e as vezes tu passa na rua, os home te olha e assim ó, tipo, eu vivi um caso, eu tava era um domingo, que eu vendia, tinha as na época tinha assim ó era uns cartãozinho assim que os senegaleses faziam as ligações. Agora não tem mais, eu não to vendendo mais, ai nos domingos eu saia lá 11, 11 horas 10 horas ali, eu fui na praça caminhando só que no domingo praticamente não tem ninguém, ai um cara chegou perto e disse assim ó pra mim, se eu tava fazendo programa, ai eu

Em *live* realizada em novembro de 2020 pelo projeto Papo Coletivo, Melek Orzopak (PAPO, 2020)<sup>77</sup> trouxe experiências sobre sua vivência como muçulmana e mãe em Caxias do Sul. Em sua fala, abordou situações constrangedoras de associações a terrorismo, seja em São Paulo, seja em Caxias, mas para ela: “Não posso dizer que a sociedade brasileira é totalmente contra o lenço, contra o muçulmano”. Ela relatou, ainda, o dilema em que sua filha passa sobre usar ou não o *hijab* atualmente na cidade e como foi sua trajetória de decisão na Turquia:

O meu país é um país muçulmano, 99% das pessoas são muçulmanas, mas infelizmente, mesmo como sendo uma muçulmana desde nascimento, sendo uma Turca né, tendo crescido na Turquia. Tipo assim, depois do ensino fundamental eu comecei a usar lenço, mas eu nunca consegui aparecer em um Instituto público com meu lenço, no fundamental dois, no ensino médio, e na faculdade, eu não conseguia estudar com meu lenço em nenhum instituto público. Eu precisava estudar tudo em particular né [...] Meu governo me obrigava a isso, os que usam lenço não podem estudar (PAPO, 2020)<sup>78</sup>.

Mesmo a Turquia sendo um país de maioria muçulmana, segundo Melek (2020), há repressões com relação ao uso do *hijab* em espaços públicos. A questão é abordada também pela série turca “8 em Istambul”, disponível na Netflix. No que diz respeito à questão cultural, se faz necessário realizar um estudo junto às comunidades muçulmanas, tendo como base os estudos feitos com a comunidade senegalesa que apontaram uma adequação e negociação da identidade cultural e religiosa para adaptação na cidade migrada (OLIVEIRA, 2019). A comunidade muçulmana é parte da história da cidade e precisa ser melhor estudada. Através de suas histórias e relações com a comunidade local, é possível compreender o fenômeno religioso e a própria dinâmica do Islã em Caxias do Sul.

---

não respondi, eu segui o meu caminho ele veio atrás de mim começou a falar, eu disse assim ó, eu to trabalhando pra começar e se for uma questão de prostituição eu nunca ia chegar aqui no Brasil, porque de onde eu saí tem homens.”

<sup>77</sup> PAPO Coletivo: Além do Véu: moda, islã e mulheres. Produção de Coletivo Aldeia. Caxias do Sul, 2020. (1:21:10). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6MaPs1ZEPKk>. Acesso em: 24 jul. 2022.

<sup>78</sup> PAPO Coletivo: Além do Véu: moda, islã e mulheres. Produção de Coletivo Aldeia. Caxias do Sul, 2020. (1:21:10). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6MaPs1ZEPKk>. Acesso em: 24 jul. 2022. Transcrição literal: “O meu país é um país muçulmano, 99% das pessoas são muçulmanas, mas infelizmente, mesmo como sendo uma muçulmana desde nascimento, sendo uma Turca né, tendo crescido na Turquia. Tipo assim, depois do ensino fundamental eu comecei a usar lenço, mas eu nunca consegui aparecer em um Instituto público com meu lenço, no fundamental dois, no ensino médio, e nem na faculdade, eu não conseguia estudar com meu lenço em nenhum instituto público. Eu precisava estudar tudo em particular né [...] Meu governo me obrigava a isso, os que usam lenço não podem estudar.”

### 3.1.1 As senegalesas: a trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha

*A gente sempre deve sair à rua como  
quem foge de casa,  
Como se estivessem abertos diante  
de nós, todos os caminhos do mundo.  
Não importa que os compromissos,  
as obrigações, estejam ali...  
Chegamos de muito longe, de alma  
aberta e o coração cantando!*

**Mário Quintana**

O objetivo do estudo realizado em 2019 no TCC foi analisar, a partir das narrativas das senegalesas, o lugar delas dentro do grupo migrante em Caxias do Sul enquanto mulheres e muçulmanas, compreendendo, também, as adaptações e relações que elas, sujeitos sociais, estabeleceram com a cidade, bem como a recepção delas pelos caxienses. Para pensar a mulher africana, utilizou-se a teoria sócio-histórica da nigeriana Oyěwùmí (2017)<sup>79</sup>, literatura e o conceito de história única de Adichie<sup>80</sup>. A metodologia trabalhada foi a história oral de vida (MEIHY; HOLANDA, 2007), dando ao projeto de pesquisa novos contornos pela pesquisadora. Para acessar essas mulheres, precisei pedir auxílio para uma das figuras de destaque público na cidade, Demba Sokhna, e assim segui por indicações, participando, inclusive, de eventos junto à comunidade. Talvez por uma questão de identificação de gênero entre a entrevistadora e as entrevistadas, os contatos e as entrevistas ocorreram de forma fácil e espontânea. Além das entrevistas, também foram observadas duas das depoentes em seus ambientes de trabalho e participado de uma festa de casamento senegalês, realizada em outubro de 2019, em Caxias do Sul.

Fatou Sokhna, Fatou Diallo e Mariama Babji (figura 11) compartilharam suas histórias de vida e trajetórias em deslocamentos na pesquisa realizada em 2019, o que me trouxe até esta pesquisa de agora.

<sup>79</sup> OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. **La invención de las mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: En la Frontera, 2017.

<sup>80</sup> Obras utilizadas de Adichie: **Hibisco Roxo** (São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 328 p.), **Meio sol amarelo** (São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 504 p.), **Sejamos todas feministas** (São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 64 p.) e **O perigo de uma história única** (São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.).

Figura 11 – As senegalesas: Fatou Diallo, Mariama Babji e Fatou Sokhna



Fonte: acervo da autora (2022).

Os papéis e lugares sociais das mulheres vêm se transformando. O ingresso de mulheres no mercado de trabalho vem aumentando, conseqüentemente, as imigrações femininas também, tanto é que nos países desenvolvidos a imigração de mulheres ultrapassa a dos homens (UNIRC, 2005). Mesmo o aumento ser recente, elas sempre estiveram presentes nos movimentos migratórios internacionais. Sobre isso, para Osman (2009, p.38), a “contribuição da mulher imigrante transcende, desde o início do processo migratório, as funções domésticas a elas atribuídas”. No Senegal, a migração feminina não era bem recebida, pois a mulher só era valorizada dentro do contexto familiar (SAKHO, DIOP, MBOUP, DIADIOU, 2015).

No entanto, o número de mulheres migrantes teve um aumento a partir da década de 1980, pela crescente contribuição feminina na renda familiar (SAKHO, DIOP, MBOUP, DIADIOU, 2015). Para Mariama Babji:

lá pega na mulher muçulmana, o lugar da mulher é em casa, educar os filhos, cuidar da casa, do marido. Mas assim hoje em dia com a modernização e tudo, tu vê as mulheres trabalhando, mas não é porque tô trabalhando que vou deixar de cuidar dos meus filhos do meu marido. Trabalha, quando tu chega em casa arruma tudo, segue tua vida, cuida do teu marido e dos teus filhos. Às vezes as pessoa trabalha, e tu vai, é assim ó, procura uma empregada pra fazer as tuas coisas na tua ausência, mas quando tu chegar em casa cuida do teu marido, da sogra, enfim...<sup>81</sup>

<sup>81</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “lá é assim ó pega na mulher muçulmana, o lugar da mulher é em casa, educar os

Na História, as mulheres tiveram, durante muito tempo, suas falas e lugares apagados pela presença masculina. Nos estudos sobre o caso dos senegaleses no Brasil, pouco foi produzido sobre as mulheres do grupo migrante. Além de virem em menor número na primeira fase da imigração – que se refere à vinda de homens que, num primeiro momento, deixaram a família no Senegal, mas que vieram em busca de trabalho e sustento do grupo familiar aqui no Brasil –, também ficam mais restritas a espaços privados, sendo mais difícil o acesso a elas. As senegalesas vieram ao Brasil após 2012, motivadas pela vinda dos maridos ao país.

Com faixa etária de 25 a 35 anos, casadas no Senegal entre os 18 e 20 anos, nenhuma delas migrou junto com o marido, vindo para o Brasil após 6 meses, 2 anos e 6 anos. Como no caso das entrevistadas, o homem vem para a cidade, busca emprego, estrutura-se e depois a família vem. As senegalesas ocupam papéis específicos enquanto mulheres, mães e muçulmanas e são importantes agentes na manutenção do grupo. Mesmo que a imigração não tenha sido uma escolha delas, como afirma Fatou Sokhna:

Eu nunca pensei na minha vida que eu fosse sair da minha terra para vir para outro país para fazer qualquer coisa, nunca imaginei, nunca pensava, nunca passava na minha cabeça. Mas um dia meu marido falou que eu vou lá no Brasil, eu conversei com ele porque ele queria ir, tu teve trabalho a gente teve as coisas né para viver lá. Mas ele falou pra mim eu vou viajar porque eu ouvi que ele fala que ganha mais que aqui<sup>82</sup>.

Em se tratando de mulheres africanas, utilizou-se referências africanas e latino-americanas, buscando pensadoras como uma perspectiva não europeia. A escolha dos autores foi sempre um dos pontos mais sensíveis e importantes desta pesquisa, visto que se mantermos sempre os mesmos teóricos nas referências, não haverá uma mudança no olhar sobre as epistemologias, manteremos sempre brancos, europeus e raras mulheres nas leituras e na divulgação do conhecimento

---

filhos, cuidar da casa, do marido. Mas assim hoje em dia com a modernização e tudo, tu vê as mulheres trabalhando, mas não é porque tô trabalhando que vou deixar de cuidar dos meus filhos do meu marido. Trabalha, quando tu chega em casa arruma tudo, segue tua vida, cuida do teu marido dos teus filhos. Às vezes as pessoa trabalha, e tu vai, é assim ó, procura uma empregada pra fazer as tuas coisas na tua ausência, mas quando tu chegar em casa cuida do teu marido, da sogra, enfim...”

<sup>82</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “Eu nunca pensava na minha vida que eu fosse sair da minha terra para vir na outra país pra fazer qualquer coisa, nunca imaginei, nunca pensava, nunca passava na minha cabeça. Mas um dia meu marido falou que eu vou lá no Brasil, eu conversei com ele porque ele queria ir, tu teve trabalho a gente teve as coisas né para viver lá. Mas ele falou pra mim eu vou viajar porque eu ouvi que ele fala que ganha mais que aqui”.



científico. Com isso, deixa-se de lado uma porção significativa de conhecimento acumulado de culturas que, historicamente, foram silenciadas pela colonização e colonialidade do poder (QUIJANO, 2007).

Neste estudo, não foi realizada análise de gênero, como alerta Oyèwúmi (2000, p. 3), “mulher e gênero são praticamente termos sinônimos em muitos estudos que pretendem ser sobre relações de gênero (que na verdade deveriam incluir homens e mulheres)”. Buscou-se compreender melhor a dimensão feminina da imigração senegalesa em Caxias do Sul, destacando a religiosidade e dando protagonismo para essas mulheres por meio do direito de narrar a sua própria história (CONSTANTINO, 2006).

Todas as entrevistadas tinham, pelo menos, dois filhos, deixando pelo menos um dos filhos no Senegal para migrarem ao Brasil, geralmente o mais velho. Ser mãe é visto como parte importante da vida das mulheres senegalesas. Para Oyèwùmi (2004), as relações e papéis sociais familiares são construções socioculturais, assim como o lugar da mulher e da mãe. Como afirmou Mariama Babji, “É, isso é o sonho de toda mãe vê a filha um dia casar né, vê os netos e tudo”<sup>83</sup>. Durante sua fala, também falou da cobrança sobre a mulher em ter mais filhos, pelo marido e pela sogra. Nas palavras da entrevistada:

Aham, eu queria fazer o Enem depois meu marido começou né, aí é muitos anos não sei o que porque ele quer que eu engravide, eu disse assim ó pra ele, ele quer a menina vai fazer cinco anos agora, a minha sogra reclamando toda hora que, ele ontem começou, tu diz que tu não quer engravidar não sei o que não sei o que. Ele disse assim para mim, porque tu queria tu pediu um tempo pra terminar o curso e conseguiu emprego. Eu disse, eu consegui emprego, mas é aquela coisa, eu não quero, se eu engravidado agora vai ter muitas coisas que eu vou deixar para depois [...] Aí eu digo assim ó, o que eu não quero engravidar, mas na verdade o que eu quero mesmo é estudar. O que eu quero é estudar, eu, como eu falei, eu gosto de estudar e para mim os estudos são tudo<sup>84</sup>.

<sup>83</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “É, isso é o sonho de toda mãe vê a filha um dia casar né, vê os netos e tudo”.

<sup>84</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “Aham, eu queria fazer o Enem depois meu marido começou né, aí é muitos anos não sei o que porque ele quer que eu engravide, eu disse assim ó pra ele, ele quer a menina vai fazer cinco anos agora, a minha sogra reclamando toda hora que, ele ontem ontem começou, tu diz que tu não quer engravidar não sei o que não sei o que. Ele disse assim ó para mim, porque tu queria tu pediu um tempo pra terminar o curso, conseguiu emprego. Eu diz assim ó, eu consegui emprego, mas é aquela coisa eu não quero, se eu engravidado agora vai ter muita coisas que eu vou deixar para depois [...] Aí eu diz assim ó, o que eu não quero engravidar, mas na verdade o que eu quero mesmo é estudar. O que eu quero é estudar, eu, como eu falei, eu gosto de estudar e para mim os estudos são tudo”.

A fala de Mariama representa a contradição que vive uma mulher que busca estudar. O relato demonstra que as mulheres muçulmanas não são sempre oprimidas e submissas como muito divulgado pelo Ocidente (BARBOSA, 2007). Na história do Islã, há diversas mulheres ocupando o espaço público e cargos de poder<sup>85</sup>. As violências de gênero são parte do universo feminino e também resultados dos esforços de dominação colonial (OYÉWÚMI, 2017). Mariama Babji já veio formada para o Brasil em Enfermagem, assim como Fatou Sokhna, que também era secretária-administradora. Mulheres que estudaram e, quando chegaram ao Brasil, tiveram que estudar novamente, especializando-se em outra área para contribuir com a renda familiar. As três imigrantes atuaram em Caxias do Sul, em áreas como: alimentação, comércio, estética, indústria e saúde.

Quanto à área de formação, Fatou Sokhna atuava como secretária-administradora no Senegal, mas em Caxias do Sul não conseguiu emprego na área. Segundo ela:

Não teve, eu procurei muito na minha área pra ser secretária, mas não conseguiram nada, eu tive entrevista, teve 2, 3, 4 entrevistas por dia, mas depois de entrevista ninguém me chamou porque eu acho que, ele não vai confiar a um estrangeiro que vem de fora, de secretária administradora, ninguém vai dar oportunidade, eu acho. Depois sofrer bastante porque eu não querer mudar de profissão, porque só isso que eu sabia né, eu chorava bastante né<sup>86</sup>.

Depois de desistir de procurar emprego na área, investiu em cursos na área da alimentação, onde atuou por alguns anos. No que concerne a isso, para Barbosa (2007), o corpo carrega o mundo cultural e social, nesse caso, corpos que não correspondem ao ideal de imigrante objetivado na região acabam por terem limitada a ocupação de espaços de trabalho e de lugares. Atualmente, Fatou trabalha em um salão de beleza fazendo tranças-afro, um conhecimento que adquiriu no Senegal. A procura por esse tipo de saber também mostra uma valorização da estética afro em Caxias do Sul. O corpo como social tem nos seus elementos como nariz, boca e

---

<sup>85</sup> Alguns exemplos atuais de mulheres muçulmanas ocupando cargos políticos nos Estados Unidos (EUA): Ilhan Omar, Rashida Tlaib, Mauree Turner, Madinah Wilson-Anton, Iman Jodeh e Nisa Allam.

<sup>86</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: "No teve, eu procurei muito na minha área pra ser secretária, mas não conseguiram nada, eu tive entrevista, teve 2 entrevistas, 3 entrevistas, 4 entrevistas por dia, mas depois de entrevista ninguém me chamou porque eu acho que, ele não vai confiar a um estrangeiro que vem de fora, disse que secretária administradora, ninguém vai dar oportunidade, eu acho. Depois sofrer bastante porque eu não querer mudar de profissão, porque só isso que eu sabia né, chorava bastante né".

cabelo padrões estéticos. A valorização da estética negra e afro torna-se um ato político e de resistência, buscando na sua cultura histórica os elementos de apreciação de si, do coletivo e dos seus traços.

Fatou Diallo atuava como vendedora no Senegal e, no momento da entrevista, também, mas na loja do seu marido na cidade. Antes de ir para o comércio de Caxias do Sul, ela trabalhou em uma das maiores empresas do setor automotivo da região. Era montadora, e os cursos realizados na área foram todos realizados na própria empresa, que possui um centro de especialização interno.

Durante a entrevista com Fatou Diallo, ela falou sobre como os colegas de trabalho ajudaram-na emocionalmente: “eu trabalhava na Marcopolo, as colegas eram bem legais, daí conversavam comigo e me ajudava bastante, sabe. Foi isso que me ajudou. Mas era muito difícil pra mim e chorava dia e noite de saudade (risada)<sup>87</sup>” Todas as entrevistadas estabeleceram uma rede de apoio com algumas pessoas da cidade, principalmente no início, com outras mulheres de Caxias do Sul.

Esse fato demonstra como as mulheres senegalesas relacionam-se mais facilmente com outras mulheres. Além dos maridos, irmãos e outros senegaleses, não houve a presença de outra figura masculina nos relatos, sendo essa uma característica das três entrevistas realizadas neste estudo. Talvez isso constitua um reflexo de uma identificação de gênero e/ou de características culturais do próprio Islã, em que mulheres e homens estão em universos diferentes (BARBOSA, 2007). Fatou Diallo chorava de saudade devido aos dois filhos que precisou deixar no Senegal, um com dois anos e outro com apenas alguns meses. Fatou teve mais dois filhos já em Caxias do Sul e relatou que foi bem atendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Mariama Babji estudou Enfermagem no Senegal e, logo após a conclusão do curso, casou-se, não atuando na área no seu país de origem. Quando imigrou para o país, 6 anos após a vinda do marido, tentou validar seu certificado, mas não conseguiu. Segundo a Portaria Normativa do MEC, n. 22 de 13 de dezembro de 2016, o Brasil não possui acordo com nenhum país referente à revalidação de diplomas de universidades estrangeiras, assim sendo, pode-se revalidá-lo,

---

<sup>87</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “eu trabalhar na Marcopolo lá, daí as colegas são bem legal, daí conversava comigo daí me ajudava bastante sabe. Foi isso que me ajudou daí. Mas era muito difícil pra mim e chorava dia e noite de saudade (risada)”.

independentemente da país, porém, é um processo difícil e tem custo, podendo ser cobrado até três mil reais para a revalidação.

Com isso, Mariama trabalhou na rua vendendo cartões de ligações internacionais enquanto estudava à noite para obter um certificado brasileiro. Formou-se em técnica de enfermagem e atua na área. Tanto ela quanto Fatou Diallo disseram que pretendem permanecer no Brasil, mesmo que as expectativas financeiras não tenham sido correspondidas. De acordo com o relatório da OBMigra (2020), os rendimentos mais altos de trabalhadores migrantes no Brasil são de norte-americanos, independentemente do sexo. Em média, as mulheres recebem 30% a menos que os homens imigrantes, mas no caso das norte-americanas, ganham 8,5 vezes a mais que os centro-americanos e caribenhos. As mulheres da América Central ganham 14,3 vezes menos que os homens do norte. Já os homens e mulheres africanas recebem valores inferiores à média, conforme demonstrado no quadro 1.

Quadro 1 – OBMigra: ocupações formais e rendimento mensal 2019

Nacionalidades	Total		Feminino		Masculino	
	(Ocup)	(R\$/mês)	(Ocup)	(R\$/mês)	(Ocup)	(R\$/mês)
Total	147.674	R\$5.319,00	43.774	R\$4.053,00	103.900	R\$5.852,00
África	8.794	R\$2.515,00	1.195	R\$2.688,00	7.599	R\$2.488,00
América do Norte	2.192	R\$19.776,00	888	R\$15.501,00	1.304	R\$22.688,00
Am. Central e Caribe	55.821	R\$1.760,00	14.425	R\$1.588,00	41.396	R\$1.819,00
América do Sul	52.265	R\$4.884,00	18.364	R\$3.594,00	33.901	R\$5.583,00
Ásia	8.811	R\$8.793,00	2.865	R\$5.113	5.946	R\$10.566
Europa	15.156	R\$14.867,00	4.527	R\$9.014	10.629	R\$17.360

Fonte: Relatório executivo OBMigra (2020).

A relação desigual entre os países do Norte e do Sul é percebida pela grande diferença salarial. Os trabalhadores da América Central e do Caribe, seguidos dos africanos, são os que menos recebem. Para além dos dados, os corpos migrantes são acolhidos ou rejeitados conforme sua cultura, cor, língua ou religiosidade. Há sempre um tensionamento: os bem-vindos e os não bem-vindos. Conforme os jeitos, traços e cores dos corpos que não ocupam o mesmo território, a

humanidade dos sujeitos é estranhada e, por vezes, inferiorizada perante o outro (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016).

Nas entrevistas, foram questionadas sobre as diferenças observadas entre brasileiras e senegalesas. Mariama Babji e Fatou Diallo falaram da diferença da vestimenta das brasileiras e abordaram a questão dos relacionamentos amorosos. Nas vestimentas, Mariama Babji comentou sobre “tamanho” das roupas das brasileiras, principalmente no verão, dizendo “[...] como nós somos muçulmanos, que nem aqui as mulheres usam saia curtinha, ou short daí, bem curtinho daí, a gente não consegue usar isso”<sup>88</sup>. Fatou Diallo falou sobre as questões de relacionamento das mulheres senegalesas, percebida como diferente do Brasil. O Islã impacta em diferentes dimensões da vida, inclusive na vestimenta e nos relacionamentos, a mulher muçulmana senegalesa deve se manter virgem até o casamento, sendo que isso não é uma regra válida para a sociedade caxiense: “[...] a diferença também é aqui quando tu namora daí tu pode ir na casa do teu namorado, passar a noite lá, fazer tudo que quiser, lá não pode, a mulher é sagrada lá, daí tu tem que, vocês podem namora, mas não pode acontece nada entre vocês, só depois do casamento”<sup>89</sup>.

Importante dizer que valores morais diferentes não podem ser avaliados como melhores ou piores, mas como construções socioculturais. No caso das muçulmanas, o corpo é pensado como algo sagrado e que a ocupação de espaços diferentes dos homens é compreendido como garantia ao direito de privacidade da mulher (BARBOSA, 2007).

Outros aspectos relacionados ao feminino dito pelas entrevistadas foram as brincadeiras de infância. Todas falaram sobre o momento em que começaram a aprender “coisas de mulher”, que estão ligadas aos cuidados e saberes domésticos para o futuro casamento. Para Fatou Sokna: “Eu cuidava também dos meus irmãos [...] eu fiquei sempre muito esperta com meus irmãos, eu queria sempre ajudar ele né. Ajudar também minha mãe fazer as coisas, tu sabe lá no Senegal a gente

---

<sup>88</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “[...] daí que como eu a gente como muçulmano, que nem aqui as mulheres usam saia curtinha, ou short daí, bem curtinho daí, a gente não consegue usar isso”.

<sup>89</sup> DIALLO, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2019. Transcrição literal: “a diferença também é aqui quando tu namora daí tu pode ir na casa do teu namorado, passar a noite lá, fazer tudo que quiser, lá não pode, a mulher é sagrada lá, daí tu tem que, vocês podem namora, mas não pode acontece nada entre vocês, só depois do casamento.”

começa muito cedo aprender a vida, porque eu comecei a cozinhar com 9 anos, que eu comecei a cozinhar, o primeiro prato que eu fiz eu me lembro”<sup>90</sup>.

Ainda, lembrou sobre a diferença entre meninos e meninas, como mencionou Fatou Diallo: “As meninas, elas brincam com boneca, coisa assim de cozinha, de cozinhar, coisa assim, de cuidar de bebe assim, de brincadeira né. Daí os homens o que mais gosta criança é jogar bola né [...] eu gostava de fazer coisa de menino né. Eu jogava bola, fazia corrida muito, eu corria muito daí”<sup>91</sup>. Já para Mariama, que foi morar com seus avós entre seus 8 e 10 anos, precisou “aprender coisas de mulher” com sua avó, como cozinhar: “Porque ela ensinou e explicou, tu é mulher tu tem que aprender coisa de mulher porque um dia tu vai te casar e é diferente, lá é assim ó tu te casa e sai da casa dos teus pais pra morar com a família do teu marido”<sup>92</sup>. Quando a mulher se casa, segundo as entrevistadas, ela precisa morar na casa do seu marido, com a família dele. Quanto a isso, cabe ressaltar que isso não é parte dos preceitos do Islã. Já no que diz respeito aos filhos, todas as senegalesas, quando vieram para o Brasil, deixaram seus filhos com a sogra até conseguirem regularizar a documentação e o custeamento da viagem das crianças para o Brasil. Além disso, foram seus maridos que foram ao Senegal buscar as crianças, e não elas.

No que concerne à religião, o Islã demanda de espaços públicos para sua prática (LIA; PEREIRA, 2018). Práticas essas que envolvem a *Salat*, a alimentação e o mês sagrado do Ramadã. Caxias do Sul, por ser uma cidade com maioria cristã, não possui espaços destinados às práticas muçulmanas além dos espaços privados mantidos pela comunidade, como exemplifica Fatou Diallo:

Aquilo que eu te falei, a oração é assim ó, quando tu vai sair de manhã cedo de casa, daí ainda dá tempo pra ti fazer. Aí depois que tu sai, que tu vai

---

<sup>90</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, ago. 2019. Transcrição literal: “Eu cuidava também minhas irmão [...] eu fiquei sempre muito esperta com minhas irmãos, eu queria sempre ajudar ele né. Ajudar também minha mãe fazer as coisas, tu sabe lá no Senegal a gente começa muito cedo aprender a vida, porque eu comecei a cozinhar a 9 anos, que eu comecei a cozinhar, o primeiro prato que eu fiz eu me lembro”.

<sup>91</sup> DIALLO, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2019. Transcrição literal: “As meninas, elas brincam com boneca, coisa assim de cozinha, de cozinhar, coisa assim, de cuida de bebe assim, de brincadeira né. Daí os homens o que mais gosta criança é jogar bola né [...]eu gostava de fazer coisa de menino né. Eu jogava bola, fazia corrida muito, eu corria muito daí”.

<sup>92</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2019. Transcrição literal: “Porque ela ensinou e explicou, tu é mulher tu tem que aprender coisa de mulher que um dia tu vai te casar e é diferente, lá é assim ó tu te casa e sai da casa dos teus pais pra morar com a família do teu marido”.

trabalhar, não tem lugar pra fazer, não sei como é que é, não sei como chama isso em português, na água daí tu vai fazendo pra antes de orar. Tu tem que lavar as mãos, a cara, os pé, esse processo. Daí quando tu vai trabalhar tu não vai conseguir fazer isso né<sup>93</sup>.

Para as entrevistadas, elas não são identificadas como mulheres muçulmanas, uma vez que essa “aparência” está ligada ao uso do *hijab*, o véu. A mulher muçulmana no ocidente sempre foi estereotipada. Segundo Demant (2015, p. 148), “ontem fantasia orientalista, a sensual criatura do harém; hoje vítima de opressão velada e genitalmente mutilada”. A mulher no Islã, assim como nas demais religiões monoteístas patriarcais, ocupa uma função diferente daquela do homem e, em muitos países, é violentada em várias dimensões da sua existência. Uma posição comum nas sociedades pré-modernas e ainda na atualidade.

No Brasil, por exemplo, país de predominância cristã, no ano de 2013, foi registrado uma média de 1 feminicídio a cada 90 minutos, segundo o Mapa de Violência BRASIL, 2015). Ainda, foram registrados, em 2015, o aumento de 54% de assassinatos de mulheres negras, passando de 1.864 para 2.875. Em relação a situação das mulheres no Islã, Demant (2015, p. 150) afirma que “a posição jurídica da mulher dentro do islã era melhor do que nas outras civilizações tradicionais e hierárquicas. Em vez de ser vista como posse, a mulher passou a ter existência jurídica e direito à propriedade”.

Quanto ao Islã, a primeira esposa de Maomé, Khadija, tinha um importante papel nos primeiros anos da religião (ARMSTRONG, 2001). Na história dessa religião, as mulheres foram sendo gradualmente excluídas, principalmente durante o período medieval. O próprio uso do *hijab* era “originalmente uma questão de etiqueta que comprometia apenas as esposas do Profeta – se expandiu até chegar a uma segregação sexual abrangente” (DEMANT, 2015, p. 151). Segundo Lima (2014, p. 683), a desigualdade entre gêneros no Islã “não é alcorânica, é cultural e social”.

Atualmente, Fatou Sokhna trabalha como trancista em Caxias do Sul. Mesmo tendo seu trabalho afetado pela pandemia<sup>94</sup>, mantém-se exercendo a atividade. Fatou também tem se destacado em participações de produções

---

<sup>93</sup> DIALLO, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2019. Transcrição literal: Aquilo que eu te falei, a oração é assim ó, quando tu vai sair de manhã cedo de casa, daí ainda dá tempo pra ti fazer. Aí depois que tu sai, que tu vai trabalhar, não tem lugar pra, pra fazer, pra, não sei como que é não sei como chama isso em português, na água dai tu vai fazendo né, pra, pra antes de orar. Tu vai tem que lavar as mãos, a cara, dai os pé, pra, pra esse processo daí. Daí quando tu vai trabalhar tu não vai conseguir fazer isso né.

<sup>94</sup> A entrevista foi feita durante a pandemia da covid-19.

audiovisuais com seu irmão Demba Sokhna. Fatou Diallo deslocou-se com seus filhos para a França, logo antes de iniciar a pandemia da covid-19. Seu marido permaneceu trabalhando na cidade. Em conversa particular, Fatou comentou que o fato de lá se falar francês, como no Senegal<sup>95</sup>, e de ter irmãs na França, isso facilitaria os estudos de seus filhos. Mariama Babji reside em Caxias do Sul, mas não estava atuando como enfermeira em 2021.

### 3.1.2 O caso dos senegaleses: uma revisão de literatura

Os deslocamentos recentes em Caxias do Sul são compostos por imigrantes internacionais, em sua maioria de homens negros, jovens, africanos e haitianos, o que causou um estranhamento na cidade pelas diferenças culturais nos primeiros anos. A cidade, que já estava habituada a receber migrantes de diferentes regiões do RS, e foi constituída como município por imigrações internacionais, posicionou-se de diversas formas. De acordo com Herédia e Gonçalves (2018, p. 156), sobre esses fluxos migratórios, havia,

os que viam nele uma reserva de mão de obra para determinados setores da indústria; os que eram agentes de serviços assistenciais, sobretudo de setores da Igreja Católica que criaram uma rede de acolhida e assistência destinada a eles; os que se sentiam ameaçados socialmente com a sua presença; e, por fim, os que tomaram a posição de defendê-los das acusações preconceituosas, sobretudo daquelas advindas da sua origem africana ligada à pobreza, à cor da pele e à sua crença religiosa.

Esses grupos migratórios recentes, além de postos de trabalho, ocuparam as telas, fizeram-se presente no setor cultural e estiveram em páginas de textos acadêmicos e jornalísticos. Em pesquisa no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram registrados<sup>96</sup> 360 produções sobre a imigração haitiana no Brasil, sendo 258 de mestrado e 73 de doutorado, de 2013 a 2022; entre 2018 e 2020 foram os anos de mais publicações, com destaque para a área do conhecimento de Letras, Educação e Direito. Já a imigração senegalesa teve 17 trabalhos publicados, sendo 13 de mestrado e 4 de doutorado, tendo os anos de 2019 e 2020 com mais publicações.

---

<sup>95</sup> O idioma oficial do Senegal é o Francês, mas muitas pessoas falam *wolof*.

<sup>96</sup> Data do levantamento: 03 de maio de 2022



No que concerne às produções acadêmicas, a imigração haitiana tem tido maior destaque, em função de serem imigrantes que vêm em maior número e por ser uma imigração acolhida por acordos diplomáticos que garantem a permanência legal deles no Brasil. Segundo dados do Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2018), em 2014, as principais nacionalidades dos trabalhadores migrantes no Brasil foram a haitiana, seguida da senegalesa, concentrada no sul do país. No caso dos senegaleses, o visto é dado por razões humanitárias, e a política do Conselho Nacional de Imigração foi sendo flexibilizada para a regularização dos migrantes que saem do Senegal em busca de trabalho (HERÉDIA; GONÇALVES, 2018).

No que diz respeito a essas vindas, a Universidade de Caxias do Sul (UCS), em parceria com o Centro de Atendimento ao Migrante, vem desde 2010 discutindo e pensando os fenômenos migratórios no Rio Grande do Sul (RS). Neste ano (2010) aconteceu o Seminário Mobilidade Humana e Dinâmicas Migratórias, evento que possibilitou o projeto "Migrações externas: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil", realizado pelas universidades de Caxias do Sul, de Passo Fundo e de Santa Maria e o Centro de Atendimento ao Migrante (CAM).

Quanto aos estudos voltados a isso, em 2015, foi publicado o livro *"Migrações Internacionais: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil"*, organizado por Herédia e Pandolfi (2015), uma das principais obras de referência no estudo deste fenômeno migratório, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, com as passagens de senegaleses registradas pelo CAM entre 2010 e 2014. O estudo contextualiza a imigração senegalesa, os motivadores do deslocamento, a cultura do país, o Islã senegalês, a diáspora africana e a relação entre Brasil e Senegal. Traz relatos de experiências de viagens de brasileiros ao Senegal, problematiza a relação do grupo imigrante com a cultura local, principalmente no aspecto religioso, e discute a importância do trabalho, além de mostrar e problematizar os dados sobre a imigração senegalesa em Caxias do Sul. A obra também conta com autores senegaleses da Universidade de Dakar, como Papo Sakho, Rosalie Diop, Bara Mboup e Diodio Diadiou, e também do imigrante Abdou Ndiaye (Bili), residente em Caxias do Sul.

Em 2015, também foi publicado o livro *Senegaleses no centro-norte do Rio Grande do Sul: imigração laboral e dinâmica social*, de João Carlos Tedesco e Pedro Alcides Trindade de Mello (2015), organizado pelo Núcleo de Estudos de Memória e

Cultura (NEMEC). Dividida em cinco capítulos, a obra contextualiza o cenário das imigrações internacionais recentes no mundo, faz apontamentos sobre o Senegal e o processo de deslocamentos do país, análise a imigração senegalesa no centro-norte do Rio Grande do Sul, problematizando a questão do trabalho e a dimensão simbólica.

Nessa obra, os autores iniciam-na discutindo e definindo o conceito de imigrante no mundo moderno, como uma

representação simbólico-social e experiência de vida concreta de quem deixa o país em que nasceu e foi registrado (nacionalmente) e busca, em um outro, uma nova experiência e situação de vida, em geral, motivada por questões de ordem econômica, ou seja, uma vida melhor do que aquela que estava sendo vivida no país de origem (TEDESCO; MELLO, 2015, p. 28).

No caso dos senegaleses, é recorrente, nas entrevistas, a afirmativa de “buscar uma vida melhor”, o que, nesse caso, está relacionado diretamente com o trabalho e a sustentabilidade da família. Segundo os autores, no mundo moderno, constituiu-se como marca a estranheza ao estrangeiro, sendo este um agente estranho à similaridade que se constitui, sendo o outro. Os senegaleses, nos primeiros anos de deslocamento, trouxeram a dificuldade de conseguir o visto para o Brasil, inserindo-se em redes transnacionais ilegais, sendo submetidos a ameaças, falta de entendimento da situação e precariedade na viagem, uma forma explícita de violência simbólica e física, as quais são cometidas com alguns grupos migratórios.

Quando estabelecidas no Sul, tanto na região da Serra Gaúcha como no Centro-Oeste, os primeiros anos foram marcados por comentários não positivos em relação aos grupos recém-chegados. Diferentemente de Herédia e Pandolfi (2015), que contaram com os dados sistematizados pelo CAM, Tedesco e Mello (2015) utilizaram pesquisas de campo e entrevistas realizadas pelos próprios autores, fazendo um comparativo com os dados oficiais divulgadas pelo Comitê Nacional para os Refugiados e Polícia Federal. Além disso, destacam a importância da família como motor da imigração e sua dimensão simbólica.

Outro estudo foi elaborado por Herédia e Gonçalves (2017), publicado na obra *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*, organizado por Tedesco e Kleidermacher (2017), por meio do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC) da Universidade de Passo Fundo. A coletânea reúne pesquisadores do Senegal, Brasil e Argentina, contendo escritos em francês,

português e espanhol, abordando a emigração no Senegal e os deslocamentos internacionais para o Brasil e Argentina. Assim como nas outras publicações, há a problematização do lugar do imigrante em um mundo globalizado que cada vez mais reduz suas fronteiras de acesso. Mas que o recebimento e o acolhimento podem ocorrer de diversas formas, dependendo de quem é esse imigrante. No caso dos senegaleses, a religiosidade e o ser negro são sempre problematizados, visto que isso os próprios imigrantes participantes da pesquisa relatam isso.

Ainda em 2017, fora apresentado o artigo *Experiências Imigratórias: uma migração sem mulheres*, no 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero e 13th Women 's World Congress em Florianópolis (Santa Catarina). Neste artigo, as autoras Herédia e Gonçalves (2017) apresentam o quadro da imigração como masculina, destacando que entre 2015 e 2016 houve um pequeno aumento no número de mulheres vindo ao Brasil. Quanto a isso, a saída delas torna-se mais complicada devido às questões culturais, mas o quadro econômico mundial vem se alterando, levando muitas mulheres a se deslocarem e passarem a contribuir com a renda familiar. No estudo, a análise é realizada por meio dos dados do CAM e pontua sobre o lugar da mulher na família, que é associada à reprodução e à manutenção do grupo familiar. Ademais, levanta a questão da poligamia e da submissão da mulher, tema aprofundado por Gonçalves (2020)<sup>97</sup> em sua tese de doutorado.

No Sul do Brasil, grande parte dos estudos e publicações sobre a imigração senegalesa são dos pesquisadores Gonçalves, Herédia e Tedesco. Observou-se um uso recorrente do método etnográfico nas publicações, de entrevistas e dados disponibilizados pelos órgãos públicos. Muitos desses pesquisadores criaram laços com as comunidades, seja por meio de auxílio dos imigrantes, seja por associações locais, possibilitando muitos dos estudos realizados. Um autor muito presente nas publicações no Brasil, assim como na Argentina, é o sociólogo Stuart Hall, mostrando a preocupação com a identidade dos sujeitos e a importância da cultura.

De modo geral, as entrevistas realizadas apresentam um conteúdo semelhante, quer em relação ao trabalho, quer ao acolhimento na cidade, quer à religiosidade. Os imigrantes, em sua maioria homens, vêm em busca de trabalho,

---

<sup>97</sup> GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. **Levados com a areia**: estudo antropológico sobre a diáspora mouride no sul do Brasil. 2020. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

ocupando, na maioria das vezes, postos de trabalho precarizados. Muitos trabalham com jornada dupla e enviam remessas de dinheiro para o Senegal, para a família. O acolhimento varia conforme a cidade e as instituições, mas é consensual as tensões com a sociedade local nos primeiros anos por serem imigrantes pobres e africanos. No aspecto religioso, há diversas publicações que trazem o protagonismo do Islã e o caráter de diferenciação moral que a religião assume em relação a outros grupos imigratórios. A confraria Mouride e a diáspora africana foram um dos temas mais bem explorados, com duas teses de doutorado sobre isso.

Em Caxias do Sul, Rossa (2017) que, por meio da etnografia, dedicou-se a estudar os cantos poéticos do mouridismo. Tais cantos são parte da tradição da confraria sufista nascida no final do século XIX e fundada por Cheick Ahmadou Bamba Mbacké (1853-1927), líder espiritual e político que lutou contra o regime colonial francês no Senegal. Bamba escreveu sete toneladas de poemas em árabe, chamados de *Khassidas*, que são vocalizados pelos fiéis por meio dos cantos (ROSSA, 2017). A entoação das poesias são parte de uma performance coletiva que integra a prática vocal, o corpo, a vestimenta, o ambiente e o sagrado manifestado no momento da ação (ROSSA, 2017). Na edição do Magal de Touba de 2021, realizada na cidade, participei do evento e fiz alguns registros desse momento de vocalização dos cantos dos seguidores da linha *hizbou tarkhiya*, parte mais tradicional da confraria mouride, conforme figura 12<sup>98</sup>:

---

<sup>98</sup> Para Rossa (2017, p. 300), “a linha *hizbou tarkhiya* pode ser considerada a ala mais tradicional do mouridismo. Os integrantes deste segmento utilizam uma veste comprida, larga e de manga longa, no estilo túnica, de cor uniforme, denominada *bayelahat*. Por baixo dessa túnica, geralmente, é inserido um bordado bastante elaborado. O tecido quase sempre é nobre, como a seda. Os mourides dessa linha costumam utilizar uma bolsa chamada *maktoum*, feita artesanalmente em couro trabalhado, no formato de caixa, que serve como guarda-utensílios e, também, para guardar miniaturas de textos sagrados. É tradicional, ainda, o uso de uma touca de lã e de mantas.”

Figura 12 – Magal de Touba 2021, em Caxias do Sul



Fonte: acervo da autora (2021).

As manifestações religiosas do Islã constituem um importante elemento de coesão social das comunidades muçulmanas, muito pontuado nas produções sobre a imigração senegalesa (DEMANT, 2015). A religiosidade, nessas narrativas em trânsito, é uma forma de manutenção da memória de si e do seu local de origem, que vem juntos na bagagem com “o sonho de prosperar e ajudar suas famílias no Senegal” (ROSSA, 2017, p. 297).

Sobre a materialidade da imigração, Monteiro e Rossa (2015) produziram um estudo disponível em audiovisual<sup>99</sup> e lançado durante o II Seminário de Mobilidade Humana e Dinâmicas Migratórias na Universidade de Caxias do Sul (UCS). O documentário – bem como o estudo desenvolvido por Monteiro<sup>100</sup> – traz relatos de imigrantes senegaleses da cidade, destacando suas trajetórias por meio

<sup>99</sup> MATERIALIDADES na imigração: senegaleses em Caxias do Sul/RS. Publicado por Juliana Rossa. Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2yQUUnoVI8>. Acesso em: 27 um. 2022.

<sup>100</sup> Para mais informações, sugiro ler: MONTEIRO, Cristiano Sobroza. O que cabe na mala?: deslocamentos e circulação de objetos da diáspora senegalesa em “terra de italianos”. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 203-232, jun. 2018. Semestral. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/35672/19282>. Acesso em: 23 maio 2021.

dos objetos trazidos no processo de deslocamento, assim como das relações estabelecidas na cidade migrada. No audiovisual, a imigração é atravessada pela sensibilidade de estar aqui e lá e de como, por intermédio dos objetos, é possível trazer um pedaço do Senegal e sua trajetória consigo.

Além das produções acadêmicas, os imigrantes estiveram à frente de documentários e atividades como produtores, ocupando seu lugar de autoridade de fala, como no evento *África Fashion*, abordado no subcapítulo 2.3 desta dissertação. Podemos destacar, ainda, o Coletivo Ser Legal, que surgiu a partir da campanha Senegal, Ser Negão, Ser Legal, iniciada por Cheikh Mbacke Gueye, em 2015, mesma pessoa que se candidatou a vereador. O Coletivo, segundo informações da própria página oficial no Facebook<sup>101</sup>, tem como objetivo “oportunizar atividades que contribuam para uma melhor adaptação, em Caxias do Sul e região, dos imigrantes que vêm de outros países” (COLETIVO, 2022). Em 2016, ele iniciou suas atividades com a participação de voluntários de Caxias do Sul, estabelecendo parcerias com outras instituições, como a Faculdade Murialdo (FAMUR). Entre as atividades já realizadas, estão oficinas gratuitas de português para imigrantes, almoços de culinária típica, campanhas de arrecadação de alimentos, cursos profissionalizantes de LID e Metrologia, entre outros. Tais iniciativas mostram como os processos migratórios incidem também sobre a cidade, criando suas conexões, espaços de sociabilidade e promovendo mudanças e trocas no cenário cultural, político e religioso.

Nesse lugar de troca, podemos citar a série documental *O olhar impercebido: crônicas da imigração*<sup>102</sup>, que traz relatos de alguns imigrantes da cidade, realizada com recursos da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, em 2021, dirigida por Marcelo da Rosa Costa. Esse documentário, assim como o documentário *Demba África*, tem em sua equipe de concepção e produção, senegaleses, mas não se restringe apenas eles. Para Júlio (2021), imigrante moçambicano, o processo migratório expressa os laços que unem as oito pessoas que integram a série:

---

<sup>101</sup> SENEGAL, SER NEGÃO, SER LEGAL. Facebook. Caxias do Sul, [2022]. Disponível em: <https://www.facebook.com/Senegal-Ser-Neg%C3%A3o-Ser-Legal-758150887628188/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

<sup>102</sup> O OLHAR Impercebido: crônicas da imigração. Dirigido por Marcelo da Rosa Costa. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwMEgj4PrxGU0WXwT5eQaRw>. Acesso em: 27 jun. 2022.

A minha visão sobre os imigrantes aqui no Brasil é... tô achando uma coisa incrível, sobre a nossa união que é uma coisa que é tão fantástica assim, as pessoas se uniram de maneira tão boa assim que um apoia o outro. A gente vem de diferentes países, tem muitos imigrantes aqui no Brasil. Existem ganeses, senegaleses, existem pessoas do Haiti também, existem pessoas do Congo, há muitas nacionalidades aqui no Brasil, mas essa cultura toda tem uma conexão muito forte que parece que vem do mesmo lugar, assim que vêm do mesmo país. As pessoas acham que eles são irmãos mesmo né, enquanto a gente se conhece aqui<sup>103</sup>.

São haitianos, senegaleses e moçambicanos que, por meio dos seus fazeres cotidianos, expressam sua cultura, sua religião, seu cotidiano, a relação com Caxias do Sul e os laços de uma história marcada pela resistência ao colonizador. A narrativa coloca diferentes personagens das imigrações contemporâneas dialogando com esse processo e com a cultura brasileira, que tem na sua formação cultural heranças africanas e negras. Para o diretor da série, Marcelo da Rosa Costa (2021):

De certa forma, trata-se de compartilhar publicamente um processo que já vem ocorrendo espontaneamente durante a colaboração com a comunidade de imigrantes. Acreditamos que estes depoimentos compõem um importante registro para compreensão de um processo histórico contemporâneo e global.

Produzir, participar e levar a diferentes públicos essa história é uma forma de resistência e reivindicação do seu espaço de fala, o qual, muitas vezes, é diminuído. Ainda mais quando essas produções são realizadas pelos imigrantes e são acolhidas por públicos mais amplos. A voz da comunidade é ouvida e ressoada pelos próprios sujeitos que a compõem, mas também por outros diversos setores da sociedade.

### 3.1.3 História oral: narrativas em trânsito

A história oral vem desde o início da trajetória da pesquisa sendo utilizada como metodologia e ganhando cada vez mais relevância na construção desse “fazer com” a comunidade. Em 2018 no projeto Fontes II, as 18 entrevistas foram feitas por meio da história oral temática com roteiro estruturado. Esse momento foi importante para conhecer e estabelecer contatos com os imigrantes em Caxias, além de entender melhor as especificidades do grupo. Mesmo sendo um período de

<sup>103</sup> Trecho do audiovisual o *Olhar Impercebido* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVYFcezZrel>.

diminuição do fluxo imigratório<sup>104</sup>, conforme quadro 2, foi possível entrevistar alguns, no entanto, muitos desses migrantes tinham dificuldades com o português, assim como do entendimento das perguntas.

Quadro 2 – Distribuição absoluta dos imigrantes senegaleses cadastrados no banco do CAM – 2010 a 2014 e 2015

	Frequência	
	Absoluta (2010 e 2014)	Absoluta (2015)
TOTAL	1856	535

Fonte: elaborado com base nos dados do CAM<sup>105</sup> (HERÉDIA; PANDOLFI; 2015; HERÉDIA, GONÇALVES, 2017).

Das 18 entrevistas, 11 foram com imigrantes senegaleses e 7 com gerentes e gestores do comércio varejista e indústria de Caxias do Sul. Os imigrantes foram todos entrevistados em seus espaços de trabalho com apenas duas entrevistas registradas em áudio, em função do conhecimento prévio de que estes entrevistados dominavam o português. Com os gestores, algumas respostas foram por- email e outras diretamente na empresa, sendo um desses gerentes um senegalês. Os nomes permaneceram anônimos nos dados de 2018, visto que nem todos autorizaram sua divulgação. Apenas as entrevistas registradas em áudio ou áudio/vídeo têm o nome divulgado (quadro 3).

<sup>104</sup> De acordo com Brignol (2021, apud UEBEL, Roberto (2018, p. 177) “Nesse sentido, o Brasil viu uma redução drástica na imigração dos senegaleses entre 2015 e 2016, ao contrário da Argentina, que apresenta desde o *boom* de 2013, um fluxo constante, sem tendências de diminuição”.

<sup>105</sup> Dados disponíveis nas obras *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil*, de Herédia e Pandolfi (2015); e em *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*, de Herédia e Gonçalves (2017).



Quadro 3 – Entrevistas realizadas entre 2018 e 2020, no projeto Fontes II, por Franciele Oliveira

Data	Nome	Sexo	Idade	Estado Civil	Profissão
07/09/2018	Entrevistado 1	M	32	Casado	Vendedor
07/09/2018	Entrevistado 2	M	32	Solteiro	Artista/Desenhista
07/09/2018	Entrevistado 3	M	27	Casado	Marceneiro
07/09/2018	Entrevistado 4	M	27	Casado	Marinheiro
07/09/2018	Entrevistado 5	M	37	Casado	-
10/09/2018	Entrevistado 6	M	25	Solteiro	Vendedor
10/09/2018	Entrevistado 7	M	32	Casado	Vendedor
10/09/2018	Entrevistado 8	M	51	Casado	Artesão
10/09/2018	Entrevistado 9	M	32	Casado	Vendedor
10/09/2018	Entrevistado 10	F	31	Casada	Vendedora
10/09/2018	Entrevistado 11	M	31	Casado	Gerente
10/09/2018	Entrevistado 12	M	50	Casado	Gerente
10/09/2018	Entrevistado 13	M	31	Casado	Gerente/Administrador
10/09/2018	Entrevistado 14	F	33	Casada	Autônomo\Comerciário
10/09/2018	Entrevistado 15	M	40	Casado	Coordenador de Produção
10/09/2018	Entrevistado 16	M	37	Casado	Tecnólogo em Redes de Computadores
13/09/2018	Abdou Aziz Ndiaye	M	40	Casado	Soldador
10/05/2018	Abdoulahat Mdiaye (Bili)	M	31	Solteiro	Empresário
27/08/2019	Fatou Sokhna	F	33	Casada	Padeira confeiteira/Trancista
09/09/2019	Fatou Diallo	F	34	Casada	Vendedora
01/10/2019	Mariama Hyele Babji	F	30	Casada	Enfermeira
2020	Demba Sokhna	M		Casado	Autônomo
2020	Mamadou Abdoul Vakhabe Sène	M		Divorciado	Professor de gastronomia

Fonte: acervo da autora (2022).

Percebeu-se que os imigrantes estavam todos na posição de vendedores, seja como ambulantes no comércio informal, seja no formal de produtos artesanais. Mas quando pedido de suas profissões, muitos revisitaram a profissão exercida no Senegal. A partir disso, é possível refletir sobre o processo de construção dessa memória em trânsito e globalizada, que mesmo distante fisicamente do seu local de origem, relaciona-se de diferentes formas com o processo imigratório.

A memória é o lugar de onde nascem os projetos de história oral. Expressa de forma verbal, ela nos traz partes da construção desse sujeito na forma narrativa de si e da sua constituição por meio dos legados coletivos. Sobre isso, segundo Meihy e Searight (2020, p. 19):

Os personagens que atuam na composição de trabalhos feitos em história oral são como cara e coroa de uma só moeda que lastreia fenômenos decorrentes de expressões da memória provocada e manifestada por narrativas gravadas segundo projetos previamente elaborados. Em uma face, como dimensão genuína da condição humana, enuncia-se a fala coloquial, que, pronunciada por meio do aparelho fonador, torna-se via que dá passagem às manifestações da memória posta em diálogo formal com um interlocutor. O reverso da mesma moeda implica o ouvinte, personagem que acolhe a organização dos argumentos emitidos pelos colaboradores entrevistados para um dado projeto de história oral em lugares de escuta.

Um projeto de história oral promove o encontro de diversos lugares, mediando e registrando as narrativas conforme os objetivos previamente estabelecidos em torno dessa memória que se quer acessar e atuar por meio dela. Para Meihy e Searight (2020), os trabalhos de história oral não devem separar o entrevistado do entrevistador, mas, sim, trabalhar com a noção de colaboração para a realização de um projeto comum de construção de conhecimento através das narrativas orais e que vão além somente dos relatos provocados para aquele instante programado da entrevista.

Os encontros para a construção de tais projetos estabelecem um lugar de diálogo, de modificações, silêncios, possibilidades e potências que o processo colaborativo oferece. Nesse caso, as entrevistas que constituem esta pesquisa foram se qualificando desde 2018, porém, muito por meio do diálogo e abertura que a comunidade senegalesa oferece aos pesquisadores. Há uma preocupação por parte dos imigrantes no registro da memória coletiva que vem sendo construída na cidade sobre a imigração senegalesa, mesmo que nem todos os projetos de pesquisa incluam a colaboração, a comunidade a oferece.

Ainda sobre a memória, é preciso lembrar que, seja individual, seja coletiva, ela é seletiva na sua expressão e conteúdo. As problemáticas trazidas em toda a dissertação também são parte dessa seleção, quer no ato da entrevista, quer nas conversas informais, quer nas produções culturais. No entanto, diferentemente da memória escrita, a oral é mais espontânea, sendo composta por uma performance da voz, do lugar, do corpo e das seleções do que há de ser dito ou não. No ato da transcrição fica o desafio de registrar isso, sendo uma outra linguagem que passa por uma série de normatizações quanto ao seu melhor entendimento. Transcrição ao invés de transcrição porque são feitas intervenções, alterações, interpretações e reinvenções na passagem da memória expressa de forma oral para o texto escrito, e nem tudo cabe nesse processo (MEIHY; SEARIGHT, 2020). Assim como o produto desta dissertação, que busca na fotografia e na intervenção pública a transcrição de linguagem de todas as problemáticas e narrativas analisadas.

No que diz respeito às entrevistas citadas, manteve-se a “transcrição literal” de modo a preservar um certo traço da oralidade, mesmo tendo ciência da impossibilidade quando feita a transposição de linguagem. Porém, como isso também dificulta a leitura do código escrito, as mesmas entrevistas apresentam correção ortográfica no texto e a transcrição literal no rodapé. As entrevistas ainda não foram disponibilizadas em banco de dados, e tal objetivo também não foi sistematizado, mas percebe-se que isso seria importante, até mesmo para facilitar o trabalho dos pesquisadores e a construção de políticas públicas por meio desse acervo. Os imigrantes também teriam acesso facilitado ao que vem sendo produzido sobre eles, assim como de suas entrevistas, de amigos e familiares. Além disso, seria uma forma de valorização da cultura e história senegalesa na cidade a construção desse banco de dados.

A memória de expressão oral, por ser registrada em diversos suportes eletrônicos e digitais, ganha contornos sensíveis a serem pensados. Desde a exposição da identidade, falas retiradas dos seus contextos, entre outros. Cabe ao(à) pesquisador(a), enquanto mediador(a), atenção à distribuição do conteúdo. Ao mesmo tempo que amplifica as audiências a acessar os conteúdos, conduzidas pelos algoritmos. No caso do audiovisual das senegalesas, as entrevistas disponibilizadas estão sendo utilizadas por professores universitários e de ensino fundamental para tratar sobre o Islã e as imigrações. Isso é proporcionado graças às plataformas digitais e que não necessitam do produtor para acessá-las, sendo um

instrumento democrático, gratuito e acessível da produção de saberes. Para Meihy e Searight (2020, p. 25): “A democracia da palavra expressa pela memória a faz pública, de todos e em todos os planos”.

A História Oral tem como seu eixo gerador a entrevista pensada dentro de um projeto com objetivos e função propostos. Dentro dessa metodologia, há diferentes formas específicas de aplicação, são elas: história oral de vida, temática, testemunhal e tradição oral. Cada um desses campos requer tratamentos específicos que os diferenciam, mesmo que cada pesquisador os utilize de formas diversas conforme a realidade de cada projeto. No primeiro ano do projeto Fontes II, foi utilizada a história oral temática, com o enfoque para o Islã e o trabalho. A história oral temática trabalha sempre com um assunto central e diferentes versões interpretativas. Por natureza, ela possui uma postura mais confrontativa, visto que as várias opiniões sob um mesmo assunto são postas em análise. As perguntas e o roteiro estabelecido nesse tipo de história oral são mais diretos e objetivos com o intuito de esclarecer ou fornecer dados sobre determinado tema. Muitas vezes utiliza com outros documentos e como “técnico operacional” na busca por informações (MEIHY; SEARIGHT, 2020).

Diferentemente da história oral de vida, que “demanda tempo e empatia” (MEIHY; SEARIGHT, 2020, p. 63), as histórias orais de vida demandam de mais tempo junto ao entrevistado e trabalham com um roteiro mais livre. A autonomia da narrativa do sujeito é privilegiada, devendo o pesquisador evitar conduzir a entrevista com perguntas diretas. A experiência de uma pessoa ou de um grupo deve ser o motivo da utilização da metodologia, não buscando uma “verdade absoluta” ou em concordância com os “dados oficiais” no relato, mas o conhecimento acerca da realidade do sujeito por meio de sua percepção.

No caso das senegalesas, em 2019, foi elaborado um roteiro pré-estabelecido com três eixos: trajetória no Senegal, processo de deslocamento e o hoje. Mesmo utilizando oral de vida, o roteiro fez-se necessário para que a conversa fluísse num primeiro momento. Estas entrevistas, diferentemente das entrevistas ocorridas em 2018, foram mais longas e buscavam nas falas das depoentes o que era ser uma mulher muçulmana senegalesa em Caxias do Sul. Em 2020, foram realizadas outras duas entrevistas, uma com história oral temática e outra com história oral de vida, que fluiu de forma livre como se pretende de fato um trabalho com história oral de vida. Aqui teve um facilitador, o domínio do português

pelo entrevistado que vive há mais de 20 anos no Brasil e atua como professor de gastronomia.

As entrevistas analisadas nesta dissertação foram as três de 2019 e uma de 2020, a de história oral de vida. As demais compõem o *corpus* documental e fazem parte das análises já publicadas em anais de eventos e foram utilizadas na contextualização do tema até o momento. As entrevistas de Fatou Sokhna, Fatou Diallo, Mariama Babji e Mamadou Abdoul Sène têm em comum a metodologia empregada, bem como possuem maior tempo de duração, possibilitando um aprofundamento da análise. Além disso, foram as últimas entrevistas produzidas. Mesmo sendo a maioria relatos de mulheres, o foco é na reunificação familiar e em suas memórias sobre esta categoria social. Chama atenção que quando um trabalho é majoritariamente composto por relatos de homens, não há intervenções para identificar que o trabalho fale sobre a categoria 'homem'. Mas quando há, em sua maioria mulheres, automaticamente o trabalho recebe a sugestão de especificar como de gênero ou de estudo de mulheres. Mesmo em grupos historicamente violentados e silenciados pela colonialidade, como os africanos e brasileiros, o machismo estrutural apresenta-se questionando os conhecimentos de mulheres como se não fossem também vozes da comunidade e capazes de produzir conhecimento acerca dela.

### 3.1.3.1 Mamadou Abdoul Sène

A última entrevista que constitui o *corpus* desta pesquisa foi realizada em 2020, com o chef Mamadou, por chamada de vídeo de WhatsApp. O intuito foi conhecer a trajetória do chef no Brasil, que mora em Porto Alegre, e perceber as diferenças do contexto imigratório de sua história de vida para a atualidade. A entrevista foi realizada de forma *online* devido à pandemia da covid-19, sendo essa também uma temática que perpassou pela entrevista. Mamadou inicia sua fala abordando o desconhecimento no Brasil em relação ao Islã e a associação ao terrorismo. Depois, trouxe de forma cronológica sua formação no Senegal e sua trajetória imigrante, bem como de sua vida no Brasil, família e trabalho.

Sua entrevista aconteceu por intermédio da indicação de um colega do mestrado, Matheus Troglio, que trabalha com Mamadou. Ela contribui com esta pesquisa, trazendo um olhar para a família a partir de um imigrante que constituiu

sua família no Brasil, com uma brasileira e filha já adulta. Além disso, o chef é referência para os imigrantes em Porto Alegre, pelo incentivo à formação continuada.

Mamadou ingressou no ensino superior com o curso de História, na Universidade de Dakar, mas optou por cursar o técnico em Hotelaria e Turismo. Trabalhou como guia de turismo, unindo seu conhecimento em diversas línguas, francês, inglês e árabe à história. Depois, passou a trabalhar nos restaurantes de hotéis, passando a ter um outro olhar sobre a gastronomia, sua atual área. A relação com a comida além do âmbito profissional carrega um aspecto afetivo na vida de Mamadou, associado à sua avó e ao modo como ela compartilhava esse bem.

Para Mamadou,

depois eu comecei a trabalhar dentro dos restaurantes dos hotéis e num determinado momento eu tinha muito apreço pela comida em si, que eu via a minha mãe cozinhando, eu via a minha vó também [...] a minha mãe aprontando comida e eu levava a comida da minha vó, o almoço da minha vó e almoçava com ela e depois ia direto pra escola, já que a escola fica no mesmo bairro que ela morava. Então esse vai e vem me fez gostar da comida e a gente gostava da comida. E uma coisa que eu uso até hoje que lembra da minha vó, sempre que eu chegava com a comida, ela separava uma parte que ela chamava de [palavra não identificada] quer dizer, a parte de ausente. Ela separava, nós almoçamos e ficava essa parte ali, se alguém chegasse de tarde, qualquer hora do dia, poderia comer. Senão o que sobrava poderia esquentar e deixar uma parte para o ausente para quando chegar na tua casa, tem alguma coisa para comer para você oferecer e você nunca sabe quando alguém chega com fome. Então ela tinha essa preocupação e esse compartilhamento. E eu guardei isso até hoje, levo isso para minha vida, sirvo como lição. A gente sempre reparte com o outro.<sup>106</sup>

Os senegaleses sempre falam sobre a *teranga*. Para eles, o Senegal é a terra da *teranga*, que significa “hospitalidade”. Mamadou fala sobre isso na entrevista, e o trecho acima se refere também a esse aspecto da cultura senegalesa,

---

<sup>106</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: depois eu comecei a trabalhar dentro dos restaurantes dos hotéis e num determinado momento eu tinha muito apreço pela comida em si, que eu via a minha mãe cozinhando, eu via a minha vó também [...] a minha mãe aprontando comida eu levava a comida da minha vó, o almoço da minha vó e almoçava com ela e depois ia direto pra escola já que a escola fica no mesmo bairro que ela morava. Então e... esse vai e vem me fez gostar da comida e a gente gostava da comida. E uma coisa que eu uso até hoje que lembrasse da minha vó, sempre que eu chegava com a comida, o almoço ela separava uma parte que ela chamava de [palavra não identificada] quer dizer, a parte de ausente. E ela separava, nós almoçamos e ficava essa parte ali, se alguém chegar de tarde, qualquer hora do dia, pode comer. Senão o que sobre pode esquentar deixar uma parte para o ausente para quando chegar na tua casa tem alguma coisa para comer para você oferecer e você nunca sabe quando chega com fome. Então ela tem... tinha essa preocupação e esse compartilhamento. E eu guardei isso até hoje, levo isso para minha vida, sirvo como lição. A gente sempre reparte com o outro.

de acolhida e compartilhamento. Estudou culinária, na França, por dois anos, trabalhando numa rede de hotelaria internacional, vindo ao Brasil em épocas de maior movimento turístico enquanto trabalhava na França. Nesse período, passou por 20 países diferentes, tornando-se chef de cozinha em 1977, conhecendo, inclusive, o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, reconhecido pela obra *Morte e vida Severina*. Em 1978, foi convidado para fazer um jantar para líderes da embaixada brasileira, e um dos pratos era feijoada, comida típica brasileira que vai carne suína, proibida para muçulmanos. O chef não conhecia a receita, mas mesmo assim relatou que se dedicou a estudar e aprendeu a fazê-la:

Mas e aí eu era o cozinheiro e tinha que fazer... e aí tudo bem... eu não conhecia bem a receita, mas fiquei um mês trabalhando a receita até 7 de setembro de 1978 fiz a recepção, fiz uma feijoada. No final, ele entrou na cozinha com sua esposa, me elogiou bastante, minha equipe, e nós fomos conversar, a esposa me abordou a contribuição africana na literatura brasileira e na gastronomia também. E um mês depois recebi uma carta para me apresentar na embaixada do Brasil. Quando cheguei lá pensei que era pra tratar de um jantar, alguma coisa e me ofereceram para vir ao Brasil para aprender a culinária brasileira. Eu não pensei duas vezes, já morei em outros países trabalhando com gastronomia, mais um país e... não faria diferença. E eu tinha, ahn, conhecia o Brasil através da música, do futebol, e tudo<sup>107</sup>.

Diferente da imigração senegalesa do século XX, Mamadou foi convidado a vir ao Brasil e optou por aqui ficar. Na entrevista, ele menciona que durante muito tempo era o único imigrante africano no Sul e que aqueles que conheceu eram em sua grande parte de países lusófonos. Ao chegar no Brasil, Mamadou morou nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul sempre atuando com gastronomia. Nas palavras dele:

Eu vim para o Brasil em 79. Fiquei um ano e meio no interior de São Paulo, uma cidadezinha chamada Águas São Pedro, fica perto de Piracicaba. E depois eu pedi para ficar mais tempo porque eu queria conhecer melhor a culinária mineira e a baiana para ver as semelhanças com a culinária africana. E aí eu fui pra Barbacena, em Minas Gerais, e depois de lá fui para

<sup>107</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: Mas e aí eu, cozinheiro tinha que fazer... e aí tudo bem... eu não conhecia bem a receita, mas fiquei um mês trabalhando a receita até 7 de setembro de 78 fiz a recepção, fiz uma feijoada. No final, ele entrou na cozinha com sua esposa, me elogiou bastante, minha equipe, e nós fomos conversar, a esposa me abordou a contribuição africana na literatura brasileira e na gastronomia também. E um mês depois recebi uma carta, carta para me apresentar na embaixada do Brasil. Quando cheguei lá pensei que era pra tratar de um jantar, alguma coisa, me ofertaram para vir ao Brasil para aprender a culinária brasileira. Eu não pensei duas vezes, já morei em outros países trabalhando com gastronomia, mais um país e... não faria diferença. E eu tinha, ahn, conhecia o Brasil através da música, do futebol, e tudo.

a Bahia, e realmente a contribuição africana na gastronomia brasileira. Vários pratos como o acarajé é preparado da mesma forma. E os ingredientes também que eles usam bastante na África. O feijão, o dendê, etc. Tudo semelhança com a cultura africana. E recebi proposta pra voltar Senac para São Paulo, onde fiz culinária brasileira para ser professor lá. E eu voltei, e no início fiquei como professor de culinária francesa que é minha formação e depois de algum tempo decidi ficar no Brasil<sup>108</sup>.

Em sua fala sobre a culinária brasileira, relata as semelhanças com a culinária africana e as contribuições desta para com aquela. Recorrentemente, abordou a falta de desconhecimento do Brasil em relação à história e à cultura africana, mesmo sendo um país com grande influência devido ao processo de escravização. Para ele:

Muitos até hoje confundem e acham que África é um país quando é um continente com 54 países, línguas, um fala francês, outro inglês, outros português. Até na, nas universidades brasileiras quando se aborda a literatura africana e sobre os países lusófonos como Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, esquecem da literatura da África e francófono, de língua francesa e também da língua inglesa. Aos poucos isso tá dando uma diminuída. As pessoas acho que tão procurando conhecer melhor. Pelo menos o que eu percebo agora<sup>109</sup>.

Não somente o desconhecimento da população em geral, mas a acadêmica também. Quando os senegaleses começaram a chegar a partir de 2010 em um fluxo maior, as pessoas não sabiam identificar o país e confundiam o continente africano como sendo um país. Esses são os reflexos da falta de conhecimento sobre a história africana e formação histórica do próprio Brasil, ainda mantidos nos currículos escolares e acadêmicos.

Segundo o chef senegalês:

---

<sup>108</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “E aí eu vim pro Brasil em 79. Fiquei um ano e meio no interior de São Paulo, uma cidadezinha chamada Águas São Pedro, fica perto de Piracicaba. E depois eu pedi para ficar mais tempo porque eu queria conhecer melhor a culinária mineira e a baiana para ver as semelhanças com a culinária africana. E aí eu fui pra Barbacena, em Minas Gerais, e depois de lá fui para a Bahia, e realmente a contribuição africana na gastronomia brasileira. Vários pratos como o acarajé é preparado da mesma forma. E os ingredientes também que eles usam bastante na África. O feijão, o dendê, etc. Tudo semelhança com a cultura africana. E recebi proposta pra ahn... voltar Senac para São Paulo, onde fiz culinária brasileira para ser professor lá. E eu voltei, e no início fiquei como professor de culinária francesa que é minha formação e depois de algum tempo decidi ficar no Brasil”.

<sup>109</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “Muitos até hoje confundem e acham que África é um país quando é um continente com 54 países, línguas, um fala francês, outro inglês, outros ahn... português. Até na, nas universidades brasileiras quando se aborda a literatura africana e sobre os países lusófonos como Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, esquecem de... da literatura da África e... francófono, de língua francesa e também da língua inglesa. Aos poucos isso tá dando uma diminuída. As pessoas acho que tão procurando conhecer melhor. Pelo menos o que eu percebo agora.”



Uma das coisas também que me chamou a atenção é a ignorância, não tô falando ignorante como se tivesse xingando, ofendendo uma pessoa. E eu tô falando de uma ignorância de ignorar a cultura, de desconhecer a África. E aí, outra coisa que me chamou a atenção, era as pessoas, até mesmo alunos das faculdades. A falta de conhecimento da África. E eu comparando, nossos estudos, e eu antes de vir para o Brasil, eu sabia a história do Brasil, eu sabia geografia, a capital do Brasil. Na época, eu perguntava para as pessoas do Senegal: onde fica o Senegal? Você é da África? Sou da África... Qual é a capital da África? Muita gente me perguntava isso e universitário ainda.<sup>110</sup>

Diferentemente da onda imigratória do século XX, Mamadou entrou no país por convite e com uma bolsa de estudos. Veio para Porto Alegre em 1983 para atuar na Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil. Mamadou casou-se com uma brasileira e tem uma filha de 25 anos que já é graduada. Atualmente, atua como chef e professor no Senac e é conhecido pela sua “Fusion Cuisine”, sua forma de cozinhar que representa a sua trajetória rica de intercâmbios e conhecimento.

### 3.2 FAMÍLIAS DA TERANGA

*Na África se costuma dizer que se você quer conhecer bem o que tem a floresta, vê se ela possui bastante Baobá. O Baobá na África é grande, tem um tronco que é enorme. Se tu não ir atrás dessa árvore tu não vai saber o que tem atrás. Tem que ir explorar, não ficar só na frente, se não tu não sabe o que tem dentro.*

**Mamadou**

A família na imigração senegalesa no Sul do Brasil do século XX é o elemento central do deslocamento (TEDESCO, 2015), pois é por meio dela que a imigração acontece. Mesmo que em muitos casos a família não migre em conjunto, é para seu sustento que os indivíduos deslocam-se. Para Tedesco, (2017, p. 4): “As

---

<sup>110</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “Uma das coisas também que me chamou a atenção é a ignorância, não tô falando ignorante como se tivesse xingando, ofendendo uma pessoa. E eu tô falando de uma ignorância de ignorar, ahn... a cultura, de desconhecer a África. E aí, outra coisa que me chamou a atenção, era as pessoas, até mesmo alunos das faculdades. A falta de conhecimento da África. E eu comparando, nossos estudos, e eu antes de vir para o Brasil, eu sabia a história do Brasil, eu sabia geografia, a capital do Brasil. Na época, eu perguntava para as pessoas do Senegal: onde fica o Senegal? E... e... você e... é da África? Sou da África... qual é a capital da África? Muita gente me perguntava isso... e universitário ainda”.

explicações para a migração senegalesa tendem para as causas que mostram que não são apenas decisões pessoais, mas necessidades que o grupo familiar enfrenta, uma vez que são poucas as oportunidades de trabalho no país”. A primeira fase da imigração em Caxias do Sul, iniciada em 2010, é, majoritariamente, masculina, laboral e tem como um dos objetivos a manutenção do grupo familiar.

Sobre isso, segundo Mariama (2019),

Acontece que os senegaleses que chegam primeiro, tu chegou, custa o que custa a pessoa precisa do emprego, porque precisa sustentar a família que deixou atrás. Então muita gente se surpreendeu né, mas a gente, por exemplo tem um amigo que tá morando aqui diz assim ó, ba quando tu chega tu vai conseguir ganhar tal é assim ó por exemplo, um salário de oito mil, essas coisas, a pessoa que chegou aqui para conseguir emprego é uma dificuldade, fora a língua né. Então...não é fácil. E o português é uma das línguas mais difíceis, se for na fala eu sempre falo pros guri tu pode achar que tu entende português, mas se o que tu fala tu vai pra escrever tu fala, não vai entender uma palavra correta do que tu vai escrever<sup>111</sup>.

Depois do primeiro grupo estabelecido, deslocam-se as mulheres e crianças, caracterizando o segundo momento do deslocamento. O aumento do deslocamento feminino é perceptível a partir de 2016. Segundo dados do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM, 2022) de Caxias do Sul, em 2019, a segunda nacionalidade com mais atendimentos pela instituição foi a senegalesa (443). No ano de 2020, o CAM passou por mudanças na sua equipe e por sistematização dos dados, portanto, foram disponibilizados dados parciais para a pesquisa, sem nenhum registro de mulheres em janeiro e fevereiro.

Além disso, é importante salientar que os deslocamentos internacionais foram comprometidos devido às medidas de contingenciamento da covid-19, sendo flexibilizadas de forma gradual em 2021 e 2022. Os dados disponibilizados de 2021 e 2022 seguem na tabela 04, evidenciando um aumento migratório de mulheres em 2022 em relação ao ano anterior<sup>112</sup>.

---

<sup>111</sup> SOBRENOME, Mariama. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “Acontece os senegalês que chega primeiro, tu chegou, custa o que custa a pessoa precisa do emprego, porque precisa sustentar a família que deixou atrás. Então e muita gente se surpreendeu né, mas a gente, por exemplo tem tem um amigo que tá morando aqui diz assim ó, ba quando tu chega tu vai conseguir ganhar tal é assim ó por exemplo, um salário de oito mil, essas coisas, a pessoa que chegou aqui para conseguir emprego é uma dificuldade, fora a língua né. Então...não é fácil. E o português é uma das língua mais difícil, é uma das língua mais, se for na fala eu sempre falo pros guri tu pode achar que tu entende português, mas se o que tu fala tu vai pra escrever tu fala, não vai entender uma palavra correta do que tu vai escrever.”

<sup>112</sup> O Centro de Atendimento ao Migrante, entidade mantida pelas religiosas scalabrinianas em Caxias do Sul, foi, para a maioria dos senegaleses, o primeiro local de recepção e acolhimento. Além de

No quadro 4 são apresentados os dados referentes à imigração.

Quadro 4 – Imigração senegalesa em Caxias do Sul: levantamento por sexo

Atendimentos realizados em 2021	Gênero		Idade		Estado Civil	
	Feminino	2	20-39	1	não informado	
			40 ou mais	1		
TOTAL	22 imigrantes (homens e mulheres)					

Atendimentos realizados de Janeiro a Junho de 2022	Gênero		Idade		Estado Civil	
	Feminino	11	0-9	2	Casada	7
			20-39	7	Solteira	3
			40 ou mais	2	Divorciada	1
TOTAL	138 imigrantes (homens e mulheres)					

Fonte: Centro de Atendimento ao Migrante (CAM, 2022).

O aumento da imigração de mulheres senegalesas em Caxias do Sul evidencia um novo momento do processo migratório da comunidade no município, marcado também pela reunificação da família nuclear. Para Sakho, Diop, Mboup e Diadiou (2015), a imigração feminina de mulheres autônomas inicia no Senegal a partir da década de 1980, o que anteriormente não era bem visto em função das questões culturais em que as mulheres são valorizadas apenas dentro do contexto familiar.

Nos anos 1970 e 1980, o país vai passar por adversidades climáticas e econômicas, impulsionando os deslocamentos internos nas áreas rurais para a cidade e, conseqüentemente, a urbanização do país e a mudança da imigração feminina. Com esse aumento gradual de mulheres em deslocamento, seja de forma independente, seja para o reagrupamento familiar, as senegalesas passaram a contribuir com a renda das famílias. A Europa foi o principal destino desses imigrantes durante muito tempo, até a crise de 2008, em que novas rotas de deslocamento foram observadas, como o Brasil. Para Mamadou (2020):

---

prestar assistência social e encaminhamento para empregos, contabiliza e auxilia as comunidades imigrantes com documentação e moradia.

Sim, o senegales até pouco tempo, para se ter uma ideia, eu posso dizer que eu era um dos pouco africanos no Brasil todo, e... quando tinha africano a maioria era de país lusófonos. As antigas colônias portuguesas. Por causa da língua. A maioria dos africanos, do senegales, usa a África de língua inglesa, eles mais preferiam a Europa. Agora, nesses últimos por exemplo, Porto Alegre, até 2013, 14 era um dos senegaleses aqui, um dos poucos até 2000, 2000... ahn... 2005, 6, depois começaram chegar e... estudantes africanos e no início do governo Lula. Aí que o Brasil começou ter intercâmbio tanto comercial, quanto cultural com a África de forma mais intensa, tanto hoje através do governo Lula, você vê a Embrapa em vários países da África, e várias outras empresas, o comércio bilateral entre a África, aumento bastante. Então começou a haver isso. Então começaram a chegar estudantes africanos de outras línguas, francesa e inglesa, para o Brasil. E também os senegaleses que migravam para a Europa, comerciantes, como esses hoje a maioria que está aqui trabalhando com o comércio. Aqui então eu escolhi a Europa, os Estados Unidos, e a partir de 2012, 2014, começaram a vir. Essa onda de migração africana e senegalesa pro Brasil. Mas os senegaleses sempre foi uma pessoa de viajar, de sair pelo mundo [...]<sup>113</sup>.

No Senegal, o deslocamento constitui um *modo de vida* para “situações limites vividas no interior do país” (TEDESCO, p. 16, 2015). A imigração torna-se uma estratégia, uma forma de manter a família no país, mas também dota o indivíduo de um *status*; e nesse processo há uma série de negociações e reinvenções do migrante em relação à sua estrutura familiar (GONÇALVES, 2020). Para Sakho, Diop, Mboup e Diadiou (2015), em algumas regiões do Senegal mais conservadoras, o futuro do filho está associado aos esforços de sua mãe no centro da família. Ou seja, o sucesso do filho imigrante no exterior resulta na valorização da mãe que cria estratégias para possibilitar financeiramente a imigração dos filhos.

A imigração das mulheres senegalesas e das crianças é considerada como uma imigração de reunificação/reunião familiar, segundo The Migration Data Portal (2022), ela pode ser definida como “a migração de pessoas que migram por causa de novas ou já estabelecidas conexões familiares”. Dentro da migração família, há

<sup>113</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “Sim, o senegales, vai para... até pouco tempo, para se ter uma ideia, eu posso dizer que eu era um dos pouco africanos no Brasil todo, e... quando tinha africano a maioria era de país lusófonos. As antigas colônias portuguesas. Por causa da língua. A maioria dos africanos, do senegales, usa a África de língua inglesa, eles mais preferiam a Europa. Agora, nesses últimos por exemplo, Porto Alegre, até 2013, 14 era um dos senegaleses aqui, um dos poucos até 2000, 2000... ahn... 2005, 6, depois começaram chegar e... estudantes africanos e no início do governo Lula. Aí que o Brasil começou ter intercâmbio tanto comercial, quanto... ahn...cultural com a África mais intensa, mais intensa, tanto hoje através do governo Lula, você vê a Embrapa em vários países da África, e várias outras empresas, o comércio bilateral entre a África, aumento bastante. Então você, e... começou a... a ver isso. Então começaram a chegar estudantes africanos de outras línguas, francesa e inglesa, para o Brasil. E também os senegaleses que migravam para a Europa, comerciantes, como esses hoje a maioria que está aqui trabalhando com o comércio. Aqui então eu escolhi a Europa, os Estados Unidos, e a partir de 2012, 2014, começaram a vir. E... essa onda de migração africana e senegalesa pro ahn... Brasil. Mas os senegaleses sempre foi uma pessoa de viajar, de sair pelo mundo [...].”

quatro classificações: reunião familiar (encontro de famílias estabelecidas), formação familiar (criação de uma nova família), adoção internacional e acompanhamento familiar (família admitida junta). Segundo a Organização Internacional das Migrações (OIM, 2019), a reunificação ou reunião familiar é "o direito dos não nacionais de entrar e residir em um país onde seus familiares residem legalmente ou dos quais têm nacionalidade para preservar a unidade familiar"<sup>114</sup>.

Na Europa, uma das estratégias dos migrantes senegaleses para contornar as restrições de entrada em países, como na França, é o reagrupamento familiar. No caso do Brasil, o Estado tem que por lei aceitar os pedidos de reunificação familiar, mas isso não significa que irá facilitar conforme suas necessidades internas de mão de obra e acolhida daqueles que são "bem-vindos".

De acordo com Martuscelli (2019, p. 30):

Há uma dificuldade por parte dos organismos internacionais de reconhecer a existência do direito à reunião familiar e por parte dos Estados de garanti-lo. Podemos ver essa tensão na Diretiva 2003/86/CE do Conselho Europeu de 22 de setembro de 2003 relativa ao direito à reunião familiar que regulamenta a reunião familiar para pessoas de fora da União Europeia e pretende garantir definições mínimas de família. Se por um lado a Diretiva reconhece o direito explícito desses nacionais à reunião familiar, por outro lado, ela limita quem pode ser beneficiado com esse direito e ainda garante que os Estados podem negar um pedido de reunião familiar por causa de ordem pública, de segurança pública ou de saúde pública.

Na prática, esses mecanismos legais vão refletir o contexto econômico, social e político do país, determinando as entradas dos diferentes grupos imigrantes e suas famílias. Em conversas informais, os homens imigrantes relataram a dificuldade de conseguir a autorização de ingresso no Brasil para suas esposas e filhos, algo que dificulta o processo de reunificação familiar. Nesses casos, é possível observar os impactos da colonialidade nas instituições que facilitam ou dificultam a entrada de alguns grupos migratórios de acordo com sua classe, cor, religiosidade e nacionalidade. Por ser um grupo majoritariamente muçulmano, isso também vai influenciar na sua receptividade ou não. Visto que hoje há uma tendência à estigmatização dos fiéis do Islã, muito associada ao 11 de setembro e a grupos terroristas (DEMANT, 2015). Para Mamadou (2020), "ainda se pensa que tudo árabe muçulmano, tudo árabe é terrorista e etc. Só vê o árabe como alguém

---

<sup>114</sup> PORTAL Family Migration. 2019. Disponível em: <https://migrationdataportal.org/themes/family-migration>.

que é da Al-Qaeda, tudo muçulmano é da Al-Qaeda. E uma coisa é a cultura de um povo, outra é a religião do povo”<sup>115</sup>.

A família constitui-se como um espaço primordial de socialização e formação moral dos indivíduos, principalmente em famílias muçulmanas, em que família é um valor sagrado. Para Mariama Babji “lá é assim, ó, pega na mulher muçulmana, o lugar da mulher é em casa, educar os filhos, cuidar da casa, do marido.”<sup>116</sup> No Islã, a mulher casada e mãe tem sua atenção voltada para sua família, sendo a responsável pela educação dos filhos. Mas isso não significa que o cuidado da casa é somente responsabilidade feminina, assim como o sustento da casa não é somente responsabilidade do marido (HAJJAMI, 2008). Na história do Islã há diversas mulheres ocupando o espaço público e cargos de poder<sup>117</sup>. Todas as entrevistadas trabalhavam e investiram em sua formação em Caxias do Sul, Mariama, formada em enfermagem no Senegal, refez o curso na cidade e para ela “O que eu quero é estudar, como eu falei, eu gosto de estudar e para mim os estudos são tudo”<sup>118</sup>.

Em Caxias do Sul, a forma legal de entrada dessas mulheres e crianças é por meio da solicitação de reunião familiar prevista em legislação específica da Portaria Interministerial brasileira nº 12, de 14 de junho de 2018. O CAM auxilia nesse processo por meio das orientações dadas aos maridos e familiares residentes na cidade quanto à documentação que a esposa deve apresentar na embaixada brasileira no Senegal. Nas entrevistas com as senegalesas e em visita ao CAM, foi destacada a demora para acessar os serviços da embaixada brasileira no Senegal para poder encaminhar a documentação. No caso de Mariama, quando ela conseguiu a autorização para imigração por reunião familiar, o filho de 1 ano e 6 meses teve problema com o visto e precisou ficar. Segundo Mariama (2019):

---

<sup>115</sup> SÈNE, Mamadou Abdoul. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “ainda se pensa que tudo árabe muçulmano, tudo árabe é terrorista e etc. Só vê o árabe como alguém que é da Al-Qaeda, tudo muçulmano é da Al-Qaeda. E uma coisa é a cultura de um povo, outra é a religião do povo.”

<sup>116</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “lá é assim, ó, pega na mulher muçulmana, o lugar da mulher é em casa, educar os filhos, cuidar da casa, do marido.”

<sup>117</sup> Alguns exemplos atuais de mulheres muçulmanas ocupando cargos políticos nos EUA: Ilhan Omar, Rashida Tlaib, Mauree Turner, Madinah Wilson-Anton, Iman Jodeh e Nisa Allam.

<sup>118</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “O que eu quero é estudar, eu, como eu falei, eu gosto de estudar e para mim os estudos são tudo”.

O meu filho não veio comigo porque estava com problema de passaporte. O pai tinha que fazer uma, como se diz, uma autorização, pra ele conseguir o passaporte. Só que com essa autorização eu também não consegui, complicaram as coisas e eu já tinha pagado a passagem e tudo, tinha que deixar ele com 1 ano e 6 meses quando eu vim pra cá.<sup>119</sup>

O mesmo aconteceu com Fatou Diallo (2019), que precisou deixar seus dois filhos para imigrar:

Não foi fácil, não vieram junto eu deixei eles lá. Foi bem difícil pra mim, chorava dia e noite, a saudade era muito grande. Eu deixei os dois lá, a menina tinha dois anos quando deixei ela né. Daí eu fui viajar, saí de casa, dentro do avião, quando cheguei comecei chorar de saudade, ai meu deus, foi muito difícil pra mim no início.<sup>120</sup>

No processo de deslocamento do núcleo familiar, percebe-se que as crianças nem sempre migraram com os pais num primeiro momento. Fora os danos financeiros, há uma grave restrição de direitos da criança prevista nas legislações internacionais. Segundo a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), criança é todo sujeito menor de 18 anos. As organizações internacionais concedem proteções especiais<sup>121</sup> a elas, devido à sua imaturidade legal, e têm como premissa a família como ambiente natural para o crescimento e desenvolvimento destes sujeitos em suas comunidades.

Ainda sobre isso, o artigo nº 10 da Convenção trata sobre o processo de reunificação familiar, apontando-o como um direito da criança e orienta que a solicitação seja atendida humanitária e rapidamente pelos Estados. O Brasil ratificou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança em 1990. O artigo nº 10 (ONU, 1990) prevê que:

De acordo com obrigação dos Estados Partes estipulada no parágrafo 1 do artigo 9, toda solicitação apresentada por uma criança ou por seus pais para ingressar em um Estado Parte ou sair dele, visando à reintegração da

<sup>119</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “O meu filho ele não veio comigo que ele tava com problema de passaporte. O pai tinha que fazer uma, como que se diz, uma autorização, pra ele conseguir o passaporte. Só que com essa autorização eu também não consegui, complicaram as coisas e eu já tinha pagado a passagem e tudo, tinha que deixar ele com 1 ano e 6 meses quando eu vim pra cá.”

<sup>120</sup> DIALO, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “Não foi fácil, não vieram junto eu deixei eles lá. Foi bem difícil pra mim, chorava dia e noite, a saudade era muito grande daí. Eu deixei os dois lá, a menina tinha dois anos daí quando deixei ela né. Daí eu fui viajar, saí de casa, dentro do avião, quando cheguei comecei chorar de saudade, ai meu deus, foi muito difícil pra mim no início”.

<sup>121</sup> Declaração de Genebra dos Direitos da Criança (1924) e Declaração dos Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral (1959), reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

família, deverá ser atendida pelos Estados Partes de forma positiva, humanitária e ágil. Os Estados Partes devem assegurar também que a apresentação de tal solicitação não acarrete consequências adversas para os requerentes ou seus familiares.

Outro fator são os valores das passagens aéreas que dificultam a vinda da família nuclear. As senegalesas entrevistadas vieram à cidade para restabelecer sua família, mas também para trabalhar. As mulheres imigrantes ocupam muitas vezes postos de trabalhos precarizados, somados a discriminação que ocorrem. Para Mariama (2019), “o racismo é uma coisa que infelizmente tá acontecendo até agora, e às vezes tu passa na rua, os homens te olham e assim ó”.<sup>122</sup>

O acesso às mulheres senegalesas também é algo dificultado pela língua. Para Martuscelli (2019, p. 33), é comum as imigrantes “ocuparem espaços de trabalho que são mais precarizados e isolados, de modo que é mais difícil para elas aprender a língua, conseguir se integrar e atingir os recursos financeiros mínimos para aplicarem para reunião familiar”. Além disso, as dificuldades impostas a homens e mulheres nas políticas nacionais de imigração são aplicadas de forma diferente.

Em sendo as políticas inicialmente pensadas para os homens em função da força de trabalho, elas impõem maiores restrições às mulheres, dificultando seu processo de deslocamento e garantia de recursos mínimos, seja de sobrevivência, de manutenção do grupo familiar, seja para trazer o restante do grupo familiar (MARTUSCELLI, 2019). A imigração senegalesa é laboral, conforme afirma Herédia (2015), e muitos imigrantes deslocaram-se sem saber o português e quais condições de trabalho encontrariam no Brasil. Para Mamadou (2019):

Bom, é... Eu vou te dizer uma coisa, eu vim porque eu era bolsista, por isso que eu vim. Então quer dizer, eu vim de uma forma diferente, eu entrei pela porta da frente e, só que a onda imigratória muitos, como tem brasileiros que vão para os Estados Unidos imigrar como existe na cidade mineira que quase toda população tem um parente nos Estados Unidos, que é Governador Valadares, já ouvi falar. Então, é, essa onda migratória, se tu vai pesquisar, por exemplo, os senegaleses que tem em Caxias a maioria é da Confraria Mouride. É... que não é desse estilo de vida, entendeu? Mas a maioria que veio é de comerciantes, são descendentes comerciantes, são de parentes comerciantes, alguém na família é comerciante já por vários países e muitos vieram sem saber as condições que encontrariam no Brasil. Sempre tem gente sem escrúpulo que cobra muito dinheiro pra, é, as pessoas vir pro Brasil, muitos chegaram de forma clandestina e sem

<sup>122</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “o racismo é uma coisa que infelizmente ta acontecendo até agora, e as vezes tu passa na rua, os home te olha e assim ó”.



nenhum tipo de preparo, nem conhecimento do que ia saber que ia acontecer<sup>123</sup>.

A partir de 2018, esses indivíduos passaram a deslocar-se novamente quando o Brasil enfrentou uma crise política e econômica. As mulheres e crianças já estavam se deslocando para Caxias do Sul nesse período. Em conversa com a assistente social do CAM, Geraldine abordou o movimento migratório de 2022 de mulheres para a cidade que se intensificou, mas também a saída dos homens em busca de emprego em outros locais, até mesmo em outros países.

As senegalesas que permanecem estabelecem sua rede de contato na cidade, possibilitando o acesso aos recursos básicos como educação e saúde. Mas possivelmente sua integração em Caxias do Sul para além da comunidade migrante, fica restringida devido à língua e à cultura, visto que são seus maridos que dominavam o português. Ao se referir à comunidade, a base que se tem é a experiência subjetiva, que nesse caso é compartilhada pela vivência de ser imigrante africano muçulmano em Caxias do Sul, uma comunidade de experiência vivida (SILVA, 2002). Consoante isso, conforme Mariama Babji: “A gente se considera como irmãos, já que sempre digo assim, ó, os senegaleses são todos senegaleses”<sup>124</sup>.

Em relação à poligamia, que não é permitida no Brasil, sabe-se que as famílias são extensas devido à religião, a qual permite que o homem tenha até 4 esposas. No caso das senegalesas e de todos os entrevistados do banco de dados, nenhum dos casados disse ter duas esposas. Segundo Mamadou (2020): “Então eu tenho irmãos e irmãs, só que a maioria dos meus irmãos e algumas irmãs moram na Europa. Eu sou de uma família muito grande, somos vinte e quatro irmãos, é, por

---

<sup>123</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “Bom, é... Eu vou te dizer uma coisa, é, eu vim porque eu era bolsista, por isso que eu vim. Então quer dizer, eu vim de uma forma diferente, eu entrei pela porta da frente e, só que a onda migratória muitos, como tem brasileiros que vão pros Estados Unidos imigrar como existe na cidade mineira que quase toda população tem um parente nos Estados Unidos, que é Governador Valadares, já ouvi falar. Então, é, essa onda migratória, se tu vai pesquisar, por exemplo, os senegaleses que tem em, em Caxias a maioria é da... da Confraria Mouride. É... que não é desse estilo de vida, entendeu? Mas a maioria que veio é de comerciantes, são descendentes comerciantes, são de parentes comerciantes, alguém na família é comerciante já por vários países e muitos vieram sem saber as condições que encontrariam no Brasil. Sempre tem gente sem escrúpulo que cobra muito dinheiro pra, é, as pessoas vir pro Brasil, muitos chegaram de forma clandestina e sem nenhum tipo de preparo, nem conhecimento do que ia saber que ia acontecer”.

<sup>124</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “A gente se considera como os irmãos, já que sempre digo assim, ó, os senegaleses são todos senegaleses”.

causa da poligamia é... irmãos dos outros, das outras esposas do meu pai”<sup>125</sup>. Mas o marido só pode ter mais de uma esposa se as outras consentirem. Para Fatou Sokhna, por exemplo, “ter um homem tem que ter várias mulher né, quatro mulher se ele quer e isso eu acho que é uma loucura, eu sou (risada). Eu sou muçulmana né, é nossa cultura, eu aceito né, não falei que é errado, não vou falar isso. Mas é, eu acho que é loucura, é isso”<sup>126</sup>.

As famílias senegalesas também apresentam categorias situacionais. Durante um casamento senegalês, uma mulher branca brasileira, residente em Caxias do Sul há 20 anos, era chamada de mãe pelos senegaleses, assim como seu marido era chamado de pai. Esse casal aluga uma casa para os senegaleses, em um dos bairros da cidade, auxiliando-os no que precisam. Não havia nenhum vínculo sanguíneo ou étnico entre ela e os senegaleses, e ainda assim ela era chamada de mãe no casamento. Os senegaleses também procuravam auxiliar em tudo que ela precisasse para seu conforto e bem-estar durante a festa. Algo presente em outras categorias familiares, como relatou Fatou Sokhna: “Depois é assim, eu mudei a uma cidade, deixei meus pais pra outra cidade, saí pra terminar meus estudos né, na casa da minha irmã, minha irmã é prima, a gente chama irmã também.”<sup>127</sup> Para Oyèwùmí (2000, p. 9), “as categorias sociais africanas são fluídas. Elas não se baseiam no tipo de corpo, e o posicionamento é altamente situacional”.

Se o trabalho é o motor da imigração senegalesa, é a família que possibilita que ele funcione, seja pela busca de recursos para sustentar o grupo familiar, seja pelo *status* que o imigrante possui com o sucesso no exterior. A família, independentemente da sua estruturação, constitui um dos principais lugares de formação do sujeito. A decolonialidade enquanto epistemologia para pensar o processo imigratório nos mostra que dependendo da cor, origem, gênero e classe alguns grupos são bem-vindos e outros terão seu direito de deslocamento dificultado, bem como sua recepção pela sociedade local.

<sup>125</sup> MAMADOU, nome. [Entrevista *online* cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, set. 2020. Transcrição literal: “Então eu tenho irmãos e irmãs, só que a maioria dos meus irmãos e algumas irmãs moram na Europa. Eu sou de uma família muito grande, somos vinte e quatro irmãos, é, por causa da poligamia é... irmãos dos outros, das outras esposas do meu pai.”

<sup>126</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, ago. 2019. Transcrição literal: “ter um homem tem que ter várias mulher né, quatro mulher se ele quer e isso eu acho que é uma loucura, eu sou (risada). Eu sou muçulmana né, é nossa cultura, eu aceito né, não falei que é errado, não vou falar isso. Mas é, eu acho que é loucura, é isso”.

<sup>127</sup> SOKHNA, Fatou. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, ago. 2019. Transcrição literal: “Depois é asi, eu mudei a uma cidade, deixei meus pais pra outra cidade, saí pra terminar meus estudos né, na casa da minha irmã, minha irmã é prima, a gente chama irmã também.”

Além disso, seus intelectuais terão seus lugares questionados, suas teorias invalidadas e seus nomes desconhecidos. Todo esse movimento, desde a saída, no caso do Senegal, que enfrenta uma crise econômica associada à colonização francesa, até os locais de destino e seus processos de recepção, passam pela construção sócio-histórica da cultura e do sujeito ideal.

### **3.2.1 Ver o outro: história na rua, a exposição**

As migrações Sul-Sul colocam-nos em contato com outro tipo de migrante: aquele que não é idealizado a partir da matriz branca, europeia e cristã. Esse movimento possibilita que revisemos as nossas formas de ver o mundo e, conseqüentemente, precisamos construir e trazer para o debate conceitos que dão conta das diversas realidades, valorizando saberes não somente euro-americanos. A própria noção de temporalidade cristalizada na história e no ensino de História é questionada nessa perspectiva, por ser uma temporalidade colonizada, progressiva e evolucionista.

Por ensino de história, área de concentração deste estudo, entende-se como um campo de produção conceitual para a aprendizagem histórica, quer em espaços escolares, quer não (PEREIRA, 2018). Segundo Pereira (2018, p. 22):

A História produz conceitos, e são esses conceitos que são ensinados ou servem de operadores na escola, na universidade, nas televisões, nos debates acadêmicos, nas assembleias de trabalhadores, enfim, em qualquer espaço onde se pretenda operar ou ensinar conceitos históricos.

O ensino de história, nesse sentido, vem a ser o ponto de encontro entre o pensamento decolonial e a produção de sentido e de conceitos. O ensino intermediando a produção e expressão desses sentidos e interpretações provoca uma hesitação no sujeito (PEREIRA, 2018). A incerteza, a dúvida, a hesitação abrem espaço tanto para a criatividade, quanto para a produção de conceitos a partir da realidade dos indivíduos. É um espaço de possibilidades, de imaginação e hesitação ante as certezas do presente, movimentando sujeito e objeto de aprendizagem histórica numa relação dialógica.

A temporalidade, as narrativas e o conhecimento histórico estão inseridos neste contexto da colonialidade, mas, por meio do ensino de história, é possível

problematizar, criar hesitação e buscar romper com o que está cristalizado e dado como o único caminho interpretativo. É preciso abrir espaço para outras interpretações das realidades e subjetividades. Neste estudo, este espaço vai no sentido do protagonismo das vozes femininas no registro histórico e no ensino. Grupos esses historicamente marginalizados pelo etnicismo, racismo e pelo patriarcado, mas que ganharam voz e não vão mais se calar. Para Adichie (2013, p.): “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”.

A ocupação central da cidade pela comunidade senegalesa promoveu uma série de debates tanto na sociedade civil quanto na esfera pública, incluindo a discussão sobre a presença negra em Caxias do Sul. Quanto a isso, para a vereadora Denise Pessôa (2021)<sup>128</sup>:

O que acontece hoje é que a população negra em Caxias ela tá escondida ,né, ela tá na periferia, ela tá no chão de fábrica, ela ta casa das pessoas trabalhando como doméstica. São pessoas invisibilizadas, e aí, de repente, chegaram os imigrantes e foram pra onde? Foram pra Praça principal da cidade [...] Começaram a ver que existe negros em Caxias, sempre existiram, só que não estava sendo vistos. Isso me chocou bastante porque é aí que tu percebe o racismo.

Na cidade, o ideal de imigrante relaciona-se com a imigração histórica de italianos no final do século XIX. Os espaços de memória são afirmativos nesse sentido, sendo majoritariamente referentes à imigração italiana. Quando há a chegada de imigrantes que não correspondem a esse ideal, eles passam, automaticamente, à condição de estranhos. A humanidade de cada ser não basta para ver o outro como semelhante; se determinado corpo não apresenta traços semelhantes, comportamentos e hábitos culturais, ele passa a ser um corpo estranho (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016). Mesmo sendo um corpo que habita o mesmo território, pode não haver identificação.

---

<sup>128</sup> Discurso oral retirado da II Semana de Debates sobre o Dia Internacional das Mulheres: entre a Espada e a Rosa, realizada pelo Instituto de Leitura Quindim. Fui uma das idealizadoras da edição. Na edição de 2021, a homenageada foi a deputada federal Benedita da Silva. A mesa em que a fala foi feita foi sobre a mulher negra nos espaços das políticas públicas com a vereadora Denise Pessôa e Benedita da Silva (representada pela assessora Christiane Ramirez), mediada por mim. No dia, Benedita não pôde estar presente em função da votação sobre a aquisição das vacinas e políticas de prevenção da covid-19 (PL 948/2021). ENTRE a Espada e a Rosa: Mulher Negra nos Espaços da Política Pública. Produção de Instituto de Leitura Quindim. Caxias do Sul, mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wwOC36NScv0>. Acesso em: 28 jul. 2022.

No caso do racismo referido por Denise Pessôa, o corpo é pensado pelas características físicas, determinando seu lugar na cidade, nesse caso, o periférico. Para as senegalesas, o racismo se soma ao fato de serem mulheres, com seus corpos sexualizados pela cultura ocidental por muitos séculos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016). Consoante isso, Mariama Babji diz que, “Então essa imagem que das pessoas pensarem, a imagem antiga de dizer a mulher negra serve só pro sexo e essas coisas, a gente vive até agora, pelo menos eu <sup>129</sup>”.

Para desenvolver e operar os conceitos históricos apresentados até o momento, o produto proposto é uma exposição fotográfica em espaços públicos e com intervenção urbana. A apresentação da proposta de um produto ou sua realização é uma das exigências do mestrado profissional, modalidade *stricto sensu*, que busca integrar teoria e prática, voltado para profissionais atuantes no mercado de trabalho. Alinhado ao ensino de história, área de concentração do Programa de Pós-Graduação em História da UCS, a exposição trabalha com a aprendizagem histórica em espaços não escolares e objetiva ser um recurso para a educação antirracista. A realização em espaços públicos visa à circulação dos saberes e busca proporcionar um espaço de trocas entre diferentes histórias de vida, promovendo reflexão por meio da visualidade, conceito desenvolvido por Oyèwùmí (1997).

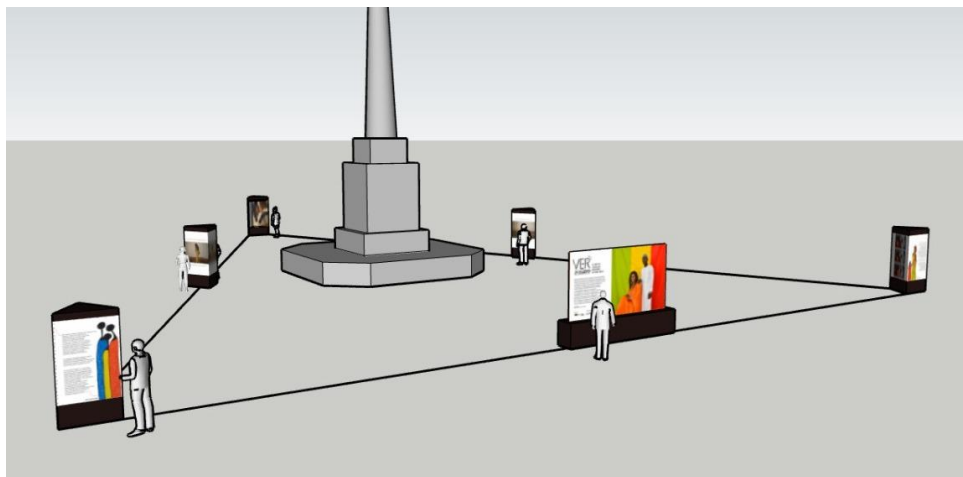
Os espaços públicos escolhidos foram a Praça Dante Alighieri e a Praça do Trem, respectivamente, a praça mais antiga e a outra uma das últimas construídas, sendo ambas patrimônios da cidade, caminho de muitos trabalhadores, locais de visita e onde acontecem eventos culturais na região central. Na Praça Dante e no seu entorno também é comum encontrar vendedores imigrantes ambulantes. O objetivo é trazer para os espaços públicos da cidade uma narrativa sensibilizadora das imigrações contemporâneas e de sujeitos que por serem negros, africanos e muçulmanos tem seus lugares na cidade segregados pelo racismo, xenofobia e islamofobia. A escolha do espaço público visa à democratização de acesso da exposição para públicos que nem sempre frequentam galerias de arte e, principalmente, para os imigrantes, que terão sua história representada de forma positiva e valorizada nos locais centrais da cidade.

---

<sup>129</sup> BABJI, Mariama. [Entrevista presencial cedida a] Franciele Oliveira, Caxias do Sul, out. 2019. Transcrição literal: “ Então essa imagem que das pessoas pensarem, a imagem antiga de dizer a mulher negra serve só pro sexo e essas coisas, a gente vive até agora, pelo menos eu”.

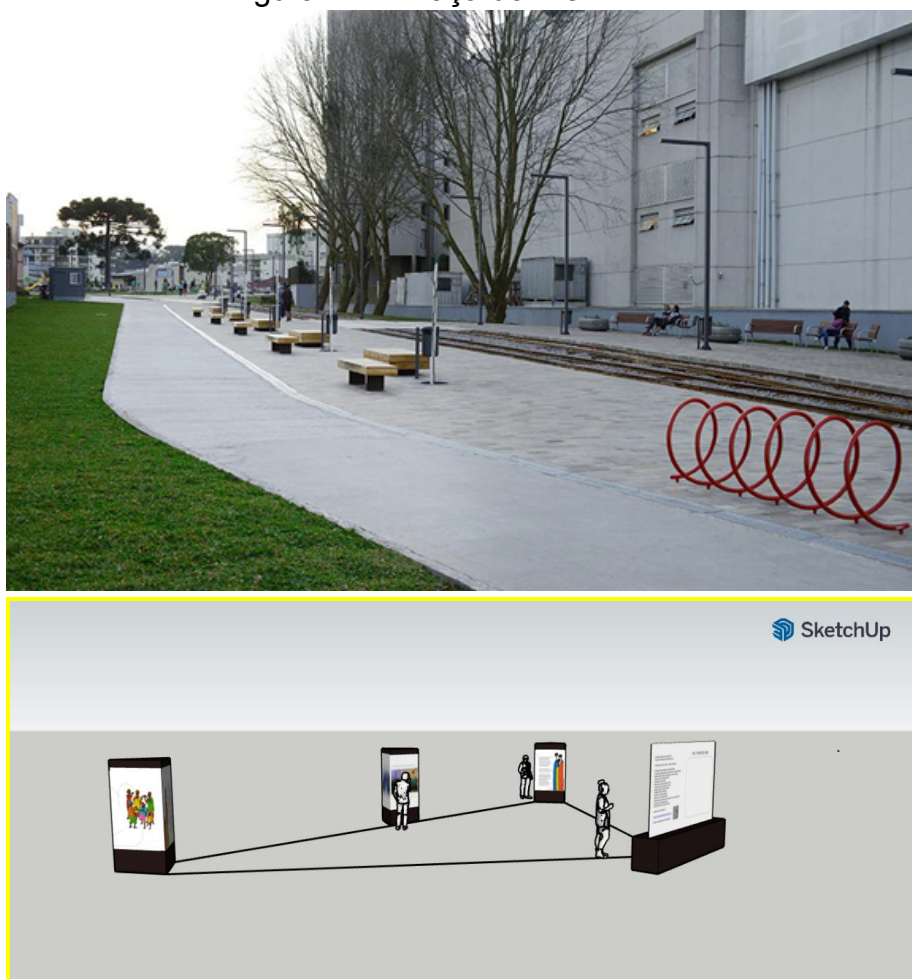
A expografia foi desenvolvida por Geovana Erlo, com a intenção de sugerir que o outro seja visto de forma integrativa, os suportes para as fotografias foram criados de forma a possibilitar interação do público. Para Erlo (2022) “O elemento tem relação com três conceitos que norteiam a exposição: o ver, o viver e o mover. Optamos pelo triângulo por serem três lados, representando essa tríade”. As figuras 13 e 14 apresentam o local da exposição e a expografia.

Figura 13 – Praça Dante Alighieri



Fonte: Mateus Argenta – Prefeitura de Caxias do Sul (2019).

Figura 14 – Praça do Trem



Fonte: Divulgação - Bridi Construções Planejadas (2022).

Para a sistematização das ideias e das informações, foi constituído um livro-conceito com 20 lâminas. Nele, estão presentes os conceitos desenvolvidos aqui nesta dissertação, mas de forma visual, com base na discussão sobre a *visualidade* e o *corpo* no Ocidente, tendo como aporte teórico Oyěwùmí (1997). O livro-conceito está dividido em: histórico (*moodboard*, apresentação, caminhos percorridos e as senegalesas); análise (famílias); e execução (ver o outro, a exposição e lambe-lambe). Na primeira página, está o *moodboard*, uma ferramenta do design onde se encontram as ideias, representações e conceitos que estão presentes no projeto.

Foram selecionadas três cores principais a partir dos tecidos do evento *África Fashion* e *Diversidade*: roxo, amarelo e vermelho. O roxo é comumente associado à espiritualidade e à transformação; o amarelo, à vivacidade e à

criatividade; e o vermelho, à energia, à intensidade e ao cuidado com o outro<sup>130</sup>. Todas as páginas são conectadas por fios que remetem à conexão, identidade, comunidade e pertencimento, que acompanham os imigrantes e a sua família. Iniciando pelo amarelo, cor que remete à criatividade e à vivacidade, duas formas de encarar a imigração e seus desafios adotadas nos processos migratórios. O roxo inicia a partir do item “caminhos percorridos”, de Binetou (2018), visto que ela trouxe novos contornos para a pesquisa, conforme figura 15:

---

<sup>130</sup> Uma das obras de referência utilizada sobre as cores é *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*, de Eva Heller (2012).



Figura 15 – Moodboard e Concept book (parte 1 – histórico)



transformação  
espiritualidade - Islã

vivacidade  
criatividade

energia  
cuidado



## apresentação

Em 2011, Caxias do Sul, segunda cidade mais populosa do Rio grande do Sul, recebeu imigrantes vindos do Senegal em busca de melhores condições de vida. Caracterizada com uma imigração laboral, jovem e masculina, o deslocamento movimentou diversos debates na população local e acadêmica. A praça Dante Alighieri passou a ter cores e sons diferentes, a cidade e o espaço público central foram ressignificados.

Mas a partir de 2016, aparecem novos sujeitos nesse movimento entre os dois países de costa atlântica, chegam as mulheres e as crianças. O núcleo familiar passa a migrar e estes atores agora também precisam ser ouvidos, vistos e pensados. Se o trabalho os trouxe aqui, foi a família que motivou o deslocamento na busca de oferecer melhores condições de vida para si e sua família.

VIVER DEMANDA MOVIMENTO.  
MOVER, VERBO TRANSITIVO DIRETO,  
É O QUE DÁ SENTIDO A ESTA HISTÓRIA...

## caminhos percorridos

O projeto iniciou em 2018 na Universidade de Caxias do Sul, tendo como foco de análise as questões religiosas do grupo e partindo da demanda social da comunidade de ser ouvida e participar das pesquisas realizadas sobre o grupo. De 2018 a 2020, foram realizadas 23 entrevistas na cidade de Caxias do Sul, somadas com observação participante e atuação em engajamento sócio-político. Em 2018, das 18 entrevistas realizadas, apenas uma foi realizada com uma mulher, Binetou Gueye, e foi quando a família apareceu pela primeira vez nas narrativas.



**MÚSICA: SOIS COOL**  
ARTISTAS: MOUJAMED AW E  
NÃO ALIMENTE OS ANIMAIS

**in.DICA**  
Saberes fazeres e migrações

**ROGER LENINA**  
Espetáculos de artes  
visuais e teatrais

**Agende**  
**Papo Coletivo "Além do véu: moda, Islã e mulheres"**  
em 20/08/2020 às 20h por via online e presencial

A 3ª edição do **Papo Coletivo** acontecerá nesta quarta (20/08), às 20h, com a participação das mesetras **Alessandra Melo** (empresária e design de moda da coreana), **Melek Ozorpak** (proprietária do movimento Capoteiras em Caxias do Sul e membro do Movimento Hijabi) e **Soha Chabrawi** (Docente Neurociência e Cognição e militante).

A transmissão será ao vivo pelo **YouTube do Coletivo Aldeia**. O encontro será mediado pelo designer e professor **Francisco dos Santos**, e pela ilustradora, **Franciele Oliveira**.

O debate busca oportunizar o entendimento sobre a violência das mulheres muçulmanas, das quais geralmente são vistas como submissas, não refletindo a realidade de muitas delas. Além disso, o Islã é a religião que mais cresce no mundo atualmente e está ganhando fôlego no Brasil e em Caxias do Sul, expandindo o mercado da moda e da afirmação étnica.

O projeto tem o apoio do Programa de Pós-Graduação e do curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), e do Instituto Rejigam.

**PROGRAMAÇÃO**  
16/12 palestra on-line  
19h30 **ÁFRICA, IMIGRAÇÃO E DIÁSPORA**  
com Demba Sokhna  
18/12 oficina  
10h **TRANÇAS AFRO**  
com Mamãe Transcristã  
e Demba Sokhna  
14h **E TURBANTES**  
com Mamãe Transcristã  
e Demba Sokhna

**Coletivo Aldeia apresenta**  
**papo coletivo** AS NOVAS IMIGRAÇÕES EM CAXIAS DO SUL E A INFLUÊNCIA NA INDUMENTÁRIA LOCAL  
**LIVES**  
20 AGO\_20H

DEMBBA SOKHNA  
CHER CHEIK

realização **COLETIVO ALDEIA** apoio **UCS** Centro de pesquisa Programa de Pós-Graduação em História - IPHIGem  
realização **COLETIVO ALDEIA** apoio **UCS** Centro de pesquisa Programa de Pós-Graduação em História - IPHIGem

**mamãe transcristã**

*as senegalesas*

Os papéis e lugares sociais das mulheres vêm se transformando. O ingresso de mulheres no mercado de trabalho vem aumentando, consequentemente as imigrações femininas também. Nos países desenvolvidos que a imigração de mulheres ultrapassam os homens. Para Osman (2009, p.38) "A contribuição da mulher migrante transcende, desde o início do processo migratório, as funções domésticas a elas atribuídas."

Na História, as mulheres tiveram durante muito tempo suas falas e lugares apagados pela presença masculina. Nos estudos sobre o caso dos senegaleses no Brasil, pouco foi produzido sobre as mulheres do grupo migrante.

Fonte: acervo da autora (2022).

A proposta na sua construção tem curadoria compartilhada com as senegalesas que participaram desta pesquisa e da produção cultural, em conjunto com Demba Sokhna. A equipe de trabalho é composta por historiadores, arquiteto, designer, jornalista e artistas. As fotos que dão corpo à exposição foram produzidas em ambiente preparado no Instituto de Leitura Quindim, com produção e direção de

arte para pensar o ambiente e as composições. A família para as fotos foi convidada por Demba Sokhna, sendo a mesma em que eu fui no casamento em 2019: Abibou Diop, Oumou Khayri e Serigne Saliou. Atualmente o casal tem um filho (Saliou) e vive o processo em que o marido se desloca em busca de emprego, permanecendo esposa e filho em Caxias do Sul. Algumas das fotos podem ser conferidas na figura 16:

Figura 16 - Fotos: Ver o outro





Foto: Franciele Oliveira (2022).

A seleção e curadoria das fotos foi realizada junto a família, sempre respeitando a decisão das e dos imigrantes. Todo o processo tem como base o livro-conceito apresentado e as discussões presentes nesta dissertação, de forma transcriativa, conforme figura 17.

Figura 17 – Análise (famílias)

*as famílias*

O movimento da comunidade senegalesa em Caxias do Sul diz respeito à família. A família é um fenômeno além de biológico, é cultural, social e histórico. É uma instituição privada que perpassa pela esfera pública (SILVA; SILVA, 2019) e é responsável pela formação e socialização do indivíduo. Principalmente em famílias muçulmanas, em que família é um valor sagrado. As famílias senegalesas se vinculam pelas experiências e não somos pelos laços biológicos. Primas são irmãs, pais e mães brasileiros ganharam filhos senegaleses já adultos, pela acolhida aos imigrantes.

No processo de deslocamento do núcleo familiar há, também, crianças que nem sempre migraram com a mãe num primeiro momento. Em conversas informais, houve discussões acerca da dificuldade de conseguir a autorização de ingresso no Brasil para as mulheres e crianças, algo que problematizou o processo de reunificação familiar. A reunificação é um direito da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989), ratificado pelo Brasil em 1990, mas que vem sendo desrespeitado conforme o grupo em deslocamento.



## as famílias

As mulheres e famílias com as quais se dialoga são africanas, muçulmanas e negras. Todas essas características se farão presentes nos lugares ocupados por essa comunidade em Caxias do Sul e em suas relações estabelecidas com a cidade.

A primeira fase da imigração senegalesa iniciada em 2011 é majoritariamente masculina, laboral e tem como um dos objetivos a manutenção do grupo familiar. Depois do primeiro grupo estabelecido, se deslocam as mulheres e crianças, caracterizando o segundo momento do deslocamento.

Ao se referir à comunidade, a base que se tem é a experiência subjetiva, que neste caso é compartilhada pela vivência de ser imigrante africano muçulmano em Caxias do Sul, uma comunidade de experiência vivida. (SILVA, 2002).

Para Mariama Babji,

*A gente se considera como os irmãos, já que sempre digo assim, ó, os senegalês são todos senegaleses.*



Fonte: Acervo da autora (2022).

O projeto foi composto por um catálogo virtual (ver anexo E), ilustrado pelo artista senegalês Ousmane Mathurin Ndiaye. Semelhante ao livro-conceito, o catálogo tem fotos selecionadas, produção textual e seleções dos materiais feita pela equipe de curadoria e produção (em produção entre agosto e setembro de

2022). As ilustrações do catálogo, feitas por Mathurin, foram o ponto de encontro da narrativa com seu traço, o qual trabalha a corporalidade feminina em cores vibrantes, conforme figura 18:

Figura 18 – Ilustração de Mathurin em exposição



Fonte: Portfólio de Mathurin (2022).

Mathurin realizou três exposições<sup>131</sup> em Caxias do Sul, na Galeria Atrium (2014), no Museu Municipal (2017) e na Secretaria Municipal de Cultura (2021), além de diversas oficinas de pintura em vidro reverso. Em seu portfólio, aborda a relação subjetiva da arte com a imigração:

Mathurin é um artista da diáspora senegalesa. Nesse sentido, é fundamental pensar a imigração e o refúgio, para além de seu caráter meramente estrutural, todavia, também, como um processo subjetivo vivido pelos sujeitos em suas experiências e trajetórias. A expressão através da arte torna-se, com isso, uma porta de acesso às subjetividades dos imigrantes, lançando-nos de imediato, a compreender suas motivações, atuações e agências no mundo. (MONTEIRO, Cristiano Sobroza, 2022)

A exposição nos espaços públicos foi contextualizada nas ruas em seu entorno por meio da intervenção urbana. A intervenção ocorreu por meio das

<sup>131</sup> Exposições: “A África é aqui” de Ousmane Mathurin Ndiaye. Galeria Atrium. Caxias do Sul, maio de 2014; “Le visage de L’áfrrique” de Ousmane Mathurin Ndiaye. Museu Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, julho de 2017; Le visage de Ousmane Mathurin Ndiaye. Secretaria Municipal de Cultural de Caxias do Sul. Caxias do Sul, julho de 2021.

colagens de lambe-lambe na área central da cidade, situadas em um mapa disponível no site do projeto<sup>132</sup>, conforme imagem 19:

Figura 19 – Colagem de lambe-lambe



Fonte: Acervo da autora (2022).

As frases foram previamente selecionadas (figura 20) a partir das entrevistas realizadas e passaram pela escolha da equipe de curadoria, antes de serem coladas pela artista de rua Fernanda Rieta. Em seu portfólio, Rieta destaca a arte de rua, o ser mulher, a cultura hip-hop e a maternidade:

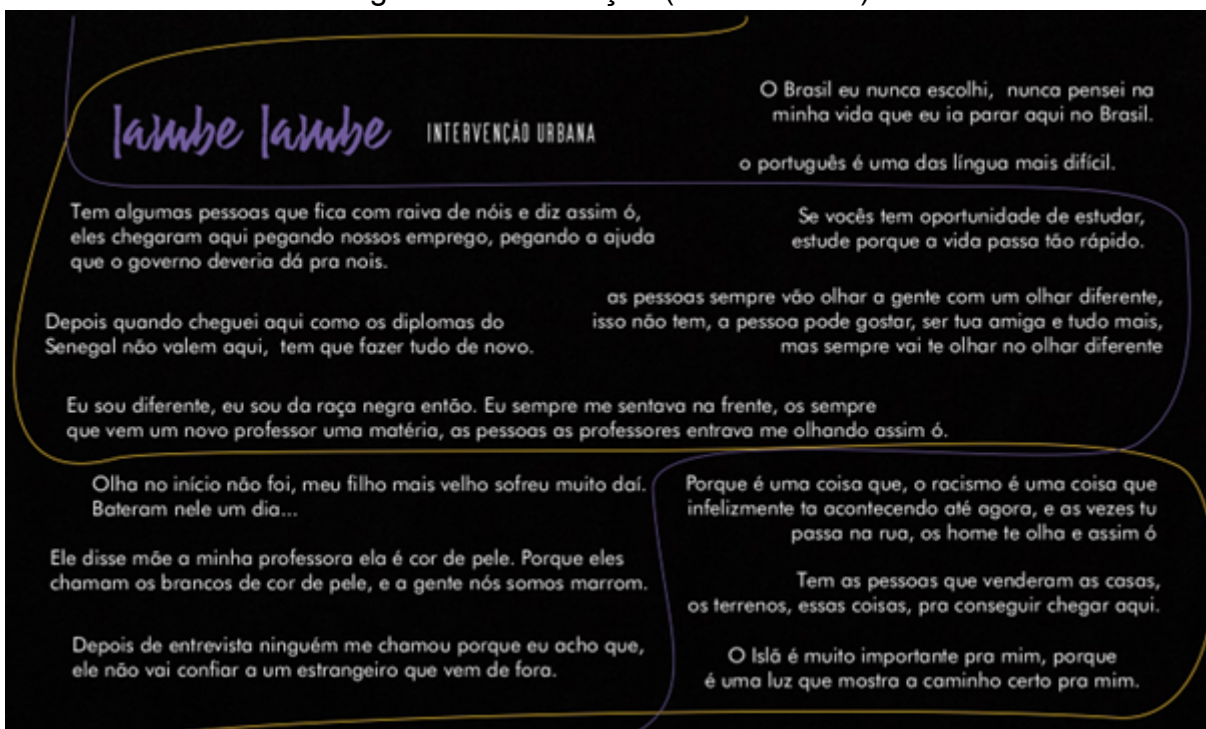
Mulher, Artista de rua, Arte educadora e Mãe em ordem cronológica, trabalho desde a arte com spray até a customização e estilização de roupas. Meu trabalho consiste e tem como pilar a resistência de mulheres dentro da

<sup>132</sup> Movi, saberes e fazeres migrantes (2022): <https://www.movisaberesefazeresmigrantes.com/>



arte urbana e também a maternidade. Meu contato inicial com a arte urbana foi através das letras, por isso mesmo desenvolvendo personagens hoje em dia eu utilizo muitas frases. Utilizo algumas frases com frequência como “Mulheres resistem”, “Mulheres exaustas”, “Respeita as minas” e “Respeita as mamacitas” junto às personagens. Fui protagonista no documentário A Cidade é ela, que fala sobre a minha relação com a arte urbana e as dificuldades e alegrias de ser mãe e mulher dentro dela. [...] Participei de Workshops e oficinas em diversos locais trabalhando com crianças, adolescentes, adultos, mães e jovens que se encontram reclusos. No entanto, o foco principal sempre foi mulheres e a inserção delas dentro do ambiente artístico.

Figura 20 – Execução (lambe-lambe)



*lambe lambe*

Meu coração gosta de Brasil né (risada). Fazer o que. vocês pode me achar, diferente de vocês que é verdade mas a minha inteligência ninguém vai insultar minha inteligência.

a pessoa pode imaginar o que nós vivemos aqui mas nunca vai ser a mesma coisa né, a imigração a pessoa precisa viver na pele o que é imigração, pra saber.

Ajudar também minha mãe fazer as coisas, tu sabe lá no Senegal a gente começa muito cedo aprender a vida, porque eu comecei a cozinhar a 9 anos, que eu comecei a cozinhar, o primeiro prato que eu fiz eu me lembro.

Todo mês tem que mandar dinheiro sabe, que lá não tem muito emprego como aqui, não tem pra todo mundo né. As vezes tem alguém doente, daí não tem, an dinheiro pra pagar os remédio, tem que ajudar.

A menina tinha dois anos daí quando deixei ela né. Dai eu fui viajar, saí de casa, dentro do avião, quando cheguei comecei chorar de saudade, aí meu deus, foi muito difícil pra mim no início.


Eu nunca pensava na minha vida que eu fosse sair da minha terra para vir na outra país.

O que eu quero é estudar, eu, como eu falei, É, isso é o sonho de toda mãe vê a filha um dia casar né, eu gosto de estudar e para mim os estudos são tudo. vê os netos e tudo.

nossa tu é muito sonhadora, a vida não custa nada sonha *Quem tem o tempo de ensinar outras pessoas tem tempo de ensinar a amar.*

Quem fala de imigração, fala de choque cultural. Fala de pessoas de outros países que vêm até o país de você para trabalhar, para ganhar sua vida, mas não se limita só no trabalho.

*Demba Sokhna, 2021*  
produtor cultural



*Denise Pessoa, 2021*  
vereadora em Caxias do Sul

O que acontece hoje é que a população negra em Caxias ela tá escondida ,né, ela tá na periferia, ela tá no chão de fábrica, ela ta casa das pessoas trabalhando como doméstica. São pessoas invisibilizadas, e aí, de repente, chegaram os imigrantes e foram pra onde? Foram pra Praça principal da cidade [...] Começaram a ver que existe negros em Caxias, sempre existiram, só que não estava sendo vistos. Isso me chocou bastante porque é aí que tu percebe o racismo.

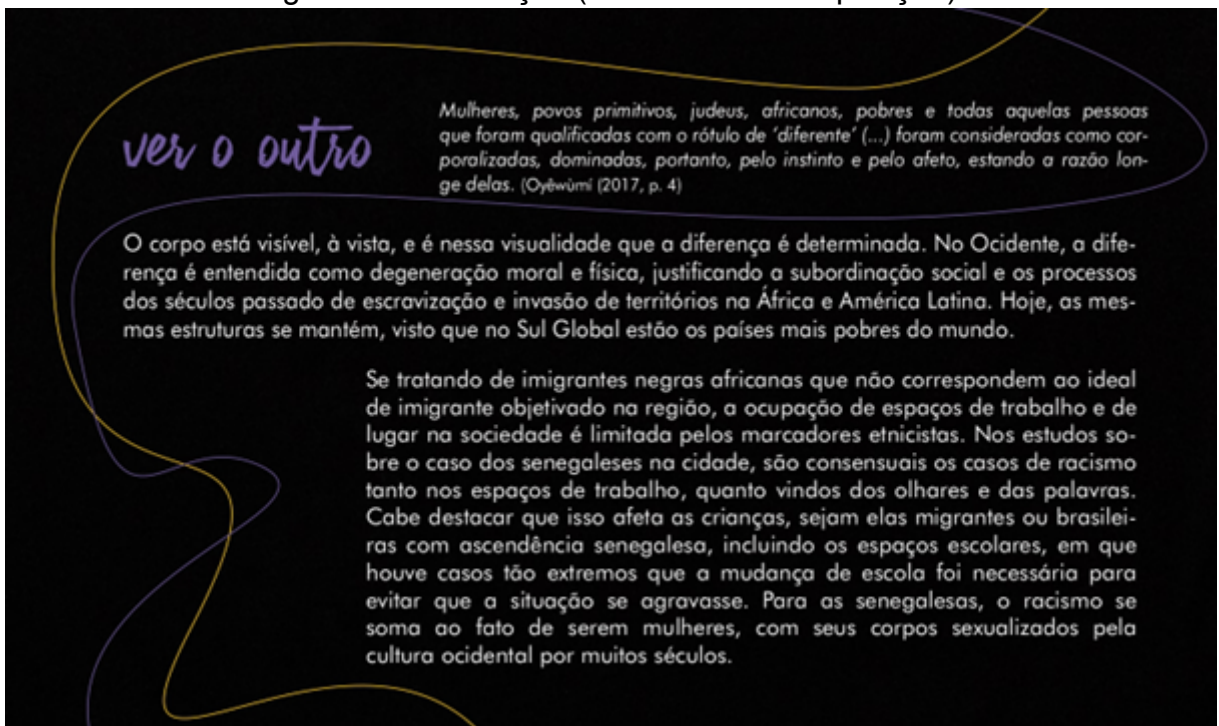
Fonte: acervo da autora (2022).

A construção da exposição faz parte da produção de sentido das representações da trajetória destas famílias, estabelecendo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e a comunidade da qual se refere. Não somente o diálogo, mas oportunizando à comunidade de origem “a possibilidade de participar da elaboração de sua própria história” (KOBELINSKI, 2020, p. 66). Integrando

pesquisador e comunidade, compartilhando e reconhecendo as autorias responsáveis pela construção dessa história pública local (LOPES, 2013, p. 42).

A utilização de acervos materiais e produção fotográfica/artística vinculam o sujeito à História e “são sem dúvida, chaves interpretativas importantes para identificarmos a pluralidade da formação de nossa sociedade.” (KOBELINSKI, 2020, p. 85). Quanto a isso, para Hermann (2006, p. 1): “A produção artística e a estética incluem-se num movimento de interpretação da vida e reinventam o conceito de alteridade”, conforme figura 21.

Figura 21 – Execução (ver o outro e a exposição)



ver o outro



A importância do corpo na sociedade Ocidental está intimamente ligada à visão, para a socióloga nigeriana Oyêwùmí (2002, p. 39),

*A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao 'ver'. O olhar é um convite para diferenciar.*

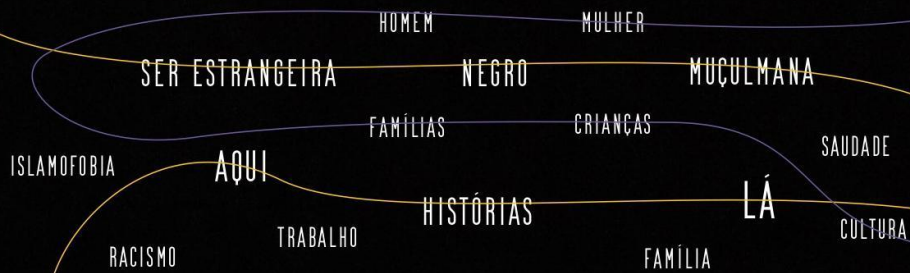
O termo cosmovisão utilizado para explicar o modo de percepção do mundo, concepções ou visão de mundo de uma sociedade ou grupo, é um exemplo. O corpo, no ocidente, se torna assim a apresentação do sujeito, determinando a percepção e recepção do sujeito como semelhante ou estranho (ALBUQUERQUE, 2016). Para Oyêwùmí (2017, p. 2),

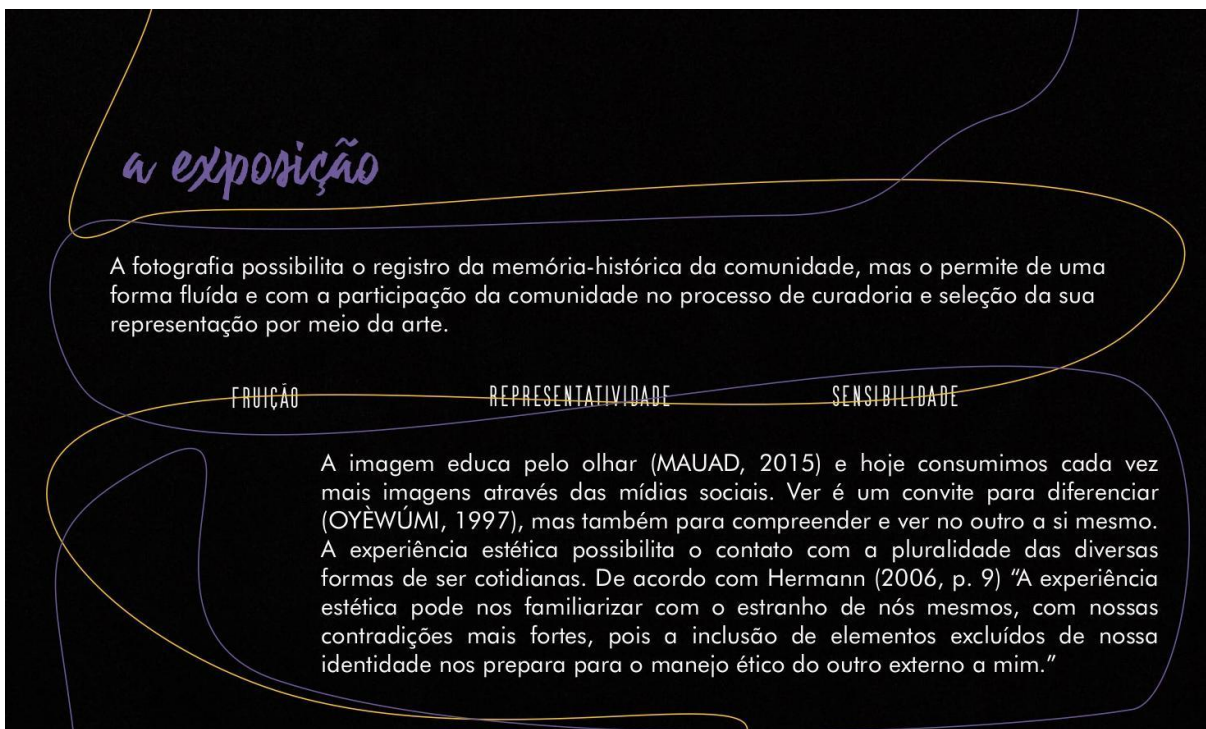
*Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, o olhar para ele, pode-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas.*

a exposição

É NA RUA QUE A VIDA ACONTECE

O estudo tem como objetivo que a pesquisa converse, alcance e se comunique com a comunidade regional, da qual os imigrantes também fazem parte. Rompendo com os muros acadêmicos e colonizadores, produzindo conhecimento a partir dos conceitos da comunidade e levando isso para a rua e o debate público. Para isso será realizada uma exposição fotográfica/artística junto a famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul.





Fonte: acervo da autora (2022).

Além da exposição e intervenção em espaços públicos, foi promovido, em parceria com o Laboratório de Ativações Urbanas, Vivacidade, dois encontros para debate público de forma *online*, sobre a ocupação do espaço público pelos imigrantes do século XXI e a valorização do patrimônio negro e africano na cidade. O projeto buscou, por meio do ensino de história em espaços públicos, proporcionar o contato com a cultura imigrante senegalesa, registrando a trajetória e a cultura das famílias senegalesas em Caxias do Sul, a partir da fotografia, criando um espaço de trocas entre diferentes histórias de vida e saberes que promovam reflexão, sororidade e respeito à diversidade.

Aqui, compreende-se a fotografia e as artes visuais como fundamentos da memória cultural, importante na formação do cidadão, agente integrante e participativo nesses processos de desenvolvimento de uma cultura de paz, que respeite a diversidade cultural, religiosa e étnica dos diferentes povos. Além disso, pretendeu ressignificar a ideia da imigração da região e desconstruir os estereótipos sobre a comunidade muçulmana e tornar um recurso para uma educação antirracista por meio da experiência visual.

O projeto foi inscrito no Edital SEDAC nº 13/2021 do Governo do Rio Grande do Sul (RS), por meio de formulário detalhado (ver anexo A). Nele, estão descritos os objetivos, apresentação da exposição, metodologia, plano de trabalho, equipe e

acesso aos materiais como o vídeo explicativo feito por mim em parceria com Demba Sokhna. Ainda, há a autorização (anexos B e C) de uso de espaços públicos para realização da exposição, a qual ocorreu entre outubro e dezembro de 2022, e o detalhamento da classificação do concurso do FAC Visual. O prazo de inscrição para submissão neste edital encerrou-se em dezembro de 2021, e, em julho de 2022, os repasses financeiros foram realizados, após classificação, prazos de recursos e assinatura do contrato.

A exposição foi contemplada em primeiro lugar na região da Serra Gaúcha, tendo ficado na pontuação 92. Sua fase de execução é de julho de 2022 a 2023<sup>133</sup>. A produção cultural tem-se mostrado um grande aliado na trajetória da pesquisa, valorizando, também, financeiramente a imigração e seu circuito cultural no contexto da pandemia<sup>134</sup>. Cabe aqui ressaltar a importância da Lei Emergência Aldir Blanc para manutenção da Cultura a nível nacional durante a pandemia, de autoria da deputada federal, mulher negra e periférica, Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). Foram mais de 3 bilhões de reais para o setor cultural, administrado e gerido pelos estados e municípios que beneficiou toda a cadeia produtiva da cultura.

Apresentado como será o produto desta dissertação, o qual une teoria e prática, passo às considerações finais.

---

<sup>133</sup> Ver o outro: as famílias senegalesas muçulmanas na Serra Gaúcha. Produção de Franciele Oliveira. (5 min). Caxias do Sul, dez. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/h3WHVpRbARw>. Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>134</sup> Ao final de 2020, tive dois projetos aprovados via Lei Aldir Blanc (Chamada pública municipal nº 186/2020 e 229/2020).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os movimentos feitos para e com os imigrantes, por meio da História pública, do olhar decolonial, da problematização histórica e do lugar de escuta, deram corpo a este texto e possibilitam o registro dessas histórias. A imigração senegalesa na cidade de Caxias do Sul promoveu diversos questionamentos e tensionamentos, tanto pela sociedade local, quanto pela acadêmica: qual a história que essa cidade conta? Quem são aqueles que vêm de longe em busca de trabalho e condições de vida melhores?

A imigração senegalesa para Caxias do Sul marca o novo contexto global dos deslocamentos Sul-Sul. São sujeitos de países com economias e política historicamente desestabilizadas, que cruzam fronteiras não mais para o Norte em busca de melhor qualidade de vida. Percebe-se que Caxias do Sul movimenta-se para pensar sua história para além da imigração italiana, porém, há um longo caminho a ser percorrido. Nas entrevistas, é perceptível o desconhecimento da cultura senegalesa e do Islã, o racismo cotidiano e o olhar de estranhamento com o estrangeiro. Um olhar que, pelos traços e fisionomia, gera um comportamento constituído há séculos em relação àquele considerado como “o outro”.

As famílias senegalesas em Caxias do Sul são compostas pelo núcleo familiar de marido, esposa e filhos. Não apresentam tamanha extensão como as famílias de origem, muito relacionada à poligamia, à cultura e ao contexto histórico. As mulheres e homens, pais e mães do século XXI, têm seus papéis se alterando e se transformando. Nesta pesquisa, não foi aprofundada a questão da poligamia, pois não foi algo observado como prática atual entre os imigrantes. Além disso, muito exotismo recai sobre a questão religiosa e cultural, necessitando de uma contextualização específica. No Islã, a família é um valor sagrado, e observou-se que a mulher senegalesa tem seu lugar reconhecido e valorizado sendo mãe.

A reunificação familiar, para as senegalesas, é a forma legal de estarem junto aos seus maridos imigrantes e, posteriormente, poderem trazer seus filhos. Assim como observado na pesquisa em 2019, as mulheres permanecem mais restritas a espaços privados, sendo mais difícil o contato com elas, além da língua ser um grande dificultador. Na pesquisa, também é perceptível que o processo de reunificação familiar deste grupo evidencia a violação de direitos internacionais que protegem as crianças e as famílias, seja pela demora em acessar os serviços legais,

como a demora da imigração dos filhos. Sob esse viés, as crianças imigrantes são agentes sociais, no entanto, dificilmente ouvidos, ainda invisibilizados.

Trabalhar junto a pessoas da comunidade que se pesquisa requer tempo, recuos, mudanças e reflexões sobre a importância do próprio fazer. A trajetória e os projetos de História Pública e Oral foram conduzindo o trabalho desenvolvido, por meio desse espaço de diálogo que a metodologia possibilita. Há muitas coisas que passam despercebidas ao pesquisador, mas que, atuando junto, percebemos a necessidade de continuar tocando em temas sensíveis e parar de fugir da exotização na dissertação.

No caso de pesquisas relacionadas a senegaleses, tanto os homens quanto as mulheres senegalesas, muitas vezes, estão cansados de dar entrevistas e de não terem retorno e valorização de suas narrativas. E no seu dia a dia, continuam a passar pelas mesmas situações difíceis em relação ao acolhimento e à recepção pela sociedade “local”. São pessoas com saudades de casa, da sua família, do que viviam em seu país de origem. Saudades daquilo que lhes é familiar.

Dito tudo isso, neste respiro final, permito utilizar o uso da primeira pessoa, porque além de acadêmico e científico, este trabalho é feito a muitas mãos e histórias que construíram essas narrativas em trânsito. Encerro este texto com o coração apertado, porque há muito enquanto sociedade para fazermos, principalmente em se tratando de grupos historicamente marginalizados. Ainda, finalizo como a filha de migrantes que sou e com a partida dos pais para sua terra de origem, afinal, isso é a migração, é o movimento, é a chegada e a partida. É verbo transitivo direto, ação ou efeito de mover-se, deslocar, agitar-se, animar-se, revoltar-se e mudar de um lugar *para* e *pelo* outro.



## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. *In: Seminário de História Oral*, 2., 1996, Belo Horizonte. Anais. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1996. p. 1 - 13. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 fev. 2020.

AS SENEGALESAS: A trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha. Realização de Franciele de Almeida de Oliveira. Coordenação de Cristine Fortes Lia. Música: Sunu - Diansa. Caxias do Sul: -, 2019. (13 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KI3KHn2dVYc>. Acesso em: 23 maio 2021.

BAENINGER, Rosana. Contribuições da Academia para o Pacto Global da Imigração: o olhar sul. *In: BAENINGER, Rosana, BÓGUS; Lúcia Machado; MOREIRA, Julia Bertino; VEDOVATO, Luís Renato; FERNANDES, Duval; DE SOUZA, Marta Rovey; BALTAR, Cláudia Siqueira; PERES, Roberta Guimarães; WALDMAN, Tatiana Chang; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (org.). Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018. p. 1-978. Disponível em: <https://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2018/04/livro-migracoes-sul-sul.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 02 ago. 2022.

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm). Acesso em: 02 ago. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978. 34 p. Prefácio de Mário de Andrade.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **O perigo de uma única história**. Produção de Technology, Entertainment And Design (ted). Realização de Chimamanda Ngozi Adichie. 2009. (1115 min.), son., color. Legendado. Tradução de Erika Rodrigues.

COLETIVO ALDEIA (Caxias do Sul) (org.). **As novas imigrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local**. 2020a. Mediada por Franciele Oliveira e

Francisco dos Santos. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=2Vjz5gzZesg&t=2788s>. Acesso em: 23 mai. 2021.

COLETIVO ALDEIA (Caxias do Sul) (org.). **Além do Véu: moda, islã e mulheres.** Moda, islã e mulheres. 2020b. Mediada por Franciele Oliveira e Francisco dos Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6MaPs1ZEPKk&t=1376s>. Acesso em: 04 nov. 2020.

COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 15-24, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016000100002>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100015&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100015&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 23 maio 2021.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p.63-73, jun. 2006. Quadrimestral.

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón (ed.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p. Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. Experiências Migratórias: uma migração sem mulheres. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 11., 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: Ufsc, 2017. p. 1-14.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna (Org.). **Migrações internacionais**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.

HERMANN, Nadja. Ética, Estética e Alteridade. In: Amarildo Luiz Trevisan; Elisete M. Tomazetti. (Org.). **Cultura e Alteridade: confluências**. 1 ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

KOBELINSKI, Michel. Lugares de memória pública e retóricas da identidade teuto-brasileira no Estado do Paraná (Séc. XX). **Revista Maracanan**, [S.L.], n. 24, p. 63-89, 31 maio 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/revmar.2020.47786>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/47786>. Acesso em: 23 maio 2021.

LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. Imigrantes senegaleses: A presença muçulmana na Serra Gaúcha. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 155, p.185-209, dez. 2018. Semestral.

LOPES, Gustavo Esteves. Presença da história pública em comunidades locais: políticas culturais e exercício de cidadania no contexto de repertórios de ação coletiva - a experiência recente do centro de memória de hortolândia - prof. Leovigildo Duarte Júnior. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 39, 16 dez. 2013. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/resgate.v21i25/26.8645752>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645752>. Acesso em: 23 maio 2021.

LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da. O laboratório da história pública digital: aprender entre experimento e negociação. *In*: HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida (ed.). **História pública e ensino de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2021. p. 31-49.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Org.). **História oral e migrações: método, memória, experiências**. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens?: um estudo de história visual. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Curitiba, n. 61, p. 105-132, jul. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/39008/23769>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 11-20, 14 set. 2013. Revista Brasileira da História da Mídia. <http://dx.doi.org/10.26664/issn.2238-5126.2220134056>. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4056>. Acesso em: 23 maio 2021.

MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico. **História da Educação**, [S.L.], v. 19, n. 47, p. 81-108, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/47244>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-34592015000300081&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592015000300081&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 23 maio 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020. 192 p.

MOCELLIN, Maria Clara; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Dinâmicas migratórias, trabalho e diferenciação social: o caso das migrações em Caxias do Sul. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 144-165, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/35670/19280>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MOVI, saberes e fazeres migrantes (Caxias do Sul) (org.). **África, imigração e diáspora com Demba Sokhna**. Caxias do Sul, 2020. 1 vídeo (106). Mediada por Franciele Oliveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8B8IGSeVaw4>. Acesso em: 23 mai. 2021.

OLIVEIRA, Franciele de Almeida de. **As senegalesas**: a trajetória de mulheres africanas na Serra Gaúcha. 2019. 60 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Área do Conhecimento de Humanidades, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8721>. Acesso em: 14 jun. 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Conceituando o gênero: Os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: ARNFRED, Signe; BAKARE-YUSUF, Bibi; KISIANG'ANI, Edward Waswa (ed.). **African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms**. Tradução de Juliana Araújo Lopes. Dakar: African Books Collective, 2004. p. 1-8. (CODESRIA Gender Series).

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkè. **Jornada pela academia**. 2016. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/221361499/Oyewumi-The-Journey-Through-Academ> e. Acesso em: 16 ago. 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Laços familiares/ligações conceituais: Notas africanas sobre epistemologias feministas. In: HOWARD, Judith; ALLEN, Carolyn (ed.). **Feminisms at a Millennium**. Tradução de Aline Matos da Rocha. 25. ed. Chicago: University Of Chicago Press, 2000. Cap. 4. p. 1093-1098.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. **La invención de las mujeres**: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: En La Frontera, 2017. p. 315.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkè. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento. New York: Routledge, 2002. p. 391-415.

PEREIRA, Nilton Mullet. O que se faz em uma aula de História? Pensar sobre a colonialidade do tempo. **Revista Pedagógica**, [S.L.], v. 20, n. 45, p. 16, 31 dez. 2018. *Revista Pedagógica*. <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v20i45.4512>.

PROENÇA, Wander de Lara. O Método da Observação Participante: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista Aulas**, Campinas, n. 4, p. 1-24, jul. 2007.

ROVAI, Marta Gouvai de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (org.). **História Pública em debate**: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 185-196.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (org.). **Depois da utopia: a história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013. 258 p.

SARDAR, Ziauddin. **Em que acreditam os muçulmanos?** Tradução de Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010. 222 p.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: e uma antropologia por demanda. Tradução de Danú Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 112 p.

TEDESCO, João Carlos; MELLO, Pedro Alcides Trindade de. **Senegaleses no centro-norte do Rio Grande do Sul**: Imigração laboral e dinâmica social. Porto Alegre: Letra&vida, 2015. 295 p.

#### ENTREVISTAS

**Demba Sokhna**, Caxias do Sul-RS (online), 16 de agosto de 2020.

**Fatou Diallo**, Caxias do Sul-RS, 09 de setembro de 2019.

**Fatou Sokhna**, Caxias do Sul-RS, 27 de agosto de 2019.

**Mariama Babji**, Caxias do Sul-RS, 01 de outubro de 2019.

**Mamadou Abdoul Vakhabe Sène**, Caxias do Sul (online), 18 de agosto de 2020.

**ANEXO A – TABELA 05: EDITAL SEDAC Nº 13/2021****2. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO**

<b>2.1 Título do projeto cultural</b>	Ver o outro: As famílias senegalesas muçulmanas na Serra Gaúcha
<b>2.2 Município(s) e locais de realização das atividades do projeto</b>	Caxias do Sul - Local: Praça Dante Alighieri e Praça do Trem

**3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO**

O projeto “Ver o outro: As famílias senegalesas muçulmanas na Serra Gaúcha”, é resultado de uma pesquisa que vem sendo realizada desde 2018 junto à comunidade senegalesa de Caxias do Sul. A pesquisa iniciou a partir da demanda de alguns membros da comunidade de estarem inseridos nas produções feitas sobre a comunidade, de serem ouvidos. Trabalhando inicialmente com a relação entre trabalho e religiosidade, o projeto ganhou novos significados quando passou a ouvir as mulheres até então, raramente presente nos estudos e outros espaços. Com estes novos sujeitos sociais que a família apareceu para além do trabalho, apareceram as crianças, as saudades e outras dimensões afetivas e sensíveis da imigração. Ao longo do caminho foi incorporado ao projeto a perspectiva decolonial, visto que são sujeitos negros, muçulmanos, africanos e sul-periféricos, e todas essas categorias vão impactar diretamente no movimento migratório, no seu acolhimento na cidade, nos empregos e como serão vistos. E é na visão que estes lugares vão ser determinados, para a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí, ver é um convite para diferenciar e no Ocidente este vai ser o sentido privilegiado, utilizado durante muitos séculos para justificar atrocidades contra os povos vistos como racializados. Mas através do ver, há também o contato com a pluralidade das diversas formas de ser cotidianas. Por meio da experiência estética, é possível compreender e ver no outro a si mesmo. Com base nessa discussão, o projeto busca realizar uma exposição fotográfica com famílias senegalesas convidadas. A proposta terá curadoria compartilhada com as senegalesas que participaram da pesquisa e será realizada dentro do projeto Movi, saberes e fazeres migrantes. As fotos serão feitas em estúdio. Serão trabalhadas na edição e expografia, o movimento da imigração, visto que primeiro vem os homens, depois as mulheres e as crianças. Conforme chega a família, as fotos ganharão suas cores. Irão também compor o projeto algumas frases das entrevistas e um catálogo virtual. As frases serão coladas em lambe lambe pela área central da cidade por uma artista de rua. A exposição irá circular por dois espaços públicos de maior movimento em Caxias do Sul, a Praça Dante Alighieri e a Praça do Trem. O objetivo é trazer para os espaços públicos da cidade uma narrativa sensibilizadora das imigrações contemporâneas e de sujeitos que por serem negros, africanos e muçulmanos tem seus lugares na cidade segregados pelo racismo, xenofobia e islamofobia. A escolha do espaço público visa a democratização de acesso da exposição para públicos que nem sempre frequentam galerias de arte e principalmente os imigrantes, que terão sua história representada

de forma positiva e valorizada nos locais centrais da cidade. Todo projeto terá acesso gratuito e disponibilizado nas redes sociais do Movi, saberes e fazeres migrantes.

#### 4. METAS

4.1 DIRETRIZES		
3.1.1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA		3.1.5 EDUCATIVO
3.1.2 PRODUÇÃO DE EXPOSIÇÕES		3.1.6 FORMAÇÃO
3.1.3 CIRCULAÇÃO ARTÍSTICA		3.1.7 RESIDÊNCIA
3.1.4 PESQUISA, DIFUSÃO E FORMAÇÃO DE ACERVO		3.1.8 EDITORAÇÃO
DIRETRIZ	META	QTDE.
3.1.1	Produção em artes visuais compreendendo todas as mídias, suportes, técnicas e linguagens: fotografia e intervenções urbanas.	2
3.1.2	Planejamento e execução de projetos de exposições de artes visuais que levem em conta os espaços expositivos e mobilizam equipes de produção (pré-produção, produção e pós-produção), curadoria, expografia ou museografia, assessoria de imprensa, mediação, iluminação, montagem e manutenção.	1
3.1.8	Planejamento, organização, elaboração e execução de publicações (físicas ou virtuais): catálogo virtual	1
<p><i>Apresente as metas do projeto, relacionando-as com as diretrizes do item 3. do Edital:</i>            -na coluna "diretriz" informe o número da diretriz a ser relacionada;            -na coluna "meta" informe a meta (quantificável) a ser desenvolvida;            -na coluna "quantidade", apresente as quantidades;            Para mais metas, adicionar mais linhas ao quadro.            Lembre-se que você será avaliado pelo enquadramento do seu projeto às regras previstas no item 3.</p>		

#### 5. JUSTIFICATIVA E RESULTADOS ESPERADOS

##### 5.1 JUSTIFICATIVA:

Viver demanda movimento. Mover, verbo transitivo direto, é o que dá sentido a esta História. A Serra Gaúcha foi historicamente constituída como município por imigrantes europeus no final do século XIX, sendo antes habitada por indígenas proto-jê e tropeiros. Conhecida como cidade de imigrantes italianos, Caxias do Sul buscou constituir-se como um recanto europeu (COSTA; LIA, 2018), preservando em seus espaços de memória a imigração italiana como o ideal imigrante. A imigração senegalesa iniciada a partir de 2011, contrariando as expectativas do ideal imigrante europeu (COSTA; LIA, 2018), suscitou uma série de debates acadêmicos e não-acadêmicos cercados por esta idealização, mas também sobre a fé, o trabalho, os preconceitos e o racismo presentes na cidade. O grupo aqui pensado, além de serem africanos e negros, também são muçulmanos, multiplicando o peso das discriminações e estereótipos sobre o grupo. O movimento migratório feito por esta comunidade diz respeito à sua família e é sobre esta trajetória que iremos tratar aqui. Geralmente os olhadores sobre a imigração são para os homens e o trabalho, mas nesse processo estão envolvidas mulheres, crianças, famílias, saudades, desafios e afetos.

Atualmente em Caxias do Sul, há um debate público sobre a ocupação dos senegaleses como vendedores ambulantes no centro da cidade e sua realocação em local apropriado. A

exposição em espaços públicos visa abordar por meio da fotografia a dimensão da família buscando sensibilizar e possibilitar o contato das outras dimensões da imigração, além do trabalho. A experiência estética possibilita o contato com a pluralidade das diversas formas de ser cotidianas, uma forma de ver no outro a si mesmo. Para a socióloga nigeriana, a visão é o sentido predominante no Ocidente e utilizado para classificar os indivíduos e sua humanidade, determinando os espaços que podem ocupar ou não. Ver é um convite para diferenciar, mas também pode ser desconstruir, refletir e promover políticas públicas que auxiliem as comunidades migrantes, em especial as mulheres e crianças. A imagem educa pelo olhar (MAUAD, 2015) e a exposição busca um olhar mais humanizado, contribuindo para uma sociedade mais justa, equitativa, anti-racista e democrática.

As migrações Sul-Sul nos colocam em contato com outro tipo de migrante, aquele que não é idealizado a partir da matriz branca, europeia e cristã. Este movimento possibilita que revisemos as nossas formas de ver o mundo, conseqüentemente, precisamos construir e trazer para o debate conceitos que deem conta das diversas realidades, valorizando saberes não somente euroamericanos. Grupos historicamente marginalizados, pelo etnicismo, racismo e pelo patriarcado, ganharam voz e não vão mais se calar. Para a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2013), “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.

## **5.2 RESULTADOS ESPERADOS:**

- Tornar um recurso para a Educação anti-racista;
- Criar um espaço de trocas entre diferentes histórias de vida e saberes que promovam reflexão, sororidade e respeito à diversidade;
- Proporcionar o contato com a cultura imigrante senegalesa, registrando a trajetória e a cultura das famílias senegalesas em Caxias do Sul através da fotografia;
- Despertar a habilidade crítico-reflexivo, através das experiências visuais.
- Valorizar artes visuais e suas linguagens;
- Promover a aproximação da sociedade à arte como sendo uma fonte de cultura e agente transmissor de conhecimento;
- Compreender a fotografia e as artes visuais como fundamento da memória cultural, importante na formação do cidadão, agente integrante e participativo nesses processos;
- Colaborar com o desenvolvimento de uma cultura de paz, que respeite a diversidade cultural, religiosa e étnica dos diferentes povos;
- Desconstruir estereótipos sobre os povos africanos e muçulmanos;
- Resignificar a ideia de imigração da região e desconstruir os estereótipos sobre a comunidade muçulmana;
- Compreender o contexto das imigrações do século XXI, perceber as diferentes formas de viver e de se comportar de diferentes grupos sociais;
- Promover o conhecimento e o reconhecimento da produção cultural local;
- Estimular o contato cultural entre diferentes comunidades;
- Fomentar o debate e a formulação de políticas públicas de acolhimento para as comunidades imigrantes, principalmente para mulheres e crianças;
- Realizar em parceria com o Laboratório de Ativações Urbanas, Vivacidade, dois encontros para debate público de forma online, sobre a ocupação do espaço público pelos imigrantes do século XXI e a valorização do Patrimônio negro e africano na cidade. Os debates não preveem custo financeiro para o projeto;
- Disponibilizar o material de exposição para espaços de memória interessados, fazendo a circular em outros locais também;



Apresente os resultados esperados (sociais, econômicos, simbólicos, locais, regionais, etc.) com a realização das metas do projeto apresentado. Apresente o legado e a perspectiva de continuidade das ações do projeto. Os resultados esperados devem ter, no máximo, 01 página.

## 6. ADAPTAÇÃO DAS METAS - COVID-19

Caso seja necessário adaptação das atividades, a exposição será disponibilizada também no formato online.

Apresente aqui a(s) forma(s) de adaptação das metas e atividades do projeto, no caso de necessidade de aplicação dos protocolos para evitar o contágio do Covid-19.

Caso seja necessária a adaptação das atividades durante a execução do projeto cultural, deverão ser respeitadas as formas previstas neste quadro, sendo o considerado na prestação de contas do projeto.

## 8. METODOLOGIA

### 8.1 METODOLOGIA

#### Pré-produção

Mês 1	Alinhamento do projeto e cronograma com todos os profissionais envolvidos.
Mês 1	Criação das artes e texto de divulgação sobre a aprovação do projeto.
Mês 1	Alinhamento das datas e autorização da ocupação da Praça Dante Alighieri e Praça da Feiras na Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA).
Mês 1	Curadoria das fotos e legendas para a exposição e catálogo.

#### Produção

Mês 2	Expografia
Mês 2	Elaboração do material para o catálogo.
Mês 3	Impressão e construção dos suportes para a exposição.
Mês 3	Diagramação do catálogo.
Mês 3	Divulgação nas redes sociais.

Mês 3	Envio do catálogo para bibliotecas e entidades públicas.
Mês 4	Inauguração na Praça Dante Alighieri
Mês 4	Debate público
Mês 4	Divulgação nas redes sociais e mídia local.
Mês 5	Realização da exposição na Praça do Trem
Mês 5	Debate público
Mês 5	Divulgação nas redes sociais e mídia local.
<b>Pós-produção</b>	
Mês 8	Pagamento dos prestadores de serviço
Mês 8	Envio de certificado para os participantes
Mês 9	Clipagem do material do projeto
Mês 9	Elaboração e apresentação da prestação de contas

## 9. FICHA TÉCNICA

PROFISSIONAL	FUNÇÃO
Franciele de Almeida de Oliveira	Produção cultural, curadoria e fotografia
Demba Sokhna	Produção cultural e curadoria
Fatou Sokhna	Curadoria
Geovana Erlo	Expografia
Ousmane Mathurin Ndiaye	Ilustrador
Paula Valduga	Comunicação e social mídia
Gustavo Raasch	Designer
Francisco Santos	Diretor de arte
Gustavo de Carli	Assessoria técnica

Fernanda Rieta	Artista de rua
<i>Informe a relação dos principais profissionais responsáveis pelos aspectos gerenciais, técnicos e artísticos do projeto cultural.</i>	

## 10. CURRÍCULOS

<b>10.1 PROPONENTE</b>	
Nome:	Franciele de Almeida de Oliveira
Breve currículo/histórico de atuação:	
<p>Graduada e Mestranda do programa de Mestrado Profissional em História da Universidade de Caxias do Sul. É educadora na Rede La Salle e produtora cultural do projeto Movi, saberes e fazeres migrantes. Atua na produção de conteúdo do projeto Amazônia Chama do Instituto de Leitura Quindim. Pesquisadora pelo Instituto Religare, olhando para as questões religiosas, o islã senegalês em Caxias do Sul, trajetórias, mulheres e família a partir da decolonialidade. Editora de seção da Revista Métis e representante discente do PPGHIS UCS. Em 2018 foi destaque na mostra dos Jovens Pesquisadores. Em seu projeto de TCC produziu o audiovisual intitulado "As senegalesas: a trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha", disponível no YouTube e premiado no Edital 226/2020 de Caxias do Sul (Lei Aldir Blanc). O projeto de pesquisa foi vencedor do 2º Prêmio AMAR (Associação Internacional de Estudos de Afetos e Religiões) na categoria monografia, contemplado com o 1º lugar. Em 2019 também realizou a pesquisa e curadoria da exposição "SENALBA CAX: 25 anos de história", realizada em Setembro de 2019 no Espaço Cultural Mário Crosa, na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. No ano de 2020 foi uma das idealizadoras e organizadoras da Semana de Debates sobre o Dia Internacional das Mulheres, "Entre a Espada e a Rosa", com a participação de mais de 250 pessoas nos 5 dias de atividades. A atividade contou com a presença de uma das escritoras mais premiadas no Brasil, Marina Colasanti. Durante a pandemia, em parceria com o Coletivo Aldeia e com o designer Francisco dos Santos, lançou o Projeto Papo Coletivo com quatro edições realizadas. Em 2021, participou da terceira edição do "África Fashion e Diversidade", como designer, fotógrafa e roteirista. Produziu a capa para o livro "Tartaruga de Pedra", publicado pelo Financiarte em Caxias do Sul.</p>	
Link:	<a href="http://lattes.cnpq.br/7395005482890013">http://lattes.cnpq.br/7395005482890013</a>

<b>10.2 EQUIPE</b>	
Nome Completo:	Paula Valduga
Breve currículo:	
<p>Jornalista, especialista em Jornalismo Digital e autora de dois livros (atualmente está escrevendo o terceiro). Em todos os conteúdos que produz, seja na plataforma que for, procura usar uma linguagem humanizada e emotiva, pois acredita que pessoas se inspiram em pessoas e é preciso tocá-las com uma mensagem autêntica e genuína. Após 18 anos atuando em</p>	

veículos jornalísticos, hoje trabalha com assessoria de imprensa, gestão de mídias sociais, produção de conteúdo para blogs, revistas, sites e, é claro, livros.	
Link:	<a href="https://www.farolcomunica.com.br">https://www.farolcomunica.com.br</a>

Nome Completo:	Demba Sokhna
Breve currículo:	
<p>Palestrante, Produtor cinematógrafo, Artista e professor de línguas. Educação: Formado em ciências humanas. Presidente fundador do movimento negro migrante e Menção honrosa na conferência de década internacional afrodescendentes. Troféu no congresso Internacional de educação é igualdade racial da assembleia legislativa. Organizador das três edições do África Fashion e Diversidade. Roteirista e Ator no documentário “Demba África” (disponível no youtube no canal do NAV – Ponto de Cultura Audiovisual de Caxias do Sul). Produtor da série documental “O Olhar Impercebido - Crônicas da Imigração” Membro fundador do grupo musical Sabar África.</p>	
Link:	

Nome Completo:	Francisco Santos
Breve currículo:	
<p>Mestrando em História na Universidade de Caxias do Sul (UCS); Pós-Graduação em Design Estratégico - Inovação e Design do Sistema-Produto pela Unisinos / POLI.Design Consorzio del Politecnico di Milano - Caxias do Sul / RS (2012); Graduado em Design de Interiores pela Faculdade Integrada do Ceará - FIC / Estácio de Sá - Fortaleza / CE (2005). Professor e conteudista (EaD) dos Projetos Institucionais de Cultura e Diversidade e Empreendedorismo e Inovação; Marketing Digital, Pesquisa de Marketing, Design Thinking para Educadores e Design Thinking e Prototipagem, nas modalidades presencial e EaD, Uniftec Caxias do Sul / RS. Instrutor IBM Skills Academy - Inteligência Artificial (Watson) com foco em Enterprise Design Thinking. Professor e coordenador dos Cursos Superiores de Tecnologia em Design Gráfico, Design de Produto, Design de Moda, Produção Multimídia e Bacharelado em Design, Uniftec Caxias do Sul / RS (2015-2018). Coordenador do selo de ensino livre Escola Criativa Uniftec (2016-2018). Designer da linha de tipóias Mercur, Santa Cruz do Sul / RS (2018). Proprietário do estúdio de design Oramais, Flores da Cunha / RS (2011). Criador do projeto Coletivo Aldeia - união de criadores e produtores de moda, design e arte na Serra Gaúcha, Caxias do Sul (2014). Criador e designer do projeto de design têxtil Oramais Brasil (2012). Tem experiência em design com ênfase nas áreas de mobiliário, gráfico e têxtil.</p>	
Link:	

Nome Completo:	Fatou Sokhna
Breve currículo:	
<p>Trancista em Caxias do Sul desde 2018. Trabalhou na produção das modelos das três edições do Festival África Fashion e Diversidade. Participou do elenco do curta-metragem, Demba África, vencedor da 8ª edição do CineSerra - Festival do Audiovisual da Serra Gaúcha como melhor documentário. Também participou do audiovisual e pesquisa intitulados “As senegalesas: A trajetória de mulheres africanas muçulmanas na Serra Gaúcha”, premiados no Edital 226/2020 de Caxias do Sul (Lei Aldir Blanc) e do 2º Prêmio AMAR (Associação Internacional de Estudos de Afetos e Religiões) na categoria monografia, contemplado com o 1º lugar. Atuou como padeira confeitadeira por 5 anos em Caxias do Sul e como secretária administradora no Senegal no ramo alimentício.</p>	
Link:	

Nome Completo:	Ousmane Mathurin Ndiaye
Breve currículo:	
<p>Estudou artes plásticas na École Nationale des Beaux-Arts de Dakar. Logo que aportou em terras brasileiras, Mathurin, percebia que havia muito desconhecimento em torno de seu lugar de origem, e, foi com seu know-how de artista, que ele apostou na arte como um fio condutor para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que muitos brasileiros tinham em relação à população africana. Era preciso fazer emergir a cultura. A partir das relações que fora estabelecendo com pessoas de distintos segmentos sociais, especialmente, as do meio artístico, Mathurin, foi projetando-se como um artista da diáspora, um “artista sem fronteiras”. Com poética própria, potencializando linhas e cores, o trabalho de Mathurin busca, a partir do traço da corporalidade feminina, retratar a centralidade e importância das mulheres africanas em suas sociedades. Seja nas savanas, em comunidades rurais ou nas grandes cidades, todas as figuras delineadas pelo artista representam uma porta de entrada às suas memórias de infância no Senegal e a sua experiência migratória para o Brasil.</p>	
Link:	Math Art   Facebook

Nome Completo:	Gustavo Raasch da Silva
Breve currículo:	
<p>Músico, compositor e guitarrista com experiência em bandas autorais desde 2016, participou da gravação de dois EPs e 10 videoclipes onde também teve participação na produção e edição visual dos mesmos. Organizou duas edições do evento The Crow Fest em 2018 e 2019, sendo responsável por toda a organização do evento, contratação das bandas, divulgação e aparelhagem de som. Em 2021 criou a marca Lenhasseca Pedals, que fabrica pedais de efeito para guitarra e contrabaixo, é responsável tanto pela produção dos produtos</p>	

quanto pela administração e divulgação. Tem experiência com edição de vídeo e gravações de áudio em home studio. É estudante de Design no Centro Universitário da Serra Gaúcha e formado como Técnico em Mecatrônica pelo SENAI-RS (2015), pelo qual foi campeão da Olimpíada de Robôs da Mercopar competindo com outras escolas técnicas. Possui conhecimento em diversas áreas como informática, elétrica, eletrônica, música e artes em geral.

Link:

Nome

Completo:

Gustavo de Carli

Breve Currículo:

Arquiteto Urbanista, formado pela Universidade de Caxias do Sul em 2006, com atuação em diferentes escalas e campos de atuação. Autor da monografia "A Comunicação Visual em Tecidos Urbanos Históricos - O caso da Praça Dante Alighieri em Caxias do Sul/RS", realizado em 2005, resultado de estágio curricular junto a SEPLAM Caxias do Sul, e que serviu de base para o desenvolvimento da Lei da Comunicação Visual na cidade de Caxias do Sul/RS, aprovada anos mais tarde. Sócio-proprietário da empresa GGCO Arquitetura LTDA, desde 2008, com atuação voltada ao Gerenciamento de Projetos e Obras, e atuação em diversos empreendimentos, como shoppings centers, hospitais, condomínios, edifícios comerciais e residenciais, entre outros. Atua, também, em escritório próprio, o GUSTAVODECARLI.AUD, desenvolvendo projetos de arquitetura, urbanísticos e na área de design de mobiliário e produto. Nos últimos anos, destaca-se o Plano de Diretrizes Urbanísticas para o Parque Mário Bernardino Ramos (Parque da Festa da Uva), em Caxias do Sul/RS, trabalho realizado em 2019. Conselheiro suplente do COMPAHC - Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural em 2009 e 2010 e Presidente do Conselho entre 2010 e 2012, representando o Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/RS, com relevantes serviços prestados a comunidade, entre eles os processos de tombamento do Campus 8 - UCS e o início do processo de tombamento da Maesa, além de outros processos de preservação e tombamento. Atuação na produção e coordenação de projetos de âmbito cultural, como a Festa da Uva 2019 e Festival Caxiense de Museus em 2021, este último em projeto aprovado pelo Edital Criação e Formação - Diversidade das Culturas, da Fundação Marcopolo e SEDAC 12/2020. Expositor selecionado para a Semana de Fotografia de Caxias do Sul em 2021, com a exposição intitulada "(AR)quitetura". Expositor selecionado para o Prêmio Novos Talentos Brasileiros do Design, em 2021, com a luminária "Substrato".

Link:

Nome

Completo:

Geovana Erlo

Breve currículo:

Geovana Erlo é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMUSPA/UFRGS), seguindo a linha de pesquisa Museus, Museologia e Coleções, e pesquisadora no projeto "O Campo dos Museus Brasileiro: uma história dos museus a partir da atuação de seus agentes". Atua profissionalmente como mediadora cultural do Instituto Hércules Galló e como educadora para

o Patrimônio do Museu de Território de Galópolis, além de ser voluntária no projeto de extensão Podcast Farol: Conexões da Informação do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É licenciada em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde também atuou como pesquisadora no grupo de pesquisa Memória, Justiça e Poder do Centro de Memória Regional do Judiciário (CMRJU-UCS) e no projeto PatrimoniumHis: Lugares de memória, Educação Patrimonial e ensino de história nas escolas de educação básica de Caxias do Sul.

Link: <http://lattes.cnpq.br/7499007465789111>

Nome Completo: Fernanda Rieta

Breve currículo:

Mulher, Artista de rua, Arte educadora e Mãe em ordem cronológica, trabalho desde a arte com spray até a customização e estilização de roupas. Meu trabalho consiste e tem como pilar a resistência de mulheres dentro da arte urbana e também a maternidade. Meu contato inicial com a arte urbana foi através das letras, por isso mesmo desenvolvendo personagens hoje em dia eu utilizo muitas frases Utilizo algumas frases com frequência como “Mulheres resistem” “Mulheres exaustas” “Respeita as minas” e “Respeita as mamacitas” junto às personagens

Link:

## 11. VÍDEO

Link: <https://youtu.be/h3WHVpRbARw>

Apresentação PDF: <https://drive.google.com/file/d/1nuOR4AFayqgK8qYHej5wqZ6-J1iqysS2/view?usp=sharing>

**ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DE OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS**  
(Secretaria de Municipal do Meio Ambiente)

parecer do processo nº: 2022/26107

**Apontamento:** Deferimento

**Data Início Parecer:** 11/07/2022 15:24:03

**Usuário Inclusão:** Flavia Frozza Bossardi

**Data Alteração:**

**Usuário Alteração:**

**Data Fim Parecer:** 11/07/2022 15:24:03

**Motivação Técnica:**

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente autoriza a **FRANCIELE DE ALMEIDA DE OLIVEIRA** CPF 042.542.665-15, a utilizar o espaço público abaixo relacionado para a realização do evento **"Ver ao outro: Famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul"**:

DATA	HORA	LOCAL	PROGRAMAÇÃO
23/10/2022 à 12/11/2022	07:00 às 19:00	Praça Dante Alighieri	Exposição fotográfica sobre a trajetória das famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul.
12/11/2022 à 06/12/2022	07:00 às 19:00	Praça do Trem	Exposição fotográfica sobre a trajetória das famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul.

Informamos que nossa Secretaria não fornece estruturas tais como palco, gazebos, tendas, etc. Ainda, que é expressamente PROIBIDO colocar veículos no interior das praças e parques, em especial sobre as calçadas, gramados ou jardins.

Quanto aos pontos de água e luz, somente disponibilizamos os que previamente existirem no local solicitado, mediante contato prévio com a Gerência de Manutenção, por meio dos telefones (54) 99134-6210, com Sr. Francis, ou (54) 99204-9975 com Sr. João. Caso a capacidade instalada no local não atenda o necessário à realização do evento, deverá ser solicitada ligação provisória de energia junto à concessionária responsável, informações podem ser obtidas por meio do telefone 0800-9700900 (RGE/Grupo CPFL).

O espaço utilizado deverá ser entregue conforme foi encontrado (recolhimento de lixo e resíduos decorrentes do evento) e os níveis permitidos de ruídos deverão ser respeitados conforme legislação vigente (Lei nº 376/2010); bem como, devem ser observadas as limitações preconizadas na Lei 412/2012, que dispõe sobre os veículos de divulgação no Município.

Não é permitida a fixação de qualquer objeto em árvores, conforme legislação vigente, bem como, estruturas não poderão ser montadas sobre grama ou jardins do espaço público.

É de responsabilidade do requerente o reparo aos danos ocasionados ao patrimônio público, principalmente daqueles oriundos de montagem e/ou desmontagem de equipamentos; sendo que, se tais consertos forem feitos pelo poder público, serão cobrados do requerente.



**ANEXO C – INFORMAÇÕES DO PROJETO CULTURAL**  
(Fundo de Apoio à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul)



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DE CULTURA,  
TURISMO, ESPORTE E LAZER  
PRO-CULTURA RS

Envio de documentos

Consulta Projeto FAC

**Informações do Projeto Cultural**

Nome: **Franciele de Almeida de Oliveira**

CEPC: **9818**

Município: **CAXIAS DO SUL**

Região Funcional: **RF3**

Email: **fooliveira@ucs.br**



**Pró-cultura RS**

Lei de incentivo • Fundo de apoio

Situação do cadastro: **Atualizado em 31/05/2022** [Ajuda]

Condição do cadastro: **Regular em 07/10/2021**

Modalidade: **Pessoa Jurídica**

Título do Projeto: **Ver o outro: As famílias senegalesas muçulmanas na Serra Gaúcha**

Nro Processo: **22/1100-0001138-3**

Período de realização: **de 07/07/2022 a 07/07/2023**

Edital: **Edital SEDAC nº 13/2021**

Modalidade: **Pessoa Jurídica**

Finalidade: **Região Funcional 3 (RF 3)**

Segmento Cultural: **ARTES VISUAIS**

SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO,  
ESPORTE E LAZER

Município: **CAXIAS DO SUL**Valor Escolhido: **R\$ 165.157,98**Valor solicitado ao FAC: **R\$ 29.800,00**Formulário Padrão - Anexo I: **fac\_visual\_docx\_compressed.pdf**Outros Arquivos 1: **catalogo\_compressed.pdf**Outros Arquivos 2: **portfolio\_fran\_compressed.pdf**Outros Arquivos 3: **curriculo\_ousmane\_mathurin\_ndiaye\_docx\_compressed.pdf**Outros Arquivos 4: **portfolio\_ousmane\_compressed.pdf**Outros Arquivos 5: **portfolio\_rieta\_compressed.pdf**Outros Arquivos 6: **autorizacao\_de\_ocupacao\_de\_espaco\_publico\_compressed.pdf**Outros Arquivos 7: **as\_senegalesas\_compressed.pdf**

<b>Data</b>	<b>Situação</b>	<b>Parecer</b>
13/12/2021	Projeto inscrito	
25/01/2022	Habilitado	• Veja o parecer
21/03/2022	Em avaliação	
04/05/2022	Classificado	• Veja o parecer
11/05/2022	Classificado	• Veja o parecer
25/05/2022	Contemplado	• Veja o parecer
17/06/2022	Parecer Plano de Trabalho Parecer 0072/2022	• Veja o parecer
17/06/2022	Encaminhado ao Financeiro - procedimento prévio à contratação/conveniamto	
20/06/2022	Encaminhado ao Financeiro - procedimento prévio à contratação/conveniamto	
24/06/2022	Termo de Responsabilidade e Compromisso disponível	• Veja o parecer
28/06/2022	Protocolo - Contrato/aditivo assinado	
01/07/2022	TRC publicado	• Veja o parecer
07/07/2022	Pagamento	• Veja o parecer

## ANEXO D – PLANEJAMENTO DE EXECUÇÃO DO PROJETO

DATA	PLANEJAMENTO DE TRABALHO	PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS
11/07	Alinhamento das datas e autorização da ocupação da Praça Dante Alighieri e Praça das Feiras na Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA).	TODOS
22/07	Alinhamento do projeto e cronograma com todos os profissionais envolvidos.	Franciele Oliveira
26/07	Ensaio fotográfico	Franciele e Francisco Santos
até 31/07	Criação da identidade visual e aplicação	Gustavo Raasch
até dia 05/08	Seleção e edição das fotos	Franciele, Francisco, Demba e Fatou
agosto/22	Planejamento de comunicação	Paula Valduga
agosto/22	Expografia e suportes para a exposição	Geovana Erlo e Gustavo De Carli
agosto/22	Elaboração do material para o catálogo.	Franciele, Francisco, Demba, Ousmane, Fatou e Gustavo Raasch
setembro/22	Impressão e construção dos suportes para a exposição.	Gustavo De Carli
setembro/22	Diagramação do catálogo e revisão textual	Gustavo Raasch
setembro/22	Seleção dos materiais para o lambe	Franciele, Demba, Fatou e Fernanda Rieta
outubro/22	Envio do catálogo para bibliotecas e entidades públicas.	Franciele Oliveira
até dia 22/10	Colagem dos lambes pela área central	Fernanda Rieta
22/10	Inauguração na Praça Dante Alighieri	TODOS
29/10	Debate público - Os imigrantes em Caxias do Sul	Vivacidade, poder público e Centro de Atendimento ao Migrante
12/11	Realização da exposição na Praça do Trem	TODOS
19/11	Debate público - A importância do patrimônio negro na cidade	Vivacidade, poder público, instituições de memória e coletivos
outubro/22	Pagamento dos prestadores de serviço (3 meses)	Franciele Oliveira
novembro/22	Envio de certificado para os participantes	Franciele Oliveira
dezembro/22	Clipping do material do projeto	Franciele Oliveira
janeiro/22	Elaboração e apresentação da prestação de contas	Franciele Oliveira

## ANEXO E – CATÁLOGO VIRTUAL



Projeto financiado via Pró-cultura RS - Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Produção

Franciele Oliveira e Demba Sokhna

Curadoria

Demba Sokhna, Fatou Sokhna e Franciele Oliveira

Modelos

Abibou Diop, Oumou Khayri e Serigne Saliou

Diretor de arte

Francisco Santos

Expografia

Geovana Erlo

Assessoria técnica

Gustavo De Carli e Dilmar da Silva

Designer gráfico

Gustavo Raasch

Fotografia

Franciele Oliveira

Ilustração

Ousmane Mathurin

Artista de rua

Fernanda Rieta

Social media e assessoria de imprensa

Farol comunicações

Revisão textual

Raíssa Moraes

Pesquisa histórica

Franciele Oliveira

Realização



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DA CULTURA

outubro de 2022

## APRESENTAÇÃO

O projeto “Ver o outro: as famílias senegalesas muçulmanas na Serra Gaúcha” é resultado de uma pesquisa que vem sendo realizada desde 2018 junto à comunidade senegalesa de Caxias do Sul, resultado da dissertação de mestrado em História de Franciele Oliveira (2022). A pesquisa foi iniciada a partir da demanda de alguns membros da comunidade que, por estarem inseridos nas produções realizadas acerca da atual formação cultural da cidade, desejavam participar ativamente dessa arguição e ter suas vozes ouvidas. Tratando inicialmente da relação entre trabalho e religiosidade, o projeto ganhou novos significados quando passou a ouvir as mulheres que estavam, até então, raramente presentes nos estudos levantados, já que para além da atividade de trabalho exercida pelos imigrantes, apareceram novos sujeitos, como instituição da família. Junto dela, as saudades e outras dimensões afetivas e sensíveis da imigração se fizeram presentes nesse processo de adaptação. Ao longo do caminho, foi incorporada ao projeto a perspectiva decolonial, visto que tratamos, aqui, de sujeitos negros, muçulmanos, africanos e sul-periféricos; todas essas categorias impactam diretamente no movimento migratório, no acolhimento da cidade, nos empregos e na visão que as pessoas têm dos imigrantes. Para a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí, ver é um convite para diferenciar. No Ocidente, este vai ser o sentido privilegiado, utilizado durante muitos séculos para justificar atrocidades contra os povos vistos como racializados. Mas, através do ver, há também o contato com a pluralidade das diversas formas de ser cotidianas. Por meio da experiência estética, é possível compreender e ver a si mesmo no outro. Com base nessa discussão, o projeto realizou uma exposição fotográfica sobre as famílias senegalesas. A curadoria foi compartilhada com Demba e Fatou Sokhna, realizada dentro do projeto “Movi, saberes e fazeres migrantes”. A exposição circulou entre outubro e dezembro de 2022 na Praça Dante Alighieri e na Praça do Trem, ambas em Caxias do Sul. Além das fotografias, o artista Ousmane Mathurin produziu ilustrações que fizeram parte deste catálogo e da exposição. Nas ruas centrais da cidade, a artista Fernanda Rieta também colou frases, em formato de lambe-lambe, que foram selecionadas das 23 entrevistas realizadas entre os anos de 2018 a 2021. Todo o projeto teve acesso gratuito e disponibilizado nas redes sociais do “Movi, saberes e fazeres migrantes”.

Boa viagem!

Franciele Oliveira

QUEM TEM  
O TEMPO  
DE ENSINAR  
OUTRAS PESSOAS,  
TEM TEMPO  
DE ENSINAR A AMAR.

VER  
*o outro*

@movisaberesefazeresmigrantes

Realização



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA



Durante séculos e séculos, os homens viviam como nômades sem perceber. Terras e terras foram descobertas. Alguns eram nativos, enquanto outros eram estrangeiros, imigrantes, turistas ou mesmo invasores.

No século 21, com o decorrer da história, esse fenômeno viralizou com suas múltiplas dificuldades e incertezas, tanto demográficas quanto econômicas. Isso fez do Brasil, do Rio Grande do Sul em particular, um pólo migratório, espaço em que diversas nacionalidades se encontravam, e ainda se encontram, para arquitetar uma vida melhor ou simplesmente recomeçá-la em um novo lugar. É nesse espaço que o exercício de olhar para o outro se desenvolve.

**QUEM SOU EU? DE QUE FORMA MEU SEMELHANTE VIVE EM SUA CULTURA?  
EIS A IMPORTÂNCIA DE CONVIVER COM OUTROS INDIVÍDUOS,  
DE TER O PRIVILÉGIO DE PRESTIGIAR SUA TOTALIDADE CULTURAL E SUAS  
DIVERSAS FORMAS DE EXPRESSÃO.**


Demba Sokhna  
produtor cultural, educador e humanista



EU NUNCA PENSEI  
NA MINHA VIDA  
QUE EU FOSSE  
SAIR DA MINHA  
TERRA PARA VIR  
PARA OUTRO PAÍS.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER  
o outro



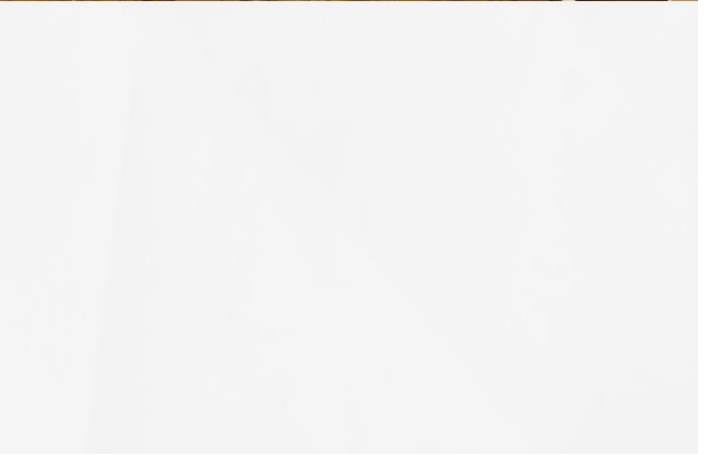
Na primeira metade do século XXI, Caxias do Sul, segunda cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, recebeu imigrantes vindos do Senegal em busca de trabalho e novas oportunidades. O grupo era composto, em sua maioria, por homens e jovens que movimentaram a cidade. Caxias buscou constituir-se historicamente como um recanto europeu na Serra, preservando e exaltando os valores da fé católica e do trabalho da imigração italiana, mas apagou os povos indígenas de sua história.

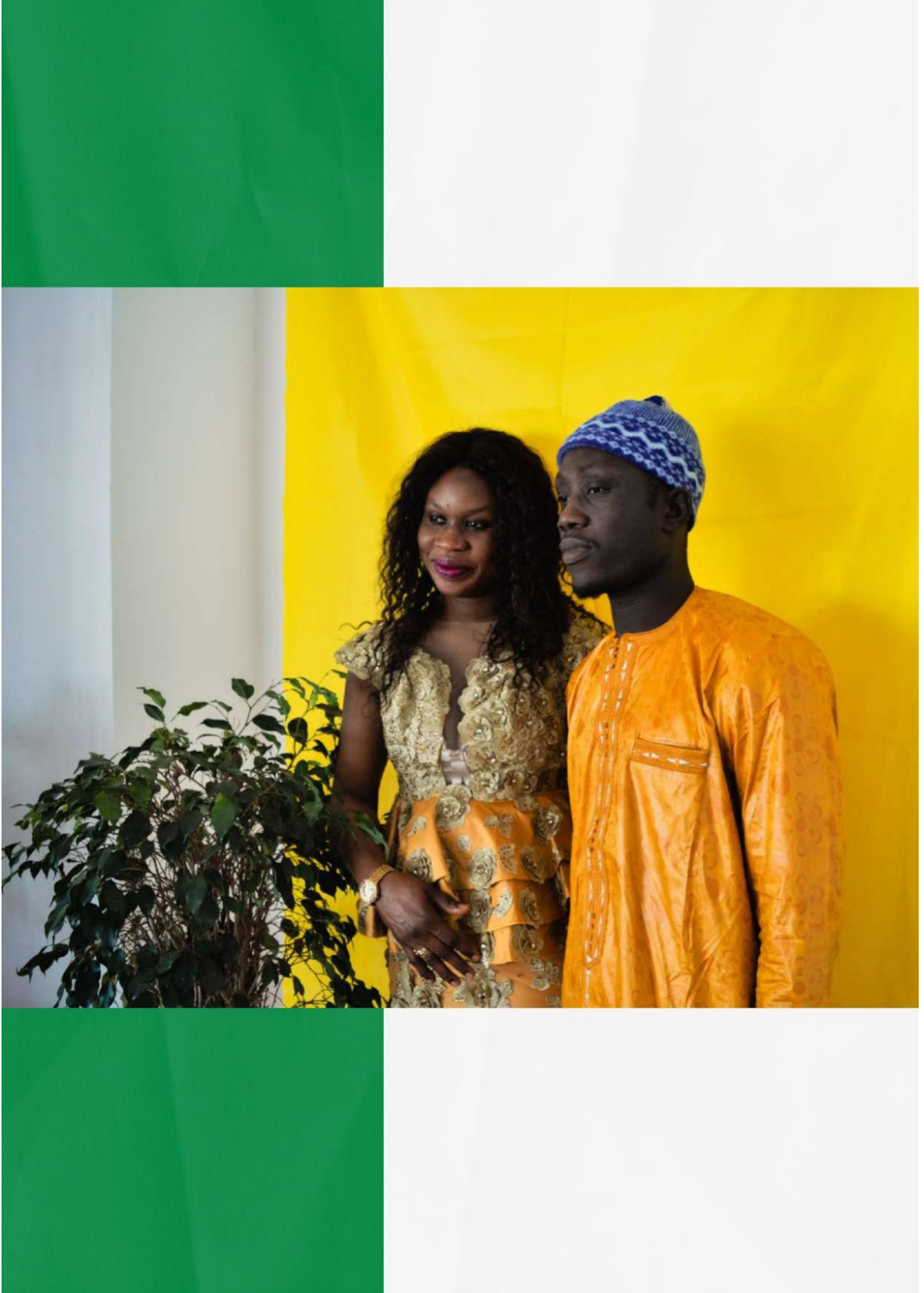
A imigração senegalesa chegou à cidade promovendo uma nova paisagem, trazendo novas perspectivas, conhecimentos, esperanças, homens, mulheres e crianças em seu movimento migratório Sul-Sul.

A praça Dante Alighieri, a mais antiga do município, passou a ter cores e sons diferentes devido à ressignificação dada pelos imigrantes a esse espaço central e movimentado da cidade. Foi a partir de 2016, nesse movimento entre os dois países de costa atlântica, que apareceram novos sujeitos: a família. Junto dela, as saudades e outras dimensões afetivas e sensíveis da imigração se fizeram presentes nesse processo de adaptação. Se o trabalho trouxe os imigrantes até aqui, foram suas famílias as motivadoras do deslocamento na busca de melhores condições de vida.

Franciele Oliveira  
Historiadora e produtora cultural









O olhar direcionado ao outro tem o objetivo de trazer para os espaços públicos e para a cidade uma narrativa sensibilizadora das imigrações contemporâneas e de sujeitos por meio da arte. Tem o objetivo de nutrir a possibilidade de ver, efetivamente, as outras tantas dimensões da imigração para além do trabalho. A imagem educa pelo olhar (MAUAD, 2015) e o projeto busca instigar que a população veja mais humanitariamente a presença dos imigrantes no Brasil, com o intuito de contribuir com a construção de uma sociedade mais justa, equitativa, antirracista e democrática.

Franciele Oliveira  
Historiadora e produtora cultural





OUSMANE MATHRUIN NDIAYE

**QUEM FALA DE IMIGRAÇÃO, FALA DE CHOQUE CULTURAL.  
FALA DE PESSOAS QUE VÃO A OUTROS PAÍSES PARA  
TRABALHAR E PARA GANHAR A VIDA.  
MAS A IMIGRAÇÃO NÃO SE LIMITA SÓ AO TRABALHO.**

Demba Sokhna  
produtor cultural, educador e humanista

DEPOIS DA ENTREVISTA  
NINGUÉM ME CHAMOU  
PORQUE EU ACHO QUE  
ELE NÃO VAI  
CONFIAR A UM  
ESTRANGEIRO  
QUE VEM DE FORA.

VER  
*o outro*

@movisaberesefazeresmigrantes

# NARRATIVAS EM TRÂNSITO

Viver demanda movimento e é o que dá sentido a esta História. Caxias do Sul recebeu, a partir de 2010, cerca de 2.389 imigrantes (2011 a 2016, Centro de Atendimento ao Migrante) vindos do Senegal em busca de trabalho. A imigração, para essas pessoas, é um modo de vida que envolve o constante processo de manter suas famílias com boas condições financeiras e de enviar parte da própria renda como auxílio aos que permaneceram em seu país de origem.

PARA MARIAMA BABJI, IMIGRANTE SENEGALESA,  
A GENTE SE CONSIDERA COMO IRMÃOS

Para os imigrantes que vêm de diferentes regiões do Senegal, há, em comum, o ser estrangeiro, senegalês, negro e muçulmano em Caxias do Sul. O Islã é uma das características mais importantes do grupo, pois é ensinado desde a infância. Com ele, diversos hábitos são praticados, tais como o não consumo de álcool e da carne de porco, a realização de 5 orações diárias e a partilha com os semelhantes, principalmente no mês de jejum, durante o Ramadã, e no Magal de Touba.

Além disso, ser muçulmano é um dos laços que une os senegaleses em terras distantes, mesmo que dentro da própria comunidade existam diferentes Islãs (mourides, tidianes, laienes e religiosos do ramo mouride baye fall). É importante lembrar que desde a década de 80 existem comunidades muçulmanas na cidade de Caxias do Sul e, atualmente, outros grupos de imigrantes também compartilham essa característica. O Islã é a religião que mais cresce no mundo.





Nos anos de 1970 e 1980, o Senegal passou por adversidades climáticas e econômicas, impulsionando os deslocamentos internos das áreas rurais para a cidade e, conseqüentemente, a urbanização do país e a mudança da imigração feminina. Com esse aumento gradual de mulheres em deslocamento, seja de forma independente ou para o reagrupamento familiar, as senegalesas passaram a contribuir com a renda das famílias. A Europa foi o principal destino desses imigrantes durante muito tempo, até a crise de 2008, em que novas rotas de deslocamento foram observadas, como o Brasil.



**"EU NUNCA PENSEI, DURANTE TODA A MINHA VIDA, QUE EU FOSSE SAIR DA MINHA TERRA PARA IR PARA OUTRO PAÍS. JAMAIS IMAGINEI, ISSO NUNCA PASSOU PELA MINHA CABEÇA. MAS, UM DIA, MEU MARIDO FALOU QUE IA PARA O BRASIL, EU CONVERSEI COM ELE PORQUE ELE QUERIA IR, PORQUE JÁ TÍNHAMOS TRABALHO E AS COISAS PARA VIVER LÁ. ELE FALOU PARA MIM: "EU VOU VIAJAR PORQUE EU OUVI QUE LÁ SE GANHA MAIS DO QUE AQUI NO SENEGAL".**

Fatou Sokhna  
trancista



A partir de 2016, a imigração de mulheres imigrantes senegalesas aumentou na cidade. Esse processo evidenciou uma nova etapa de migração da comunidade no município, já que se tratava, também, de um momento de reunião da família nuclear entre esposas, maridos e filhos. Para Sahko, Diop, Mboup e Diadiou (2015), entre 1975 e 2008, a imigração feminina do Senegal cresceu e esse aumento gerou contribuições para a renda das famílias africanas. Segundo dados da ONU, as mulheres representavam 48% dos 232 milhões de imigrantes internacionais no mundo em 2013.



O ISLÃ É  
MUITO IMPORTANTE,  
PORQUE É UMA LUZ  
QUE MOSTRA O  
CAMINHO CERTO  
PRA MIM.

@movisabereseferesmigrantes

VER  
*o outro*





# AS FAMÍLIAS

O movimento da comunidade senegalesa em Caxias do Sul diz respeito à família.

A família é um fenômeno além de biológico. É cultural, social e histórico. É uma instituição que é responsável, além da vida privada, pela formação e socialização das pessoas. As famílias senegalesas são muçulmanas – isso, por si só, dá a elas um valor sagrado. Aqui, estamos nos referindo a uma família nuclear, composta por esposa, marido e filhos. Essas famílias não se vinculam apenas pelos laços biológicos, mas também pelas experiências e situações pelas quais passaram. Por exemplo, pelo acolhimento e pelos vínculos construídos, as primas tratam-se como irmãs e pais e mães brasileiros ganham filhos senegaleses já adultos.

No processo de deslocamento do núcleo familiar há, também, muitas crianças que não migraram com suas mães. Em conversas informais, houveram discussões acerca da dificuldade da obtenção de autorização de ingresso no Brasil para as mulheres e crianças, algo que problematizou o processo de reunificação familiar desses grupos. A reunificação é um direito da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989), ratificado pelo Brasil em 1990, mas que vem sendo desrespeitado conforme convém ao governo a opção de permitir ou negar esse direito aos imigrantes.



OSMANE MATRIUIN NDIAYE

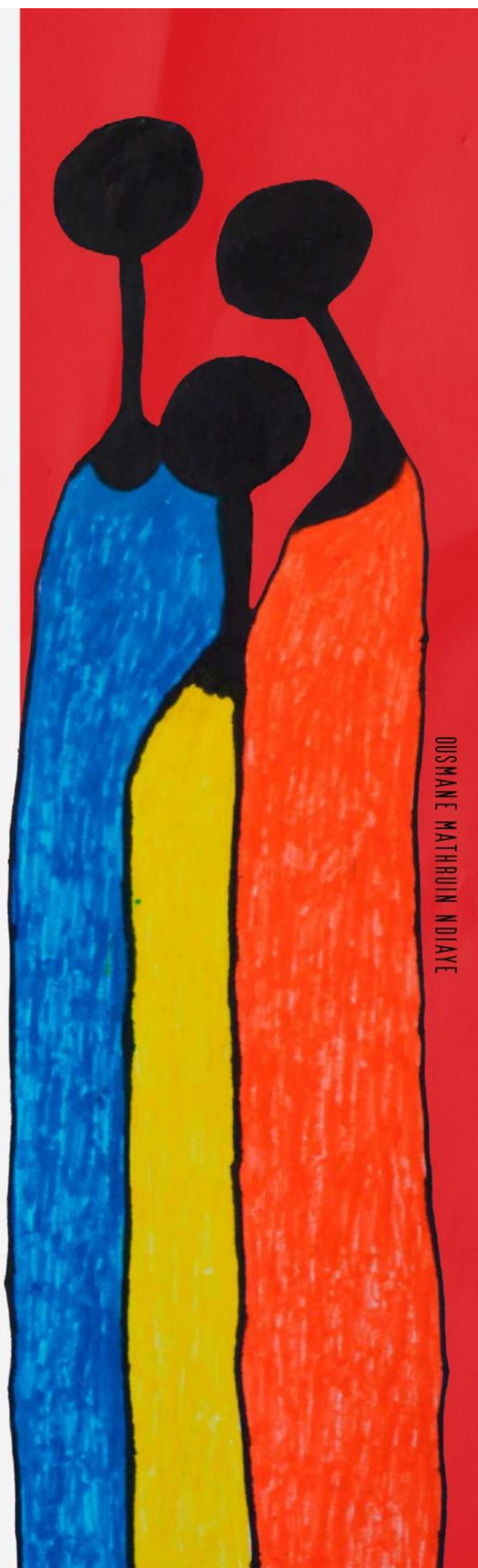
As mulheres senegalesas vieram para o Brasil em menor número em relação aos homens e, em sua maioria, migraram devido ao deslocamento de seus maridos, com o intuito de reunir suas famílias. A mulher-mãe, para a pesquisadora Maria do Carmo dos Santos Gonçalves (2020), ocupa um lugar central neste grupo familiar, acomodando uma herança matrilinear na cultura dos migrantes. A mulher se autodetermina a partir da maternidade e da constituição da sua família, algo ensinado desde a infância. Em Caxias do Sul, percebeu-se que a ocupação de espaços de trabalho e de lugares na sociedade é limitada pelo fato de que essas mulheres são imigrantes negras africanas. Nas pesquisas sobre o caso dos senegaleses na cidade, são consensuais os casos de racismo, seja nos espaços de trabalho ou seja a partir de olhares tortos e de palavras. Cabe destacar que isso afeta as crianças, tanto as migrantes como as brasileiras com ascendência senegalesa. É urgente que nos atentemos para esse problema, que olhemos para os espaços de trabalho, para as universidades, para as escolas e para outros tantos locais afetados pelo preconceito contra os imigrantes.

Na região, além de todo esse acúmulo de preconceitos, há o fato de que muitas senegalesas não usam o véu/hijab – para tentar se integrar na sociedade local, elas usam roupas características da região. Dessa forma, essas mulheres não são percebidas como muçulmanas, principalmente pela ideia de que a visão estereotipada da mulher muçulmana no Ocidente está muito ligada ao uso do hijab.

---

**OUVIR ESSA VOZ FEMININA SILENCIADA  
É ESSENCIAL PARA AMPLIARMOS NOSSAS  
PERCEPÇÕES COM RELAÇÃO AOS PROCESSOS  
IMIGRATÓRIOS E PARA REIVINDICARMOS  
A REFORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS  
E GARANTIA DE DIREITOS.**

---



OUSMANE MATHRUIN NDIAYE

A MENINA TINHA DOIS ANOS  
QUANDO A DEIXEI.  
EU FUI VIAJAR, SAÍ DE CASA  
E DENTRO DO AVIÃO COMECEI  
A CHORAR DE SAUDADE,  
AI MEU DEUS, FOI MUITO  
DIFÍCIL PRA MIM NO INÍCIO.

VER  
*o-outro*

@movisaberesefazeresmigrantes







MEU FILHO DISSE:  
MÃE, A MINHA  
PROFESSORA QUE  
ELA É COR DE PELE.  
PORQUE ELES CHAMAM  
OS BRANCOS DE  
COR DE PELE, E  
NÓS SOMOS MARROM.

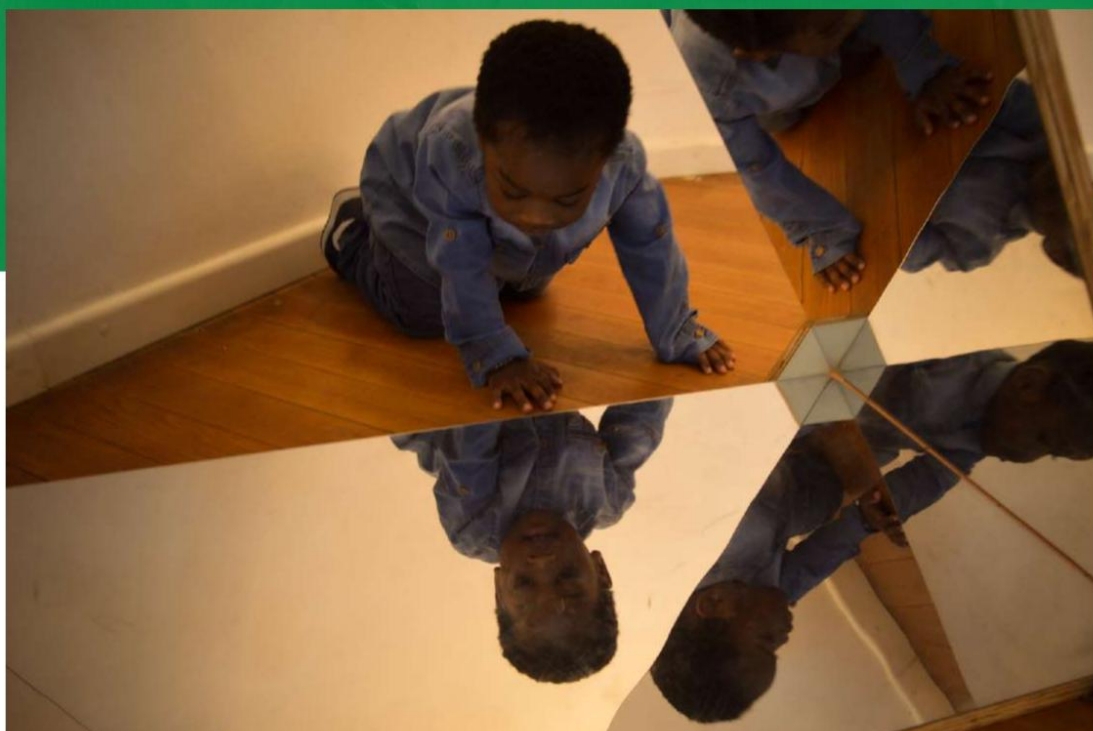
VER  
*o outro*

@movisaberesefazeresmigrantes

# VER

É na rua que a vida acontece e a Arte e a História fazem parte desse movimento.

A exposição “Ver o outro” buscou abordar, por meio da fotografia, a dimensão da família de forma a sensibilizar e possibilitar o contato de outras extensões da imigração para além da pura e simples ideia de trabalho. Essa apresentação proporcionou o contato com a cultura imigrante senegalesa e registrou a trajetória e as tradições desses grupos parentais em Caxias do Sul a partir da fotografia, de forma a criar um espaço de trocas entre diferentes histórias de vida e saberes que promoveram reflexão, sororidade e respeito à diversidade. Para os espaços públicos e centrais da cidade, levou-se uma história da comunidade senegalesa de forma positiva e valorizada. A fotografia e as artes visuais foram utilizadas como fundamentos da memória cultural, importante na formação do cidadão, agente integrante e participativo nesses processos de desenvolvimento de uma cultura de paz, que respeite a diversidade cultural, religiosa e étnica dos diferentes povos.



**OLHAR É UM CONVITE PARA DIFERENCIAR**



OUSMANE MATHRUIN NDIAYE

## CAXIAS DO SUL

A imigração senegalesa para Caxias do Sul marca o novo contexto global dos deslocamentos Sul-Sul. São sujeitos de países com economias e políticas historicamente desestabilizadas, que já não cruzam fronteiras para o Norte em busca de melhor qualidade de vida. Pode-se perceber que Caxias do Sul se movimenta para pensar sua história para além da imigração italiana. Há, porém, um longo caminho a ser percorrido.

AS PESSOAS  
SEMPRE  
VÃO OLHAR  
A GENTE COM  
UM OLHAR  
DIFERENTE.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER  
*o outro*

# MATHURIN - UM ARTISTA SEM FRONTEIRAS



OSMANE MATHURIN NDIAYE

Ousmane Mathurin Ndiaye é um artista plástico senegalês formado pela École Nationale des Beaux-Arts de Dakar no Senegal. A disposição de Mathurin para com as artes plásticas iniciou-se ainda na adolescência em Pikine, departamento da grande Dakar, onde desenvolveu, em pequenos ateliês de arte comunitária, os seus primeiros trabalhos em conformidade à uma tradição de pintura considera tradicional naquele país.

Conhecida como suweer (termo em Wolof), ou peinture sous verre (pintura sobre o vidro), essa modalidade de pintura originária em Bizâncio, espalhou-se pela Europa Central e Oriental, e em toda a bacia do Mediterrâneo durante os séculos XVIII e XIX. Encontrada igualmente na Índia e na China, a pintura sobre o vidro, desenvolveu-se com maior profusão em alguns países do norte da África, no final século XIX. No Senegal, o suweer terá seu surgimento na década de 1930. A técnica consiste, basicamente, em um desenho de tinta nanquim feito na parte de trás da superfície do vidro, o qual recebe, posteriormente, um preenchimento de cores que vão dando forma à obra através a composição com diferentes cores. Inicialmente, os temas abordados pelos

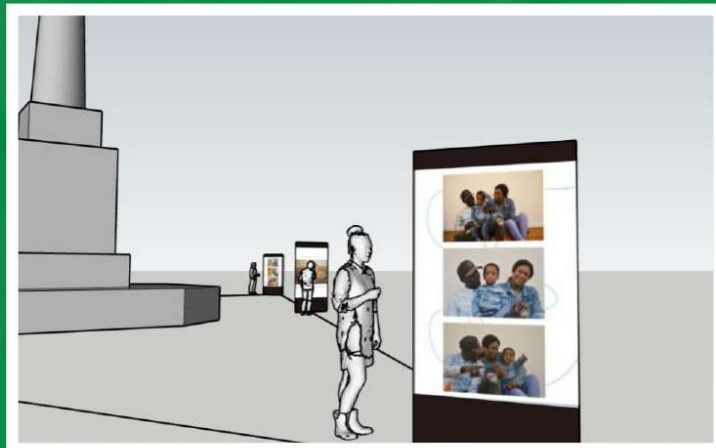
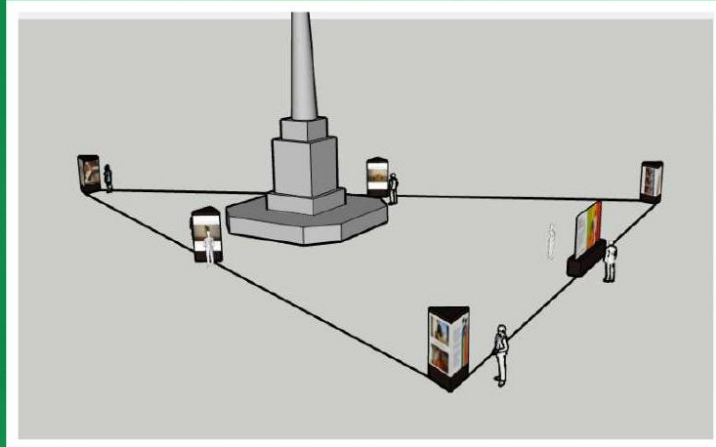
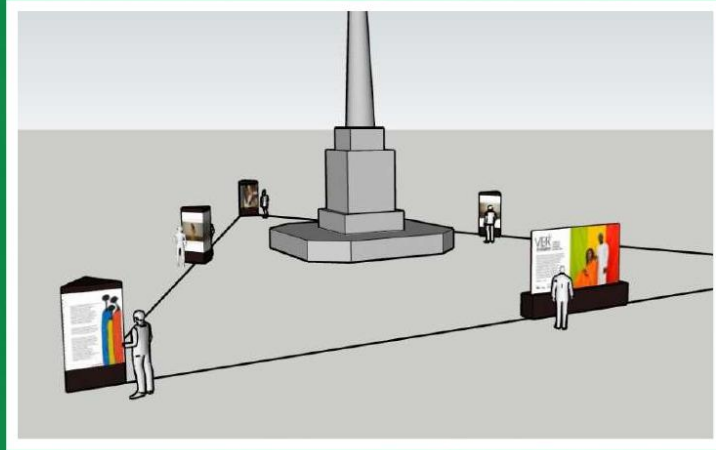
artistas do suweer, reivindicavam uma inspiração islâmica e utilizavam elementos estilísticos de influência norte-africana. Mais tarde, os temas se ampliarão para outros temas seculares, e buscarão retratar aspectos da vida cotidiana senegalesa.

A trajetória artística de Mathurin confunde-se com sua própria experiência migratória. Após a graduação universitária, o artista almejava construir uma carreira profissional no Brasil, para onde migrou no ano de 2013. Estabelecendo-se em Caxias do Sul-RS, criou o coletivo Math Art e realizou diversas exposições no estilo suweer, em espaços culturais da cidade. Com poética própria, o trabalho de Mathurin busca, a partir do traço da corporalidade feminina, retratar a centralidade e importância das mulheres africanas em suas sociedades. Seja nas savanas, em comunidades rurais ou nas grandes cidades, as figuras delineadas pelo artista representam uma porta de entrada às suas memórias de infância no Senegal e a sua experiência migratória para o Brasil. Atualmente, o artista que deixou Caxias do Sul para alçar novos voos, reside na cidade de Nova York nos Estados Unidos.

Cristiano Sobroza Monteiro  
Antropólogo e Professor da UCS



# EXPOGRAFIA



Norteadas pela máxima de que viver demanda movimento e de que mover dá sentido às histórias feitas de trajetórias, a exposição “Ver o Outro: as famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul” foi pensada coletivamente de forma a representar a poética dos encontros e desencontros das famílias senegalesas na cidade de Caxias do Sul. As implicações do ser muçulmano, do ser senegalês, do ser mulher, homem e criança e, conseqüentemente, do preconceito que estes estatutos suscitam quando não há alteridade, são os temas mobilizadores do projeto.

A necessidade do estímulo ao questionamento sobre práticas que silenciam, invisibilizam e segregam se faz cada vez mais presente na sociedade atual – ainda mais em uma região que se orgulha de ter sido formada por imigrantes europeus ao mesmo tempo que renega as migrações contemporâneas internas e externas. Por isso, a terminação “ver” presente em “viver” e “mover” suscita reflexões sobre quem é o “eu” e quem é o “outro” no mundo onde as fronteiras físicas se desfazem ao mesmo tempo em que as barreiras simbólicas são erigidas.

O painel de abertura apresenta os personagens que mediam estas discussões por meio de ilustrações e fotografias. Este mesmo suporte nos convida a interagir com a proposta, respondendo “e você, é um outro de que lugar?”. Fios vermelhos – uma das cores da bandeira do Senegal que compõem a identidade visual do projeto – partem deste primeiro suporte, nos levando a percorrer um sinuoso caminho entre os outros cinco totens que constroem a narrativa de vida destes e tantos “outros eus” protagonistas.

Dispostos em forma triangular no entorno do Monumento à Liberdade – um marco representativo para as famílias senegalesas que fizeram da Praça Dante Alighieri um importante ponto de encontro – e na Praça das Feiras, estes suportes feitos com madeira de demolição e reflorestamento ressaltam a dimensão humana do emigrar. O triângulo representa a mais resistente das bases pelo fato de todos os seus lados estarem em contato e, não coincidentemente, este formato aponta para o Sul (e, ironicamente, à Catedral de Santa Tereza, santidade que nomeava a região antes de ela se tornar Caxias do Sul) no intuito de descolonizar o olhar sobre o Sul Global.

Cada um dos totens também possui três faces. Porém, nenhuma é simetricamente alinhada à mesma direção – ilustrando a mobilidade e fomentando a curiosidade do grande fluxo de pessoas que passam pelas ruas laterais. A curiosidade é o motor da educação emancipadora para o (re)conhecimento, que por sua vez, só se dá com a (inter)ação. Este é o principal pilar desta proposta expográfica, que propõe a imersão do público em torno da problematização: o que é ver o “outro”?

# INTERVENÇÃO URBANA

Ver o outro não é algo que é fácil, ver o outro é um exercício de empatia, de saber se colocar em um lugar ao qual me é desconhecido. Pra enxergar realmente, as vezes é necessário esbarrar, atravessar. Não existe território mais possível de isso acontecer que a rua, as paredes, postes e estruturas modernas ou não nos mostram um lugar em comum a todos. O lambe lambe é uma das formas de conversar dentro da arte de rua, ele nos trás questionamentos, cartazes colados por entre o espaço que transitamos, eles muitas vezes nos fazem visitar o impensável. Quem é o outro? Como o outro ve o espaço que eu também ocupo? Será que essa rua é só minha? Como é viver longe de onde me sinto pertencente? Estes são alguns dos questionamentos que podemos nos esbarrar em meio aos cartazes colados da exposição Ver o Outro.

Fernanda Rieta  
artista de rua

VOCÊS PODEM  
ME ACHAR  
DIFERENTE DE VOCÊS,  
É VERDADE,  
MAS NINGUÉM  
VAI INSULTAR  
MINHA INTELIGÊNCIA.

@movisaberrefazeremigrantes

VER  
o outro

OS DIPLOMAS  
DO SENEGAL  
NÃO VALEM AQUI,  
TEM QUE FAZER  
TUDO DE NOVO.

@movisaberrefazeremigrantes

VER  
o outro

É O SONHO DE  
TODA MÃE, VÊ  
A FILHA UM  
DIA CASAR NÉ,  
VÊ OS NETOS  
E TUDO.

@movisaberrefazeremigrantes

VER  
o outro



NA ÁFRICA, COSTUMA-SE DIZER  
QUE SE VOCÊ QUER CONHECER BEM  
O QUE TEM EM UMA FLORESTA,  
BASTA VER SE ELA POSSUI BASTANTE BAOBÁ.  
O BAOBÁ NA ÁFRICA É GRANDE,  
TEM UM TRONCO QUE É ENORME.  
SE VOCÊ NÃO IR ATRÁS DESSA ÁRVORE,  
CONSEQUENTEMENTE NÃO SABERÁ  
O QUE TEM ATRÁS DELA.  
É PRECISO EXPLORAR A FLORESTA  
E NÃO FICAR SÓ NA FRENTE,  
SE NÃO...  
NUNCA SABERÁ O QUE TEM DENTRO!

Mamadou Abdoul Sène  
Chef Fusion Cuisine e professor

